



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARIA CLARA BATISTA MONTEIRO**

**O GÊNERO ENSAIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO EM PERIÓDICOS QUALIS**  
**CAPES A1 DA ÁREA DE LETRAS**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2025**

MARIA CLARA BATISTA MONTEIRO

**O GÊNERO ENSAIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO EM PERIÓDICOS QUALIS  
CAPES A1 DA ÁREA DE LETRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Celi Mendes Pereira

JOÃO PESSOA – PB

2025

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M775g Monteiro, Maria Clara Batista.

O gênero ensaio acadêmico-científico em periódicos  
Qualis Capes A1 da área de Letras / Maria Clara Batista  
Monteiro. - João Pessoa, 2025.  
127 f. : il.

Orientação: Regina Celi Mendes Pereira.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Ensaio acadêmico-científico. 3.  
Interacionismo sociodiscursivo. 4. Periódicos  
científicos. 5. Modelo didático do gênero. I. Pereira,  
Regina Celi Mendes. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)


## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MARIA CLARA BATISTA MONTEIRO

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco (21/07/2025), às nove horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada “**GÊNERO ENSAIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO EM PERIÓDICOS QUALIS CAPES A1 DA ÁREA DE LETRAS**”, apresentada pelo(a) mestrando(a) **MARIA CLARA BATISTA MONTEIRO**, Licenciado(a) em Letras pelo(a) Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Linguística e Práticas Sociais**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Regina Celi Mendes Pereira (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Eliane Gouveia Lousada (Examinadora/ USP) e Evandro Gonçalves Leite (Examinador/IFRN). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Regina Celi Mendes Pereira convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito **aprovada** \_\_\_\_\_. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Regina Celi Mendes Pereira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 21 de julho de 2025.

### Observações

A banca destaca o mérito da pesquisa e da escrita da concluinte, em seus aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. A banca também indica que o trabalho seja publicado e divulgado dada a sua relevância.

Prof(a). Dr(a). Regina Celi Mendes Pereira  
(Presidente da Banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
 REGINA CELI MENDES PEREIRA DA SILVA  
Data: 22/07/2025 07:23:03-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof(a).Dr(a). Eliane Gouveia Lousada  
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
 ELIANE GOUVEIA LOUSADA  
Data: 24/07/2025 13:11:07-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Evandro Gonçalves Leite  
(Examinador)

Documento assinado digitalmente  
 EVANDRO GONCALVES LEITE  
Data: 23/07/2025 05:58:29-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

## DEDICATÓRIA

DEDICO este trabalho à minha mãe, *Adriana Carla Batista*, que teceu a minha vida fibra por fibra, com sua coragem e destreza de mulher seridoense.

## AGRADECIMENTOS

A Regina Celi Mendes Pereira: por ter me acolhido com a generosidade e a competência que lhe são inerentes; pela presteza e sabedoria na condução desta pesquisa.

A Evandro Gonçalves Leite e a Eliane Gouvêa Lousada: pela participação na banca de qualificação desta pesquisa com generosas reflexões e contribuições as quais impulsionaram meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) e à Universidade Federal da Paraíba: pelo incentivo à formação de excelência e pelo apoio financeiro para participação do XII SIGET, em Belo Horizonte, para a socialização de produtos deste estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): pelo financiamento da pesquisa e pela oportunidade de me dedicar exclusivamente ao desenvolvimento deste trabalho.

A Adriana Carla Batista: por seu amor materno – força que me nutre, me conduz e me protege; pelo dom e a esperança da/na vida; por todos os momentos que só tivemos uma à outra; por tudo o que faz de mim o que fui, sou e quero ser.

A Ubaldo Pereira Monteiro (*In Memoriam*): por ter sido o que meu pai não teve tempo de vida para ser; por ter sonhado esses sonhos os quais não pôde vê-los realizados.

A Wendell Rodrigues Monteiro (*In Memoriam*): por ter sempre me chamado de *pipinha*, como se soubesse que, ainda muito nova, precisaria de sua proteção celestial.

Aos meus familiares: pelo apoio e compreensão, mesmo nos momentos em que precisei me ausentar. Em especial, agradeço à tia Aline, por ter me recebido sempre com muito afeto – e pizza! – em sua casa, nas vezes em que precisei de um lar em João Pessoa.

A Ana Virgínia Lima da Silva Rocha: por ter me introduzido na pesquisa, desde o segundo até o último semestre do curso de Letras; pelo incentivo para que prestasse o processo seletivo do mestrado; pelas conversas e conselhos durante todo meu percurso.

A Alícia, Júlio, Michael, Cecília, Bianca, Renildo, Álvaro, Clara, Eduardo, Carol, Marana, Maria Eduarda, Vitória e Thaismá: pelas palavras, escutas e gestos que me envolveram de confiança e afeto em cada etapa.

A Rute: por não ter deixado com que me faltasse amor e compreensão nesse processo.

A Caetano: pela companhia na escrita de todas as páginas desta dissertação; e pelas vezes em que tentou escrever algumas delas com suas patinhas.

Aos colegas do grupo Ateliê de Textos Acadêmicos: pelas partilhas e incentivos para o aprimoramento desta pesquisa.

## RESUMO

O ensaio acadêmico/científico é um gênero ainda pouco investigado no campo da Linguística Aplicada brasileira. Além disso, a maioria dos trabalhos são voltados para a análise de ensaios desenvolvidos num contexto de ensino-aprendizagem, em que os papéis sociais assumidos pela relação autor-leitor não ultrapassam os limites da relação aluno-professor. Diante desse contexto, a presente dissertação tem como objetivo caracterizar o gênero ensaio publicado nos periódicos Qualis Capes A1 das áreas de Linguística e de Literatura. Esse objetivo, consequentemente, desdobra-se em quatro objetivos específicos, que são: i) descrever os parâmetros do contexto de produção de ensaios acadêmicos nos periódicos brasileiros de excelência na área de Linguística e de Literatura; ii) analisar a arquitetura interna desses ensaios acadêmicos, no que se refere à infraestrutura geral do texto; aos mecanismos de textualização; e aos mecanismos enunciativos; iii) refletir sobre as especificidades e aproximações entre os ensaios de Linguística e de Literatura; e iv) identificar as dimensões ensináveis do gênero e, a partir delas, propor um Modelo Didático do Gênero. Para tanto, ancorou-se no arcabouço teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2023; Bronckart, 2006) e dos estudos do letramento acadêmico (Lousada e Dezutter, 2023). A pesquisa, de natureza qualitativo-interpretativista, inserida no âmbito da Linguística Aplicada (LA), analisou o *corpus* de dez (10) ensaios acadêmicos científicos, em conjunto com as Diretrizes para Autores das revistas em que foram publicados. Dessa maneira, a análise dos parâmetros do contexto de produção nos levou a identificar o ensaio como um gênero em clandestinidade, uma vez que, na maioria dos casos, ele não é previsto pelas diretrizes das revistas, mesmo quando expressivamente publicado. No que se refere à arquitetura, interna, identificamos que as particularidades da cultura disciplinar se presentificam nos três níveis do folhado textual, elucidando uma dimensão caleidoscópica do gênero (Pereira, Basílio, Leitão, 2017), haja vista seus múltiplos contornos. Por fim, realizamos a proposição do Modelo Didático do Gênero ensaio acadêmico-científico a ser adaptado por professores universitários de graduação e pós-graduação na constituição de Sequências Didáticas.

**Palavras-chave:** Ensaio acadêmico-científico; Interacionismo Sociodiscursivo; Periódicos científicos; Modelo Didático do Gênero.

## ABSTRACT

The academic/scientific essay is a genre that remains relatively underexplored within the field of Brazilian Applied Linguistics. Furthermore, most existing studies focus on the analysis of essays produced within teaching-learning contexts, where the social roles assumed by the author-reader relationship do not extend beyond the boundaries of the student-teacher dynamic. In this context, the present dissertation aims to characterize the essay genre as published in Qualis Capes A1 journals in the fields of Linguistics and Literature. This main objective unfolds into four specific goals: (i) to describe the parameters of the production context of academic essays in top-tier Brazilian journals in the fields of Linguistics and Literature; (ii) to reflect on the specificities and similarities between essays in Linguistics and those in Literature; (iii) to analyze the internal architecture of these academic essays, with regard to their general textual infrastructure, textualization mechanisms, and enunciative mechanisms; and (iv) to identify the teachable dimensions of the genre and, based on them, propose a Didactic Model of the Genre. To conclude, the study is grounded in the theoretical framework of Socio-Discursive Interactionism (Bronckart, 2023; Bronckart, 2006) and in academic literacy studies (Lousada & Dezutter, 2023). This qualitative-interpretative research, situated within the scope of Applied Linguistics (AL), analyzed a corpus of four (4) academic scientific essays, alongside the Author Guidelines of the journals in which they were published. The analysis of the production context parameters led us to identify the essay as a clandestine genre, since, in most cases, it is not explicitly included in the journals' author guidelines, even when widely published. Regarding internal architecture, we found that the particularities of the disciplinary culture are manifested at all three levels of textual layering, revealing a kaleidoscopic dimension of the genre (Pereira, Basílio, Leitão, 2017), given its multiple contours. Finally, we propose the Didactic Model of the academic-scientific essay genre, designed to be adapted by university professors at both undergraduate and graduate levels in the development of Didactic Sequences.

**Keywords:** Academic/scientific essay; Socio-Discursive Interactionism; Academic journal; Didactic Model of the Genre.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Conceito operacional de ensaio acadêmico para Galvão (2018) .....	29
<b>Figura 2</b> – Box Falando com o aluno.....	33
<b>Figura 3</b> - Condições de produção das ações de linguagem.....	41
<b>Figura 4</b> - Esquema do folhado textual de Bronckart (2023).....	54
<b>Figura 5</b> - Organização do Colégio das Humanidades.....	64
<b>Figura 6</b> - Drawing Hands.....	87

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Planejamento do minicurso Ateliê de Textos Acadêmicos: tecendo o ensaio	9
<b>Quadro 2</b> - O ensaio e suas características .....	21
<b>Quadro 3</b> - Divisão entre ensaio acadêmico e ensaio acadêmico-científico .....	24
<b>Quadro 4</b> - Parâmetros de análise do contexto sociossubjetivo .....	42
<b>Quadro 5</b> - Sequências, representações dos efeitos pretendidos e fases correspondentes .....	46
<b>Quadro 6</b> - Relação e justificativa dos periódicos que compõem o corpus .....	70
<b>Quadro 7</b> - Apresentação dos ensaios que compõem o corpus .....	71
<b>Quadro 8</b> - Relações entre elementos metodológicos.....	73
<b>Quadro 9</b> - Contexto de produção dos ensaios de Literatura .....	76
<b>Quadro 10</b> - Conteúdo verbal dos ensaios de Literatura.....	79
<b>Quadro 11</b> - Contexto de produção dos ensaios de Linguística .....	83
<b>Quadro 12</b> - Conteúdo verbal dos ensaios de Linguística.....	85
<b>Quadro 13</b> - Plano geral Literatura .....	91
<b>Quadro 14</b> - Plano geral Linguística.....	92
<b>Quadro 15</b> - MDG do ensaio acadêmico-científico.....	112

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 2</b> - Constituição inicial dos grupos pela relação previsão x publicação.....	67
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Dados estatísticos da relação Previsão x Publicação .....	67
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ATA – Ateliê de Textos Acadêmicos

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CL - Capacidades de Linguagem

CPRI - Ciências Políticas e Relações Internacionais

D.E.L.T.A. - Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada

IA – Inteligência Artificial

InELC - Instituto de Estudos Linguísticos e Culturais

IS - Interacionismo Social

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

LA – Linguística Aplicada

LeD – Linguagem em (Dis)curso

LT – Linguística Textual

MDG – Modelo Didática do Gênero

NEL - Novos Estudos do Letramento

RBLC – Revista Brasileira de Literatura Comparada

RSL - Revisão Sistemática da Literatura

SD – Sequências Didáticas

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1. SOBRE A PESQUISA .....</b>	<b>8</b>
<b>2. O ENSAIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO: A CONSTITUIÇÃO DE UM OBJETO .....</b>	<b>15</b>
1.1. O percurso do ensaio: dos Castelos de Montaigne à Academia .....	18
1.2. A caracterização do ensaio acadêmico-científico.....	23
<b>3. CONTRIBUIÇÕES DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO PARA ANÁLISE DE TEXTOS .....</b>	<b>35</b>
3.1. Pressupostos epistemológicos .....	37
3.2. O estatuto do texto.....	40
<b>4. GÊNEROS DE TEXTO E MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO.....</b>	<b>55</b>
4.1. O Modelo Didático de Gênero .....	59
<b>5. CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>62</b>
5.1. Seleção do corpus e procedimentos de análise .....	63
<b>5. UM GÊNERO CLANDESTINO: PARÂMETROS DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO .....</b>	<b>74</b>
5.1. Periódicos de Literatura.....	75
5.2. Periódicos de Linguística .....	82
<b>6. UM GÊNERO CALEIDOSCÓPICO: A ARQUITETURA INTERNA .....</b>	<b>88</b>
6.1. O plano geral .....	89
6.2. Tipos de discurso .....	94
6.3. Sequências textuais.....	98
6.4. Mecanismos de textualização .....	100
6.5. Mecanismos enunciativos .....	105
6.6. Panorama geral .....	109
6.7. Um gênero cognoscível: o Modelo Didático.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>

## 1. SOBRE A PESQUISA

Do latim clássico, *exagui(m)*, que significa, em seu sentido secundário, “provar”, “experimental”, “tentar”, a palavra *ensaio* possui acepções polissêmicas a depender do contexto comunicativo. As Artes Cênicas, por exemplo, entendem o *ensaio* como uma preparação antecedente a uma apresentação final; enquanto nas Ciências da Natureza trata-se de um teste, de uma verificação, de um experimento. Nas Humanidades, porém, o *ensaio* consolidou-se como um gênero de texto cada vez mais comum nas práticas de leitura e escrita dos estudantes e pesquisadores.

Em contrapartida, se feita uma rápida busca nos manuais de escrita acadêmica, dificilmente encontraremos orientações didáticas para a elaboração desse gênero, embora muitos professores continuem a solicitar textos ensaísticos de seus alunos na graduação e na pós-graduação. Dentre as razões para este não-reconhecimento do gênero nas práticas didáticas de letramento acadêmico, convém considerar a tendência positivista imposta à ciência ao legitimar uma única linguagem como ferramenta epistemológica, conforme defende Galvão (2018):

Sem menosprezar nem muito menos desqualificar o rigor, os conceitos, a razão e a lógica que caracterizam um determinado modo de discurso científico, precisamos aceitar a possibilidade de formas diferentes de construção do conhecimento e, conseqüentemente, de formas discursivas também diferentes, mais livres e mais abertas, de apresentar e representar esse conhecimento (Galvão, 2018, p. 77).

Também, nota-se a dificuldade por parte dos professores em didatizar um gênero com tamanha liberdade na forma e no conteúdo. Consequência disso é uma escrita intuitiva por parte dos alunos, que nem sempre conseguem se desprender da rigidez de formas acadêmicas canônicas e, conseqüentemente, atender aos propósitos do gênero. Todavia, para além do conhecimento e do domínio do ensaio em si, a prática ensaística expande seu potencial didático, uma vez que possibilita contribuir até mesmo para a elaboração dos gêneros mais validados na academia. Na escrita de um artigo, por exemplo, o ensaio pode precedê-la como um exercício, a fim de usar a escrita de um modo menos enrijecido e, conseqüentemente, mais próximo do discente universitário.

Se retornarmos à etimologia e às concepções atuais do verbo *ensaiar*, podemos pensar nessas contribuições da escrita do gênero para os graduandos apontada por Paviani (2009):

Os estudantes universitários, obrigados a apresentar monografias ao final do curso, fechadas em normas técnicas, na realidade nem sempre executam o previsto nem colhem os resultados esperados. Poderiam ser estimulados a escrever ensaios. Mesmo porque o ensaio eventualmente inclui em suas características a possibilidade do erro (Paviani, 2009, p. 6).

Foi com essa preocupação que desenvolvemos, no âmbito do grupo de pesquisa Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA), em parceria com o Instituto de Estudos Linguísticos e Culturais (InELC), o minicurso de extensão “Ateliê de Textos Acadêmicos: tecendo o ensaio”, voltado para a comunidade acadêmica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essa experiência envolveu cerca de dez alunos, em diferentes níveis de formações e áreas do conhecimento, sendo elas: Letras, majoritariamente, Antropologia e Biblioteconomia. A ementa está descrita a seguir:

Este minicurso, de caráter teórico e prático, visa promover o contato de alunos, das mais diversas áreas do conhecimento, com a leitura e escrita de ensaios acadêmicos. A ideia é que, além das propriedades relativas ao gênero em foco, outros aspectos da escrita acadêmica sejam abordados, a depender das dificuldades apresentadas pelos alunos. Para tanto, serão realizadas exposições teóricas e desenvolvidas atividades práticas que auxiliem o aluno na construção de textos ensaísticos e acadêmicos, de modo geral.

Pode-se considerar que tais objetivos traçados foram satisfatoriamente atendidos, tendo em vista que os alunos demonstraram compreender as características gerais do gênero e aproveitaram o espaço para socializar experiências de escrita acadêmica. Para isso, o planejamento didático, executado em cinco encontros, com quatro horas cada, sendo quinze horas totais, organizou-se da seguinte forma:

**Quadro 1** - Planejamento do minicurso Ateliê de Textos Acadêmicos: tecendo o ensaio

MÓDULO	ENCONTRO	PLANO DE AÇÃO	LEITURA	ATIVIDADE
1º	01	Apresentar o plano do minicurso e a equipe. Conhecer os alunos, suas áreas e suas familiaridades (ou não) com o ensaio. Discutir sobre o ensaio como um gênero proteico (literário,	MONTAIGNE, Michel. Sobre a consciência. In: _____. <b>Os ensaios</b> : uma seleção. São Paulo:	Os alunos foram estimulados a criar um pseudônimo para assinar suas produções, na tentativa de criar a representação do sujeito-ensaísta.

		filosófico e acadêmico, por exemplo), a partir do texto lido Discutir sobre a construção do ensaísta (papel e intenção comunicativa de quem produz o ensaio).	Companhia das Letras, 2010.	
	02	Debater sobre o ensaio na Academia, a partir das seguintes perguntas norteadoras: é solicitado/escrito com que função? Como? Qual sua circulação? Realizar a leitura de um ensaio acadêmico das áreas dos alunos para que possam identificar os aspectos do gênero. Apresentar aspectos característicos da estrutura, do conteúdo e do estilo dos ensaios, a partir das observações dos alunos sobre o texto lido.	Ensaaios variados da área de Letras, Antropologia e Biblioteconomia . Indicados pela ministrante e escolhidos pelos discentes.	Foi solicitada a produção escrita de um ensaio acadêmico de tema livre, desde que seja da sua respectiva área, tendo como público-alvo alunos de graduação do curso e para ser submetido em um periódico.
2º	03	Entrega da produção escrita Realizar a leitura de um ensaio produzido por alunos da graduação e publicado num periódico científico. Apresentar os recursos argumentativos usados no ensaio acadêmico lido e o gerenciamento de vozes. Refletir sobre as diferenças e aproximações com o artigo científico.	SILVA, Adiel Bernado da; SANTOS, Eduarda. A prática da análise linguística e sua relação com a produção de textos. <b>Ao Pé da Letra</b> , v. 23, n. 1, 2022. p. 1-14.	
	04	Discutir aspectos da discursividade (o tratamento do conteúdo, o gerenciamento das vozes, etc.), textualidade (coesão, progressão do conteúdo, encadeamento dos períodos) ou da normatividade (ortografia, pontuação, concordância nominal/verbal, etc.) que se mostraram necessários, com base na 1ª versão do texto. Sugerir a reescrita coletiva de alguns trechos.	Trechos dos ensaios produzidos, sem identificação.	Reescrita dos ensaios produzidos.
3º	05	Socializar os textos produzidos e, a partir disso, tentar identificar, com os alunos, as diferenças entre as áreas Apresentar o conceito de cultura disciplinar e seus reflexos na Academia. Discutir sobre as possibilidades de circulação dos ensaios	Os ensaios produzidos pelos discentes.	

		produzidos (publicação, atividade curricular ou, ainda, “preparação” para a escrita de outros textos acadêmicos).		
--	--	---	--	--

Fonte: elaboração própria

Como buscávamos contemplar múltiplas dimensões do gênero e da escrita acadêmica, não foi surpresa que as discussões realizadas também nos levassem a refletir sobre outros aspectos a serem considerados. Recordamo-nos, por exemplo, de que, quando delimitávamos que uma grande particularidade do ensaio era o espaço mais flexível para marcas da subjetividade no autor, uma aluna, pós-graduanda em Antropologia, comentou que essa métrica poderia não se aplicar a sua área, uma vez que, segundo ela, é comum que os autores comecem os textos se marcando, inclusive sob aspectos socio-identitários, como em raça e gênero, mesmo nos artigos científicos. Em outro momento, em que discutíamos sobre a circulação do gênero, uma aluna relatou que não tinha conhecimento da possibilidade de que os ensaios fossem publicados e não compreendia muito bem como graduandos poderiam fazer isso, haja vista que os ensaios solicitados pelos professores raramente ultrapassavam o limite de cinco páginas.

Essas perguntas, que nos demandam respostas improvisadas e reflexões posteriores, nos mobilizaram enquanto docente-pesquisadora, a mudar o foco investigativo desta pesquisa de mestrado, que inicialmente centrava-se essencialmente no processo de didatização do gênero.

Realizamos a Revisão Sistemática da Literatura (RSL), entre setembro de 2023 e fevereiro de 2024, por meio de buscas em bases de dados acadêmicas (SciELO, Google Acadêmico e Portal de Periódicos Capes), em que localizamos alguns artigos como os de Larrosa (2003, 2004) e Paviani (2009), profícuos trabalhos que enfatizavam a dimensão acadêmica e o processo didático do ensaio. Também buscamos pela expressão “ensaio acadêmico”, “ensaio científico” e “ensaio acadêmico-científico” na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, maior repositório de trabalhos de pós-graduação no Brasil, o qual nos direcionou para a tese de doutorado de Galvão (2018), a dissertação e tese de Ferragini (2011, 2015), que enfocaram o ensaio numa situação de ensino-aprendizagem, bem como as dissertações de Santos (2014) e de Pena (2005), que investigam as aproximações com o artigo.

Nesse levantamento, identificamos que, apesar da qualidade e relevância dos trabalhos supracitados, eles focalizavam, predominantemente, o ensaio produzido numa situação de ensino e aprendizagem com função avaliativa, ou seja, um ensaio em que o leitor é o professor-solicitante e a circulação se restringe à relação aluno-professor ou, no máximo, aluno-colegas. Já os ensaios publicados em revistas científicas, os quais chamamos, neste trabalho, de ensaios acadêmico-científicos, raramente eram analisados e, quando o eram, analisavam-nos de modo comparativo com o artigo científico. Dessa forma, não identificamos nenhum trabalho em nível de Mestrado ou Doutorado que enfatize tais propriedades desse contexto de produção e circulação específico.

Refletimos, então: como incentivar a publicação de ensaios em periódicos, se pouco conhecemos as particularidades desse texto em circulação? Dessa inquietação, emergiu a necessidade de redefinir o foco investigativo, na tentativa de construir um conhecimento sistematizado prévio, como se déssemos “um passo para trás”, para que, em seguida, refletíssemos com maior profundidade sobre o processo de didatização.

Da sistematização dessas demandas, elencamos as seguintes questões de pesquisa, que nortearam nossa investigação: I) *Que parâmetros do contexto de produção caracterizam os ensaios produzidos e publicados na área de Letras?*; II) *Quais aspectos predominantes da arquitetura interna dos textos caracterizam o gênero ensaio?*; III) *Quais as particularidades e aproximações presentes nos ensaios produzidos nas diferentes subáreas?* e IV) *Quais as dimensões ensináveis dos ensaios? E, dessas características, que modelo didático pode ser proposto para esse gênero?*

Desta maneira, estabeleceu-se como objetivo geral da pesquisa caracterizar o gênero ensaio acadêmico-científico publicado nos periódicos Qualis Capes A1 das áreas de Linguística e de Literatura<sup>1</sup>. A escolha pelas áreas se justifica pelo fato de Letras ter sido o curso com maior presença no minicurso, mas também por considerarmos que há algumas particularidades, especialmente com relação ao ensaio literário, que carecem ser analisadas particularmente. Também delimitamos o enfoque nos periódicos de excelência, não por buscarmos um “modelo ideal” de ensaio, mas por visarmos textos produzidos por

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, adotaremos *Letras e Linguística e Literatura* como expressões equivalentes à mesma área de conhecimento no cenário de pesquisa brasileiro. Por uma questão de fluidez textual, iremos alterná-las ao longo do texto, exceto quando houver a necessidade de diferenciação. Na seção Caminho metodológico, essa questão terminológica é justificada pela organização de áreas do conhecimento pela Capes.



autores com maior experiência de escrita acadêmica, que certamente já possuem noções sistematizadas dos gêneros de publicação. Assim, como objetivos específicos, visamos, com a presente pesquisa:

- i) Descrever os parâmetros do contexto de produção de ensaios acadêmicos nos periódicos brasileiros de excelência na área de Linguística e de Literatura.
- ii) Analisar a arquitetura interna desses ensaios acadêmicos, no que se refere à infraestrutura geral do texto; aos mecanismos de textualização; e aos mecanismos enunciativos.
- iii) Refletir sobre as especificidades e aproximações entre os ensaios de Linguística e de Literatura.
- iv) Identificar as dimensões ensináveis do gênero e, a partir delas, propor um Modelo Didático do Gênero.

Dessa maneira, organizamos a dissertação de forma que possibilite ao leitor trilhar o caminho investigativo da pesquisa linearmente. Após a presente introdução, serão apresentados três capítulos de referencial teórico, os quais enfocam temas imprescindíveis para a compreensão do trabalho, sendo eles: *O ensaio acadêmico-científico*; *Contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos e Gêneros de textos e Modelo Didático de Gênero*. Em seguida, apresentamos a etapa de metodologia da pesquisa, no capítulo quatro, *Caminho metodológico*. Já a nossa análise está centralizada no capítulo *Um gênero clandestino: parâmetros do contexto de produção*, o qual enfatiza os aspectos da primeira dimensão analítica – as condições de produção – e defende a tese de que o ensaio é um gênero que circula, metaforicamente, em clandestinidade nos periódicos.

Em sequência, ainda na dimensão analítica, apresentaremos a análise do folhado textual no capítulo intitulado *Um gênero caleidoscópico: a arquitetura interna*, em que caracterizamos a organização linguístico-discursiva do gênero. Nesse capítulo, argumenta-se que o ensaio acadêmico-científico é um gênero caleidoscópico, visto que em virtude dos elementos das condições de produção – emissor social, objetivo da interação, conteúdo verbal – ele assume contornos diferentes e nem sempre observáveis, permitindo diferentes combinações de recursos linguísticos, de gêneros e de suas variações – especialmente o ensaio literário.

Sumariamente, apresentamos a constituição de Modelo Didático do Gênero ensaio acadêmico-científico no capítulo *Um gênero cognoscível: o Modelo Didático do Gênero*. Esse capítulo configura-se, no nosso entendimento como um produto desta dissertação, que poderá ser adotado, adaptado e aprimorado por professores da graduação e da pós-graduação no trabalho com o gênero. Ao final, encerraremos o trabalho com nossas considerações finais.

## **2. O ENSAIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO: A CONSTITUIÇÃO DE UM OBJETO**

Nesta dissertação, assumimos o ensaio acadêmico-científico como um gênero de texto. Ao menos no contexto de produção em que enfocamos – ensaios publicados em periódicos eletrônicos brasileiros –, essa concepção introdutória parece-nos facilmente identificável. De qualquer forma, optamos por justificar esse posicionamento teórico em razão de uma pertinente discussão nos Estudos da Linguagem acerca desse possível caráter genérico do ensaio.

Alguns autores, especialmente da Teoria Literária e dos Estudos Discursivos, apontam que o ensaio não deve ser analisado como um gênero, mas como um “modo de discurso”, “tipo de discurso” ou, ainda, um “antigênero”. Para defender esse ponto, os teóricos levantam uma série de argumentos, os quais elencamos a seguir:

1. O ensaio é marcado pela maleabilidade e a fluidez, logo, não pode ser considerado um gênero, uma vez que, para tal classificação, é necessária uma relativa estabilidade.
2. O ensaio é um *tom*, uma forma de dizer, de modo que está a serviço de diversos outros gêneros. Dessa forma, assim como encontramos as expressões “tom poético”, “tom humorístico”, tem-se a expressão “tom ensaístico”.
3. O ensaio, no âmbito acadêmico, não se configura como um gênero de texto, mas como um modo de discurso oficial “misterioso”, que amplia desigualdades na medida em que exclui estudantes de fora da “cultura letrada” (cf. Lillis, 2001).

Elencamos, em contrapartida, alguns elementos a serem considerados a respeito de tal classificação. O primeiro ponto que destacamos, é o argumento da *instabilidade*. Para alguns teóricos, o ensaio não pode ser considerado um gênero de texto por sua maleabilidade, que comprometeria a estabilidade como característica dos gêneros. Ressaltamos, porém, em concordância com Marcuschi (2006), que, numa leitura bakhtiniana, o *relativamente* era muito mais importante de ser frisado, do que o *estável*. Nesse sentido, embora para alguns campos dos estudos sobre gêneros textuais/discursivos a estabilidade seja essencial para afirmação da forma, “a noção de relatividade parece

sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos históricos e as fronteiras fluidas dos gêneros” (Marcuschi, 2006, p. 18).

Ademais, também questionamos a justificativa de que a existência de um “tom ensaístico” exclui a possibilidade da existência do gênero ensaio. Sob o viés do reconhecimento cujo entendimento é de que o gênero é aquilo que os falantes reconhecem como gênero, conforme Bazerman (1994), não podemos desprezar o fato de que o ensaio acadêmico-científico é amplamente reconhecido pela comunidade discursiva em que se insere. Os professores universitários reconhecem o ensaio como gênero presente no seu *métier* (Brasileiro; Pimenta, 2020) e os alunos de graduação apontam o ensaio como um dos gêneros acadêmicos com os quais mais sentem dificuldades na escrita (Diaz *et al.*, 2020), o que demonstra a função social e comunicativa que o gênero desempenha no contexto universitário.

Enfim, a argumentação de Lillis (2001), sob o viés da Análise do Discurso, possui relevância importante para questões acerca das relações de poder e gêneros no campo científico. Para melhorar recuperar a tese defendida, apoiamo-nos na voz da autora:

Essa escrita, institucionalmente rotulada de “ensaio” está no centro das práticas nas Ciências Sociais, Humanidades (Artes Liberais) mas, surpreendentemente, talvez, também é usada como uma ferramenta de acesso ao conhecimento em disciplinas como a Medicina, Odontologia, Ciências, Direito, Linguagens, Artes Criativas e Educação, bem como no número crescente de cursos inter e multidisciplinares [...] Dada a sua prevalência, Womack refere-se ao ensaio como o “gênero padrão”, indicando o seu lugar dado como certo nas instituições formais de escolaridade (cf. Womack, 1993).

Contudo, seria errado pensar no ensaio como um gênero claramente definido se por “gênero” entendemos algo como um tipo de texto. Pois “ensaio” (e daí as aspas) é na verdade uma abreviatura institucionalizada para uma forma particular de construir conhecimento que passou a ser privilegiada dentro da academia (Lillis, 2001, p. 20, tradução nossa)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> *Such writing, institutionally labelled as the ‘essay’, is at the centre of practice in the Social Sciences/Humanities (Liberal Arts) but, surprisingly perhaps, is also referred to as a key assessment tool in subjects such as Medicine, Dentistry, Sciences, Law, Languages, Creative Arts and Education, as well as in the increasing numbers of inter-and multidisciplinary courses. Given its prevalence, Womack refers to the essay as the ‘default genre’ indicating its taken-for-granted place with formal institutions of schooling (cf. Womack, 1993).*

*However, it would be wrong to think of the essay as a clearly defined genre if by “genre” we mean something like a text type. For ‘essay’ (and hence the scare quotes) is really institutionalized shorthand for a particular way of constructing knowledge which has come to be privileged within the academy, no original.*

Sobre essa tese, gostaríamos de levantar dois pontos principais. Em primeiro lugar, nos parece plenamente plausível, diante dos resultados salientes apresentados no referido trabalho, que o ensaio realmente possa funcionar como força que reforce segregações entre alunos com maior ou menor acesso à cultura letrada tradicional. Todavia, ao nosso ver, ele não deixa de possuir elementos estruturais, estilísticos e referenciais capazes de enquadrá-lo, no âmbito da teoria bakhtiniana, como gênero de texto. Entendemos que, para o trabalho da pesquisadora, que buscava entender a escrita de universitários discutindo a questão do acesso, da regulação e da motivação, por exemplo, tal questão não ocupasse uma relevância central e, por isso, outros aspectos em discussão sobre o ensaio foram enfatizados.

Em segundo lugar, ainda sobre a perspectiva de Lillis (2001), gostaríamos de discutir a aplicabilidade dessas questões na tradição latino-americana de escrita acadêmica, mais especificamente na brasileira. Segundo a autora:

através de seu trabalho [de Scollon and Scollon (1981)] comparativo sobre os povos canadenses/norte-americanos de língua inglesa e as comunidades atabascanas do Alasca, o letramento ensaístico é a prática de letramento dominante na escolaridade no mundo ocidental (Lillis, 2001, p. 38, tradução nossa) <sup>3</sup>

Com base em nossas pesquisas, também identificamos que a prática de produção de ensaios, no ensino básico e superior, predomina no Ocidente (Andrews, 2003 e Elander, 2006, no Reino Unido; Hasegawa, 2013, na Austrália; Hamez, 2015, na França). Especialmente os países da tradição anglófona possuem a prática de produção de ensaio enraizada desde a educação escolar, a qual se expande para a formação universitária, muitas vezes. Em buscas recentes, inclusive, identificamos que o sistema educacional enfrenta sérios problemas em relação à comercialização de ensaios escritos por terceiros e ao uso da Inteligência Artificial (IA) por parte dos estudantes, fenômeno chamado de *Essay mills* – fábrica de ensaios, na nossa tradução – como exposto em Sweeney (2023).

No Brasil, porém, não temos essa tradição difundida. Na verdade, certamente muitos estudantes concluem o ensino básico sem sequer terem lido ou sido solicitados a

---

<sup>3</sup> *Through their comparative work on English-speaking Canadian/North American peoples and the Athabaskan communities of Alaska, the foreground essayist literacy as the dominant literacy practice of schooling in the Western world, no original*

produzir esse gênero. Podemos, a partir da realidade brasileira, afirmar que o “gênero padrão” institucionalizado seria o que convencionou-se chamar de “redação dissertativo-argumentativa”, que poucas características possuem em comum com o ensaio além da tipologia textual e do viés da exploração temática, especialmente após os novos contornos que o gênero ganhou ao virar ferramenta de avaliação em exames de larga escala (Prado e Morato, 2016; Oliveira, 2016; Agustini e Borges, 2013).

Parece-nos plausível, portanto, afirmar que nas práticas de leitura e escrita acadêmica no Brasil, o ensaio circula de maneira divergente em relação ao descrito por Lillis (2001). Então, compreender suas regularidades sócio-funcionais e linguístico-discursivas assumem outras perspectivas diferentes do contexto anglófono e europeu. Em linhas gerais, identificamos o ensaio como um gênero; na medida em que reconhecer as problemáticas em torno da padronização dos gêneros acadêmicos não significa, no âmbito desta pesquisa, desconsiderar sua dimensão genérica.

No escopo do Interacionismo Sociodiscursivo, os textos são vistos como práticas de linguagem historicamente situadas. Isso significa dizer que os gêneros de textos emergem de demandas comunicativas impostas a uma determinada comunidade discursiva, que constrói padrões responsáveis por mediar tais ações de linguagem, como veremos nas seções futuras desta dissertação. De modo geral, para compreender um gênero é importante conhecer o contexto sócio-histórico, a esfera de atividade e a função social que o gênero cumpre em sua gênese. Por essa razão, dividimos o estudo do ensaio acadêmico-científico em duas partes: a primeira acerca das “andanças” temporais e geográficas do gênero inaugurado pelo francês Michel Montaigne até chegar aos muros das universidades e às páginas dos periódicos científicos; e a segunda, sobre a caracterização discursivo-textual do ensaio no domínio acadêmico.

### **1.1. O percurso do ensaio: dos Castelos de Montaigne à Academia**

Alguns textos de filósofos da Antiguidade são referenciados, atualmente, como *ensaios*. Entretanto, essa categorização ocorre pela associação de características que hoje são atribuídas ao ensaio, mas que não possuíam tal definição. Obviamente, em razão de que a noção de gêneros na Grécia Antiga era bem menos abrangente do que a que temos hoje, restringindo-se apenas aos textos literários canônicos. Fato é que muitos textos produzidos desde Aristóteles possuem certas regularidades estruturais e enunciativas: são

textos em prosa, marcados pela subjetividade e pela reflexão filosófica e sem grande rigor formal. Entretanto, apenas em 1580, com a publicação feita por Michel Montaigne, essa forma textual recebe o nome de *ensaio*, como aponta Soares (2006).

Aqui, conhecer um pouco da biografia do *pai do ensaio*, como é chamado Montaigne, torna-se relevante para compreender o que representava o projeto de *Essais*, sua coletânea de ensaios. O escritor nasceu no seio de uma família nobre na França e, aos três anos de idade, passou a ser educado por um tutor alemão que se comunicava com o aprendiz exclusivamente em latim, de modo que essa foi praticamente sua língua materna. Ao longo da vida, estudou Direito, exerceu magistrado e herdou a propriedade e o título de Senhor de Montaigne. Insatisfeito, porém, chegou a vender o título e se isolou em seu castelo para a escrita de textos diversos, mas teve o processo interrompido pela necessidade de atuação no contexto político e bélico da França. Foi no final do exercício das atividades políticas, enquanto presidente da Câmara de Bordéus, que Montaigne se dedicou à conclusão da sua obra. *Essais* foi publicado em três volumes e três formatos de publicação: em 1580, foi publicado o primeiro e segundo volume; a edição de 1588 contempla o terceiro volume, também; já a edição póstuma, publicada em 1895, conta com textos acrescentados, além dos volumes anteriores (D'Aguilar, 2010).

A constituição desse homem europeu erudito do século XVI nos leva a uma noção mais ampla do projeto. Se a Renascença trouxe à Europa ares de renovação e resgate aos valores do humanismo, esse cenário possibilitou um espaço para que Montaigne explorasse questões inerentes à condição humana e seus aspectos morais e éticos. Num período de exploração intelectual e cultural, marcado por uma forte defesa da liberdade de expressão, o francês adotou como forma um gênero marcado pela falta de rigor formal e pelas marcas de subjetividade.

Também é presente, no projeto de Montaigne, a influência do ceticismo (Galvão, 2018). Embora não se considerasse filósofo, as influências dessa corrente filosófica, caracterizada pelo questionamento e a valorização do conhecimento subjetivo, são evidentes nos *Essais*. Dessa maneira, o gênero ensaio emerge para atingir os propósitos de um pensamento que não se quer acabado ou assujeitado. A própria etimologia do vocábulo parte do campo semântico da tentativa e da busca por aprimoramento.

Não obstante, a vida pessoal do francês foi marcada por experiências que permitiram a articulação de pensamentos sobre a vida, a política e a humanidade. Sua

carreira de político, suas relações de amizade e suas viagens permitiram-lhe a construção de uma visão ampla acerca dos valores e das relações sociais. Seu desejo em se isolar no castelo e a perda da filha, por outro lado, consolidaram a visão de um escritor introspectivo e reflexivo em procura de uma interlocução consigo mesmo (cf. Auerbach, 2010).

A partir desse breve resgate histórico, criamos, mesmo que panoramicamente, uma representação dos elementos históricos e filosóficos da gênese do ensaio. Todavia, quando lemos os *Essays* de Francis Bacon, publicados apenas dezessete anos após a primeira edição dos *Essais* de Montaigne, quase nada dos aspectos comumente atribuídos a este predominam.

A obra do filósofo inglês, proponente do método indutivo, é uma das mais célebres da Filosofia Moderna. Parafraseando uma de suas mais famosas frases, “a leitura traz ao homem plenitude; o discurso, segurança; e a escrita, precisão” (Bacon, 2007 [1597], p. 36), podemos perceber uma outra concepção do escrever na obra de Bacon, em comparação à de Montaigne, ao demonstrar uma busca pela estabilidade formal e referencial. Cabe-nos reconhecer, a partir disso, que o ensaio possui, desde sua origem, a desuniformidade como elemento central, testando os limites da instabilidade que um gênero pode possuir. Acerca disso, Adorno (1994) discute, questionando a dicotomia entre a ciência e a arte:

No ensaio como forma se enuncia a necessidade de anular as exigências, já superadas na teoria, de ser completo e de se ter continuidade também no procedimento concreto do espírito. Enquanto se rebela esteticamente contra o estreito método de não deixar nada fora, o ensaio obedece a um motivo de ordem epistemológica. [...] O ensaio é, ao mesmo tempo, mais aberto e mais fechado do que agrada ao pensamento tradicional. Mais aberto na medida que ele nega a sistemática [...] é mais fechado porque ele trabalha enfaticamente na forma de exposição. O objeto do ensaio é, no entanto, o novo enquanto novo, aquilo que não pode ser traduzido de volta ao antigo das formas vigentes. [...] A atualidade do ensaio é a do anacrônico (Adorno, 1994, p. 173).

Por conseguinte, os caminhos e domínios enveredados por esse gênero foram igualmente difusos. Conforme o levantamento de Galvão (2018), no século XVII, o ensaio conquista um espaço especial com o advento do Iluminismo, na busca pelo desenvolvimento das ideias, em detrimento da forma. Já no século XX, surgem com maior vigor as variantes do gênero a partir dos domínios em que circulavam, como na Literatura,



na História e na Religião. A pesquisadora também atribuiu à efervescência das Ciências Humanas, no século XX, uma maior abertura para sua produção e circulação no século XXI.

Na atualidade, o ensaio é produzido em diversas esferas da atividade humana, em diversos países, atendendo a propósitos variados e com características estruturais, discursivas e estilísticas também pouco uniformes. Rodrigues (2015) sistematiza algumas características comuns tradicionalmente atribuídas ao ensaio no quadro abaixo:

**Quadro 2** - O ensaio e suas características

CARACTERÍSTICAS	PROPRIEDADE
Teor interrogativo	Questionar, refletir sobre objetos, ideias e conceitos
Conflito não sedimentado	Presença constante de tensão sem desfecho definitivo
Descontinuidade	Não sucumbe à ideia de completude e continuidade
Certa universalidade	Não trata de fatos e, sim, de ideias e conceitos
Auto-exercício da razão	Reflexões pautadas na própria experiência e conhecimento do ensaísta
Caráter crítico	Auto-exercício crítico sobre um tema, não comprometendo seu caráter aberto e inacabado.
Pensamento original	Autonomia mental para produzir um pensamento original decorrente de seu caráter interrogativo
Relação específica com o leitor	Não fornece respostas prontas ao leitor, sua conclusão é sempre inacabada
Incompletude e relativização	Sem conclusões objetivas
Escolhas pessoais	Forte presença das escolhas do ensaísta, acentuando o caráter subjetivo
Reflexão lenta e ponderada	Livre indagação
Rigor conceitual e precisão teórica	Conhecimento teórico, conceitual e prático inerentes no seu teor interrogativo

Fonte: Rodrigues (2015, p. 159)

Por esse quadro, pode-se perceber que muitas dessas características são aplicáveis à produção acadêmica geral, com uma possível ressalva para a ausência de indicadores de empiria ou de confronto entre ideias estabelecidas. Nesse sentido, talvez pelo fato de a limitação das fronteiras do ensaio constituir uma atividade difícil e, segundo alguns

autores, impossível ou contraditória, o gênero ganhou novas formas e finalidades com o curso da história. Áreas como o Jornalismo, a Literatura e a Arte, por exemplo, incorporam o ensaio ao seu *métier* e, a partir da esfera em que circulam, são acrescentados os adjetivos: ensaio literário, ensaio jornalístico, ensaio histórico, ensaio pessoal, entre outros. Chama atenção como essas variações sofrem influência das esferas onde circulam e, conseqüentemente, do tema tratado. Entretanto, não são constatadas diferenciações em sua estrutura composicional prototípica, que parece adequar-se aos diferentes contextos de comunicação.

No âmbito deste trabalho, enfocaremos o ensaio acadêmico-científico por entender que, ao dialogar com e confrontar a linguagem científica, o gênero assume características peculiares e, portanto, deve ser estudado dentro de seu respectivo contexto de circulação. Ressaltamos que, além de tais variações, meramente exemplificativas, o ensaio também ganha outras tipificações. Quanto ao conteúdo, por exemplo, o ensaio acadêmico-científico pode atender diferentes propósitos comunicativos. Severino (1995) elenca quatro tipos de ensaios em seu trabalho sobre o gênero, considerando suas diferentes finalidades:

- a) **Ensaio teórico:** tem o objetivo de refletir e debater sobre questões de uma determinada corrente do conhecimento, seja acerca da aplicabilidade de um conceito ou método, seja discutindo a validade e a aplicabilidade de teorias, por exemplo (Brasileiro, 2024, p. 140).
- b) **Ensaio empírico:** visa analisar questões de metodologia e/ou de aplicação, podendo, inclusive, ser baseado em levantamento de dados.
- c) **Ensaio analítico ou filosófico:** propõe questionamentos e reflexões sobre uma determinada temática, evidenciando um posicionamento ideológico acerca dela, ainda que implícito, e argumentos para sustentar sua defesa.
- d) **Ensaio descritivo ou histórico:** busca promover a reflexão desejada mediante explanação de fatos e eventos históricos. Tais elementos são usados, com o recurso da narrativa, para ilustrar, evidenciar ou provocar uma determinada ideia.

Diante desse levantamento, observamos que, mesmo restrito ao âmbito acadêmico-científico, o gênero ensaio pode ser usado para atender diferentes objetivos comunicativos. Interessa-nos, então, compreender com maior profundidade as contribuições de estudos anteriores sobre o tema.

## **1.2. A caracterização do ensaio acadêmico-científico**

Os gêneros emergem e desaparecem a partir das demandas e necessidades comunicativas de um determinado grupo social. Ao emergir num ambiente da personalidade, o ensaio foi, aos poucos, conquistando espaços públicos, de ampla circulação e, paulatinamente, foi se institucionalizando, à medida em que ocupa, hoje, espaço em jornais, revistas literárias, periódicos eletrônicos e livros de ampla circulação, por exemplo. Não se trata, nesse último caso, da emergência de um novo gênero (ensaio acadêmico), tampouco do apagamento de outro (ensaio). Consideramos, metaforicamente, como um movimento metamórfico de um gênero já existente para atender às necessidades comunicativas de uma outra esfera da atividade humana.

Embora alguns estudiosos admitam a noção de subgênero, não pretendemos estabelecer uma relação hierárquica entre o ensaio acadêmico-científico e o ensaio. Na verdade, entendemos o ensaio acadêmico-científico como uma variação do gênero ensaio, que se adapta à medida que incorpora os parâmetros de produção e circulação da esfera acadêmico-científica.

Justificamos essa escolha por entendermos que essa expressão pressupõe uma organização hierarquizada dos gêneros e, como colocaremos mais à frente, os gêneros coabitam o intertexto, sem desempenharem relações de hierarquia. Assim, acreditamos que o ensaio acadêmico-científico é mais bem interpretado como um gênero variante do ensaio que circula numa esfera de atividade específica e, por isso, assume uma caracterização específica.

É pertinente esclarecer que, no âmbito dessa dissertação, faremos uma diferenciação entre dois modos do ensaio circular na academia. Para isso, nos apoiamos na distinção entre gêneros de formação e gêneros de especialista feita por Navarro (2018), o qual entende que:

Os gêneros de especialistas são escritos por cientistas e profissionais experientes, são lidos por pares que compartilham conhecimentos prévios semelhantes e têm como objetivo produzir e negociar contribuições para o conhecimento científico consensual ou realizar ações sociais profissionais específicas, que não estão necessariamente vinculadas à formação. Por esse motivo, representam um desafio de leitura para os estudantes, uma vez que estes não são os leitores pressupostos pelo texto. Em contraste, os gêneros de formação são escritos por estudantes, são lidos por membros especialistas,

mais qualificados e com maior domínio de conhecimento, e possuem objetivos pedagógicos, formativos e avaliativos. Por essas razões, os gêneros de especialistas e os gêneros de formação apresentam semelhanças discursivas, mas não são equivalentes, nem é possível estabelecer uma correspondência direta entre eles (Navarro, 2018, p. 26, tradução nossa)<sup>4</sup>.

A partir dessa classificação entendemos que o ensaio pode ser visto tanto como um gênero de formação como um gênero de especialistas, a depender do contexto de produção e circulação. Assim, compreendendo que, no âmbito desta dissertação, é importante lapidar a construção do nosso objeto de pesquisa, optamos por chamar de **ensaio acadêmico-científico** aquele que circula nos periódicos e nos livros, escrito por pesquisadores, seja ele iniciante ou experiente. Já a expressão “ensaio acadêmico” dirá respeito aos ensaios escritos como recurso avaliativo nas universidades, solicitados por professores a seus alunos. Essa divisão não toma como base nenhum trabalho prévio, mas inaugura uma possibilidade de pensarmos essas múltiplas manifestações do gênero de forma mais situada. Não apenas porque os papéis sociais de autor e leitor, o suporte e os objetivos da interação mudam, mas também outros fatores de ordem linguístico-discursiva, como a extensão e o conteúdo. Contudo, ressaltamos que, em nossa visão, esses elementos não são suficientes para a categorização restrita de gêneros distintos. Chamamos, portanto, como variantes do mesmo gênero (ensaio).

Notadamente, trata-se de uma categorização estritamente relacionada aos objetivos desta dissertação e, mais especificamente deste capítulo que visa deslindar a constituição desse objeto de pesquisa. Nesse sentido, chegamos à delimitação ilustrada no Quadro 3.

**Quadro 3** - Divisão entre ensaio acadêmico e ensaio acadêmico-científico

	Ensaio (como prática de letramento) acadêmico	Ensaio acadêmico-científico
Lugar social do autor	Estudante	Pesquisador

<sup>4</sup> *Los géneros expertos son escritos por científicos y profesionales con experiencia, son leídos por pares con conocimientos presupuestos afines, y buscan hacer y negociar aportes al conocimiento científico consensuado o llevar a cabo acciones sociales profesionales particulares, no vinculadas necesariamente a la formación. Por estos motivos, representan un desafío de lectura para los estudiantes, ya que estos no son los lectores presupuestos textualmente. En contraste, los géneros de formación son escritos por estudiantes, son leídos por miembros expertos, habilitados y con más conocimientos, y tienen objetivos pedagógicos, formativos y evaluativos. Por estos motivos, los géneros expertos y de formación presentan similitudes discursivas, pero no son iguales ni puede establecerse una correspondencia directa entre ellos, no original.*

Lugar social do leitor	Professor/avaliador e colegas (menos comum)	Comunidade científica (amplo)
Circulação	A depender do sistema de entrega de atividades (e-mail, papel impresso, etc.)	Ampla, geralmente disponível em livre acesso na internet ou em livrarias
Extensão	No máx. 5 páginas, geralmente	Entre 10 e 30 páginas, a depender da editora

Fonte: elaboração própria

Não significa que essa categorização seja estanque e inflexível – como nenhuma outra é. Um professor de pós-graduação, por exemplo, pode solicitar a produção de um ensaio a ser publicado em periódico. Todavia, acreditamos que, na produção desse suposto texto, os alunos irão recorrer ao que entendem por ensaio acadêmico-científico, considerando tais características (o lugar social que irá assumir, o leitor presumido, a circulação final do texto e a extensão, além das marcas linguísticas mobilizadas por essas dimensões).

Partindo desse pressuposto, surge o interesse em compreender a inserção do gênero no ambiente acadêmico. Em sua tese de doutorado, Galvão (2018) demonstra que, ainda no início do século, discursos contra o ensaísmo na Academia já circulavam em textos de Metodologia Científica, questionando a validade da substituição de gêneros como artigos científicos e dissertações acadêmicas por ensaios. Esse questionamento perpassa a já comentada questão da “cientificidade” da linguagem, ao adotar o paradigma de imparcialidade e rigor ainda muito resistente no meio acadêmico.

Sobre essa questão, concordamos com Machado (2008) quando diz que é necessário, dentro dos novos paradigmas de ciência, especialmente entre as Ciências Humanas, um reexame do conceito de linguagem científica pautada no rigor formal. Conforme a autora:

O ensaio como forma revela-se como espaço de elaboração de hipóteses, mapeamento de possibilidades interpretativas, de explorações cognitivas, de percepções e experimentação das idéias que interessam. O fato de não ser lugar de demonstração de uma rota já descoberta não tira a cientificidade nem o rigor da sua linguagem (Machado, 2008, p. 73).

Em consonância com essa visão, os textos clássicos como os de Larrosa (2003, 2004) e Paviani (2009) sobre o ensaio na Academia ampliam o horizonte de visão para novas formas de linguagem. Atestando o potencial do gênero, esse último indica: “o

ensaio [...] é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico ou, ao contrário, sem diminuir o rigor da exposição” (Paviani, 2009, p. 3). Orienta, também, que sua produção deveria ser estimulada nos estudantes de graduação e pós-graduação, uma vez que oportuniza a criticidade e a autoria, sem a rigidez formal dos outros gêneros.

Larrosa (2004), por sua vez, orientado pela formulação foucaultiana do ensaio, elenca algumas características da escrita do gênero. Primeiramente, considera-a como uma escrita que estabelece *uma certa relação com o presente*, ao passo que projeta a consciência da fugacidade e da finitude do tempo. “O ensaísta sabe que nasceu e que morrerá” (Larossa, 2004, p. 33) e, portanto, assume a limitação da temporalidade de suas ideias e opiniões. Para Larrosa (2004), a escrita do ensaio é sempre uma *escrita em primeira pessoa do singular*. Mesmo que, no plano textual, seja feito o uso da primeira pessoa do plural, numa dimensão discursiva, é sempre o sujeito singular que assume a autoria. Essa primeira pessoa não se configura necessariamente como tópico, mas como “ponto de vista”, como uma posição discursiva perante o conteúdo da enunciação.

Não obstante, o ensaio é escrito sempre à distância, no sentido de *um distanciamento crítico ou reflexivo*. Nesse sentido, o autor questiona os caminhos que a palavra “crítica” assume na contemporaneidade, mas orienta, sobretudo, que “não se trata de cotejar a realidade com a ideia, mas de cotejar a experiência em relação à verdade do poder e ao poder da verdade. Algo que, talvez, se chame pensamento” (Larossa, 2004, p. 39). Por fim, o teórico define o ensaio como *um pensamento consciente da sua produção escrita*. O autor aponta para o fato de que existem outras formas de manifestações ensaísticas, também no âmbito da arte e da literatura, mas a escrita assume um papel central ao passo que busca relacionar o problema entre linguagem e pensamento. Conforme o pesquisador espanhol, “Em Foucault, o pensamento se faz escrita, se pensa como escrita e, no limite, se dissolve em escrita. E justamente ao dissolver-se como escrita que ele se abre para a sua própria transformação, para seu próprio ensaio.” (Larossa, 2004, p. 41).

Sabemos que Larrosa (2004) retrata, de modo mais amplo, o ensaio, sem, contudo, denominá-lo, especificamente, o gênero ensaio acadêmico (ou acadêmico-científico). Todavia, por se dirigir aos colegas pesquisadores e pela menção à produção

de Foucault, reconhecemos que há elementos em comum que precisam ser levados em consideração.

Ainda assim, fazemos uma correlação com o trabalho de Galvão (2018). Em sua tese de doutorado, a autora investigou a realização de uma Sequência Didática com alunos da graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com o propósito de caracterizar o gênero ensaio acadêmico, como etapa anterior à análise da produção dos estudantes, a professora analisou oito ensaios publicados na coletânea *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*, escrita por pesquisadores experientes e organizada por Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza e Gilberto de Castro.

Galvão (2018) identificou nos textos analisados algumas regularidades em comum com as elencadas por Larrosa (2004), embora outras sejam pontuadas. O primeiro aspecto pontuado é a especificidade e a verticalidade no âmbito do conteúdo temático. De acordo com a pesquisadora, o ensaio em espaço acadêmico não estabelece a mesma liberdade temática posta como característica dos ensaios de Montaigne. Constitui-se um texto “fruto de uma investigação acurada, que implica muitas leituras, trata-se de uma escritura que se situa na fase mais elevada do conhecimento, e não propriamente em seus inícios; daí ser considerado um gênero da maturidade (intelectual).” (Galvão, 2018, p. 106). Inferimos que a inserção na esfera acadêmica incorpore ao gênero essa mudança de relação com o conteúdo temático.

Ademais, Galvão (2018) também identifica, assim como Larrosa (2004), que a escrita do ensaio é historicamente situada no presente, visto que nela reconhece-se a pertinência temática em torno da problematização do discurso axiológico. Nesse ínterim, denota-se, também, a temporalidade datada do ensaio, consciente da própria limitação de um recorte histórico, seja ele social e individual.

A tese de Galvão (2018) também reconhece que a escrita de um ensaio acadêmico é subjetiva, seja na marcação da primeira pessoa, seja pela modalização. A autora discute que a visão positivista, ainda muito enraizada na cultura acadêmica, sustenta a visão de um pesquisador neutro, desapropriado de sua própria subjetividade. Entretanto, no campo da Linguística, especialmente da Linguística da Enunciação, têm-se demonstrado o equívoco nessa concepção, uma vez que todo texto carrega marcas semânticas que refletem a presença do eu. Desse modo, a ausência dessas marcações não indica o apagamento de uma subjetividade, mas, ao contrário, revela uma intenção de

criar o ideal de neutralidade e objetividade, que pode provocar no leitor maior confiabilidade.

Como destaca a pesquisadora, não apenas a escolha e uso da pessoa do discurso (eu ou nós) constrói a subjetividade ou a objetividade, mas também a escolha lexical e o emprego das marcas linguísticas. Conforme apontado por Benveniste (1991), ao usar a linguagem verbal, o locutor estabelece uma relação interpessoal que envolve um eu e um tu. Essa relação, ao se ampliar para o plural, tornando-se um “nós”, revela uma complexidade adicional na constituição da subjetividade, visto que não se restringe a uma simples multiplicação do eu, mas reflete uma junção do eu com o outro num determinado cenário.

Portanto, ainda conforme Galvão (2018), muitos autores optam pela modalização, para atenuar a *audácia da proposição*, retomando a expressão de Montaigne. Num contexto em que a produção da ciência envolve práticas discursivas que exigem negociações, como já mencionamos, a modalização é um recurso que preserva a face do autor, estabelecendo-se como uma estratégia de polidez. Por modalizações, retomamos a classificação bronckartiana, que será detalhada mais adiante, mas, de modo geral, refere-se às marcas de avaliações sobre elementos do conteúdo temático. De acordo com Galvão (2018), nos ensaios analisados, há uma presença significativa de modalizações. As lógicas, por exemplo, são empregadas em momentos em que os autores apresentam informações – conforme discutiremos mais adiante - que, provavelmente, não são aceitas com unanimidade entre os pares, segundo indica a autora.

São, também, as modalizações que operacionalizam a construção de uma argumentação consistente, na medida em que inibem uma possível contra-argumentação. Esse elemento é importante, pois Galvão (2018) define a escrita do ensaio como uma escrita argumentada (em livre exame). Desse aspecto, destaca-se que o ensaio de pesquisadores requer uma estrutura argumentativa que articula um ponto de vista e uma sustentação desse ponto com análise crítica é fundamental. Esse movimento, como toda atividade argumentativa, é complexo e dinâmico, incluindo não apenas a voz do escritor, como a pressuposta interlocução com o leitor. Destacamos que, em muitos trabalhos, de diversos contextos internacionais e nacionais (Ávila, 2007; Hidalgo-Capitán, 2012; Paviani, 2009; Rodrigues, 2015; Silveira, 2012; Lillis, 2001), enfatiza-se a argumentatividade e aborda-se essa categoria como elemento constitutivo do ensaio. No

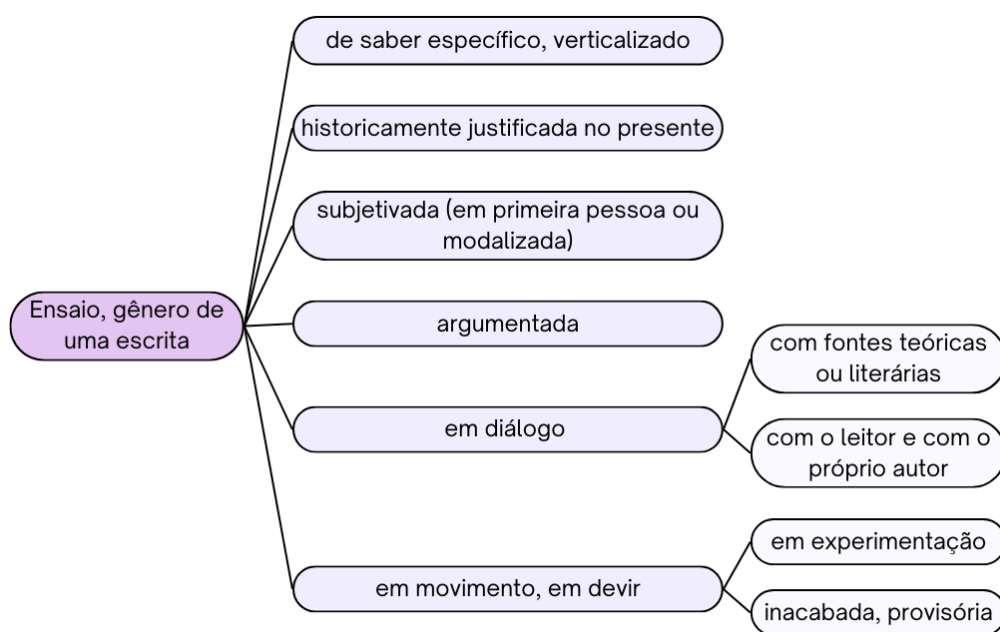


artigo de Lira e Leitão (2006), vemos, inclusive, a utilização do ensaio como instrumento para o trabalho com a sequência argumentativa no ensino superior. Para Hidalgo-Capitán (2012), apoiado em Ramírez (2005), “a argumentação é a característica essencial de um ensaio” (p. 15, tradução nossa).

Em sua tese, Galvão (2018) também destaca a dialogicidade e a experimentação como marcas do ensaio. Sobre o primeiro aspecto, a pesquisadora aponta que, durante a escrita do gênero, o estudante dialoga não apenas com o leitor, mas também com as fontes teóricas e literárias e consigo. A possibilidade de experimentar assegurada ao ensaísta, por sua vez, permite conceber tal ação como uma escrita em movimento, no sentido de que, como a própria etimologia recria, o texto está sempre representando tentativas momentâneas. Desse último movimento, que extrai a essência da gênese do gênero, por Montaigne, Silva (2006, p. 16) destaca: “a possibilidade dessa experiência intelectual tem como pressuposto a consciência da falibilidade e da transitoriedade do eu e do mundo”.

Sob essa ótica, Galvão (2018) operacionaliza o seguinte esquema a partir do seu levantamento sobre a escrita do ensaio:

**Figura 1** – Conceito operacional de ensaio acadêmico para Galvão (2018)



Fonte: adaptação de Galvão (2018, p. 130)

Em relação aos movimentos elencados por Larossa (2004) pode-se notar que outros aspectos emergem, especialmente em função da análise empírica de ensaios acadêmico-científicos. Destacamos, a título demonstrativo, a presença do diálogo com outras vozes e a verticalização do conteúdo como aspectos em consonância às normatizações da Academia.

Diante da nossa preocupação com o processo de didatização de gêneros acadêmicos, também sentimos a necessidade de investigar, ainda que de modo superficial, como o ensaio é contemplado nos livros/manuais de escrita acadêmica voltados para alunos de graduação e pós-graduação. Realizamos, então, a busca em dois materiais que se voltam para esse público e objetivo, sendo eles: a coleção *Escrever na universidade* (Vieira; Faraco, 2019), de Francisco Eduardo Vieira e Carlos Alberto Farraco, publicado pela editora Parábola; e o livro *Como produzir textos acadêmicos e científicos* (Brasileiro, 2024), de Ada Magaly Brasileiro, publicado pela editora Contexto.

A primeira coleção, *Escrever na universidade*, se divide em três volumes, com os seguintes subtítulos: i) fundamentos; ii) texto e discurso; e iii) gramática. Em nossa breve análise, notamos que os autores não buscam uma exploração exaustiva dos gêneros, mas apresentam alguns mediante o tratamento com conteúdo da textualidade, como coesão, texto, leitura e escrita. O ensaio - único gênero abordado - está situado, nessa coletânea, no segundo volume, mais especificamente como último tópico da última seção, intitulada “Argumentando”.

Ressaltamos, em primeira análise, que o livro possui um viés acentuadamente didático, no sentido de que é permeado por diálogos com o leitor, propõe atividades e objetivos de leitura, propostas de produção textual, dentre outros movimentos. No tópico destinado ao ensaio, os autores salientam que esse é um gênero muito comum na universidade e defendem que, diferentemente de outros gêneros que são submetidos a exigências mais rígidas, o ensaio permite uma reflexão menos enrijecida, como o próprio nome indica. Na palavra dos autores:

Aliamos, nesse gênero, o **rigor acadêmico** - ou seja, grande cuidado com a seleção das informações e com a escolha dos argumentos – e a **liberdade de experimentação reflexiva**. Em razão dessas características, é bastante comum os ensaios serem escritos em primeira pessoa do singular: o autor deixa claro seu perspectivismo [...].

Os ensaios podem ser de diferentes tamanhos. Os ensaios maiores geralmente são publicados em livro e os menores, na imprensa comum e em veículos de divulgação científica. (Vieira e Faraco, 2019, p. 196-197, grifos dos autores).

A discussão do papel experimental do ensaio, que tem um potencial didático importante no processo de letramento acadêmico, é nitidamente ressaltada pelos autores. Identificamos, porém, uma relativa redução acerca das possibilidades de publicações atribuídas ao ensaio. É evidente que o advérbio “geralmente” exclui qualquer possibilidade de restrição, mas questionamos: não seriam os ensaios mais comumente produzidos como atividade avaliativa solicitada por professores, sem a indicação de publicação? Ao nosso ver, parece algo mais próximo da realidade do estudante/público-alvo da coleção.

Em sequência, na unidade, o material traz como exemplar um ensaio publicado na revista *Cult*, escrito por um sociólogo e professor universitário. O movimento de leitura parece-nos bem conduzido, com pausas para questionamentos e apontamentos no movimento de reconhecimento do gênero e suas características. Destacamos, porém, que, apesar de ser um texto escrito por um acadêmico, o ensaio circula na esfera jornalística, que, como sabemos, possui critérios de validação diferentes da acadêmica. Embora, ressaltamos, entendemos que, certamente, a utilização de ensaios publicados em periódicos também fosse inviável em razão de extensão, e salientamos essa questão como um dos impasses para a elaboração de materiais didáticos voltados para esse gênero.

Avançamos, então, para o final da seção, após a proposição de uma atividade de produção de ensaio. Os autores elencam sete elementos balizadores para o bom êxito na redação do ensaio, as quais transcrevemos a seguir:

- (1) Atente para o **nível de informatividade** do ensaio, que precisa estar adequado ao perfil do leitor presumido. Busque informações sobre o tema que realmente contribuam para a apresentação de uma visão histórica e geral sobre o assunto.
- (2) Os temas que sugerimos a você são atravessados socialmente por diferentes **discursos**, muitas vezes polarizados. Assim é difícil abordar um tema como, por exemplo, sexualidade, sem se posicionar sobre o assunto, mesmo que implicitamente, pois a própria seleção das fontes de pesquisa já evoca um determinado ponto de vista e um aspecto do **universo discursivo** em questão. Certifique-se da veracidade de suas fontes, para que seu ensaio não se baseie nas malditas *fake news* que assolam a era digital.
- (3) Seu ensaio é um artefato verbal dotado de **unidade e progressão temática**. Cuidado para que a liberdade de expressão reflexiva própria do gênero não te leve a digressões no assunto ou outras formas de abordagem temática que secundarizem a dimensão histórica pretendida com a proposta apresentada.
- (4) Planeje a estrutura do ensaio. Organize em seções (se preferir utilizá-las) e os parágrafos na relação com a natureza e a articulação das informações. Selecione as **formas de desenvolvimento de parágrafos** mais adequadas ao seu projeto de texto.

É importante que todo esse planejamento seja feito posteriormente à pesquisa e aos estudos das fontes do ensaio, verificando o que será apresentado em cada seção (se houver) e em cada parágrafo.

- (5) Tenha toda atenção às múltiplas possibilidades de construção da **coesão** de seu ensaio, tanto na escrita quanto na revisão e reescrita. Selecione um léxico em sintonia semântica com a abordagem do tema, reitere expressões recorrentes por outras que sejam significativas àquele contexto, articule períodos e parágrafos com conectivos que explicitem adequadamente os sentidos pretendidos com aquela junção de enunciados.
- (6) Reporte discursos, valendo-se das estratégias de **citação direta** e **indireta**. Parafraseie, sumarie, reescreva aquela ideia com suas próprias palavras, em função do leitor presumido e dos intentos de seu ensaio.
- (7) Apresente e justifique suas opiniões. Embora o ensaio deva apresentar fatos e eventos históricos, a **argumentação** em defesa de um **ponto de vista** precisa acontecer no seu texto. Inclusive, tais fatos e eventos históricos podem funcionar como **argumentos empíricos** a serviço da tese elaborada. (Vieira e Faraco, 2019, p. 208-209, grifos dos autores)

Não nos parece equivocado afirmar que pelo menos seis, das setes dicas, se aplicam, de modo geral, a quase todos os textos escritos em contexto acadêmico - se considerarmos que, nem todos demandam a capacidade de argumentação explícita. Nesse sentido, pode-se perceber que tais dicas funcionam como elementos de retomada dos aspectos gerais da escrita desenvolvida no contexto do ensino superior, sem aprofundar, especificamente, ferramentas balizadoras para a produção do gênero ensaio. Isso não significa desqualificar ou questionar o potencial didático da obra. Como ressaltamos anteriormente, o foco da coleção parece ser destinado muito mais nesses aspectos centrais da escrita acadêmica que também carecem de ações didáticas. Todavia, diante do nosso objetivo investigativo, destacamos uma relativa lacuna nos pontos mencionados para o tratamento do gênero, o que não é, em primeira instância, a preocupação didática central de tal material.

O segundo material analisado, o livro *Como produzir textos acadêmicos e científicos*, possui um outro formato de organização e, portanto, enfatizamos que não buscamos tecer uma análise essencialmente comparativa em relação ao volume anteriormente apresentado, visto que seria incoerente mediante tais propósitos. O livro de Brasileiro (2024) é organizado em quatro seções: 1. As convenções do mundo acadêmico; 2. Princípios gerais dos trabalhos acadêmico-científicos; 3. Dimensão metodológica dos textos científicos; e 4. Principais trabalhos acadêmico-científico.

O quarto capítulo, na verdade, trata de diversos gêneros produzidos na Academia, como o artigo, o fichamento e o ensaio. Sobre o último, foco da nossa análise inicial, a autora começa a seção definindo-o:

É um texto dissertativo-argumentativo, problematizador, formal, original, que surge de reflexões e estudos, discutindo um tema. A abordagem do assunto deve apresentar a tese e os argumentos com clareza e lógica, devendo ser concludente. Pode também servir para revelar os resultados de um estudo, a análise aprofundada de um conceito ou uma biografia, trazer o desdobramento de um problema em subproblemas, reunir dados históricos sobre um assunto, levantar estratégias e recursos metodológicos utilizados em determinados cenários e assuntos, enfim, cercar amplos objetivos.

Um fator bastante caracterizador desse gênero textual é o alto nível de interpretação, julgamento pessoal e originalidade argumentativa. O autor tem maior liberdade para defender determinado posicionamento, sem que tenha, rigorosamente, de se apoiar em elementos empíricos e teóricos, como nas demais produções acadêmico-científicas. Para alcançar tal peculiaridade, o autor deve demonstrar grande informação cultural e maturidade intelectual. (Brasileiro, 2024, p. 140).

Nessa explicação, vê-se uma tentativa de empregar as múltiplas possibilidades que permeiam a construção do ensaio. Em sequência, inclusive, a autora apresenta a classificação de Severino (1995) sobre os tipos de ensaios para demonstrar tal pluralidade. Destacamos que, antes de apresentar a estrutura prototípica do ensaio, Brasileiro (2024) aponta a falta de normatização do gênero e o impacto na sua difusão: “como o ensaio não é normalizado pela ABNT, comumente se utiliza a estrutura intelectual e gráfica do artigo científico, sendo, contudo, um texto menor, com cerca de oito páginas.” (Brasileiro, 2024, p. 141). Mais à frente, após a explanação da estrutura básica (parte pré-textual, parte textual - introdução, desenvolvimento e conclusão - e parte pós-textual), a autora reitera essa questão, voltando-se especialmente ao aluno:

**Figura 2 – Box Falando com o aluno**

**Falando com o aluno**

Quando o seu professor lhe solicitar um ensaio, esclareça os objetivos a serem alcançados e os elementos que serão avaliados. Peça-lhe indicações de normas e padrões textuais seguidos por ele. Isso é necessário porque, como já foi dito, o ensaio não é normalizado pela ABNT, o que pode gerar grande variedade de modelos e formatos. Caso não sejam fornecidos, siga as instruções deste manual.

Fonte: Brasileiro (2024, p. 144)

Na perspectiva da autora, dentro dos fins projetados para o livro, observa-se que o foco dado é ao ensaio como instrumento avaliativo, solicitado pelo professor ao graduando ou pós-graduando. É interessante observar a recomendação ao aluno de tomar conhecimento dos critérios avaliativos específicos do docente, em razão da grande

variedade de formatos e modelos citada. Observamos, então, que o reconhecimento da subjetividade e expectativas do avaliador são determinantes no processo de elaboração do ensaio devido à falta de normatização em comparação aos demais gêneros.

Nesse sentido, o manual serve como um subsídio na ausência de encaminhamentos precisos por parte do professor solicitante. Tal exame nos direciona para um entendimento de que o ensaio ainda é pouco compreendido de forma consensual entre os próprios professores que solicitam a produção dos gêneros a seus alunos, que, por vezes, devem produzir textos atendendo a exigências subjetivas e nem sempre compreendendo tais motivações.

Por fim, antes do exemplo de início de ensaio, o material apresenta algumas dicas para a produção, listadas a seguir:

1º Passo: reflita sobre o tema, leia a respeito e defina o objetivo da produção.

2º Passo: construa um esquema do texto, em tópicos, identificando as ideias relevantes para a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

3º Passo: redija a tese e avalie sua consistência e as condições argumentativas de comprovação.

4º Passo: digite o ensaio, conforme as normas de formatação de trabalhos acadêmicos – ABNT 14724 (2011).

5º Passo: leia e revise o seu texto. Destaque os pontos principais, avalie a clareza, a força dos argumentos, a correção linguística, a estrutura, o alcance dos objetivos e das expectativas. Pergunte-se: “Se eu não fosse o autor deste texto, eu seria convencido acerca dessa ideia?” (Brasileiro, 2024, p. 144)

De modo geral, podemos afirmar que, nesse material, a dimensão do conteúdo é mais relevante nas orientações. Em diálogo com o volume de Vieira e Faraco (2019), pode-se observar, em convergência, a argumentação como marca elementar do ensaio, como também demonstraram os autores supracitados (Hidalgo-Capitán, 2012; Rodrigues, 2015; Galvão, 2018).

A partir dessa curta análise, podemos perceber, como inferimos das orientações de Brasileiro (2024), que há uma relativa dificuldade na conceituação e didatização do gênero, especialmente em função das suas múltiplas formas de circulação, mesmo no domínio acadêmico, como vimos em Vieira e Faraco (2019). Então, considerando a necessidade de pensar uma prática de linguagem situada num determinado contexto, convém, antes de apresentarmos nossos procedimentos metodológicos do estudo, situar as bases que alicerçam nossa investigação, pautadas no escopo do Interacionismo Sociodiscursivo.

### **3. CONTRIBUIÇÕES DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO PARA ANÁLISE DE TEXTOS**

Dentro do escopo deste trabalho, adotamos o aparato teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo para a constituição dos nossos princípios epistemológicos e analíticos. O ISD, como é comumente abreviado no Brasil, é, simultaneamente, uma vertente e um prolongamento do Interacionismo Social (IS) (Bronckart, 2006a). O ISD, porém, amplia o escopo teórico do IS ao integrar de maneira mais profunda os aspectos da linguagem no desenvolvimento humano, reconhecendo que a linguagem não só mediatiza, mas também estrutura as relações sociais e cognitivas.

O extenso arcabouço conceitual do ISD recebe contribuições de teóricos do campo da Linguística, da Psicologia, da Sociologia, da Filosofia, das Ciências da Educação e de outras áreas do conhecimento. O trabalho de articulação desses subsídios é atribuído, principalmente, a Jean- Paul Bronckart, professor e pesquisador da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da *Université de Genève*. Outros colegas, como Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, Auguste Pasquier e Michèle Noverraz, além de atuarem na construção desse projeto, também operacionalizaram e ampliaram os conceitos fundamentais que hoje permeiam os pressupostos do ISD.

A publicação de *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo* (devorante ATD), em 1997, estabeleceu-se como um marco central no processo de consolidação da teoria. Nessa obra, Bronckart desenvolve um modelo de análise de textos baseado no esquema da arquitetura textual, proporcionando uma estrutura conceitual robusta para investigar os fenômenos linguísticos sob a ótica do ISD. Assim, a partir desse trabalho e dos fundamentos teóricos posteriormente discutidos, o ISD se estabelece como uma corrente teórica que coloca as práticas de linguagem no centro de suas investigações, reconhecendo sua importância fundamental na construção e na negociação de significados no contexto social.

No Brasil, é no final da década de 1990 quando os estudos do ISD começam a conquistar espaço mais significativo nas discussões acadêmicas, especialmente após a tradução do ATD, em 1999. Anna Rachel Machado, uma das tradutoras da obra, desempenhou um papel fundamental na disseminação dos princípios do ISD no país,

dedicando-se à divulgação dos pressupostos teóricos da corrente. Especialmente com a criação do grupo ALTER-CNPq (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações) esse trabalho pioneiro estabeleceu as bases para o desenvolvimento do estudo no Brasil, lançando luz sobre uma abordagem promissora para compreender a linguagem e sua relação com o desenvolvimento humano.

No cenário atual, outras pesquisadoras e pesquisadores também têm contribuído significativamente para o avanço da pesquisa dentro desse escopo. Ainda no âmbito da composição atual do grupo ALTER, Adair Vieira Gonçalves (UFGD), Ana Maria de Matos Guimarães (UNISINOS), Anderson Carnin (UNICAMP), Anise D'Orange Ferreira (UNESP), Eliane Lousada (USP), Eulália Leurquin (UFC), Ermelinda Maria Barricelli (USF), Lília Santos Abreu-Tardelli (UNESP), Luzia Bueno (USF), Regina Celi M. Pereira (UFPB), e Vera Lúcia Cristovão (UEL) são pesquisadores que têm desempenhado um papel ativo nesse processo de incorporação do ISD na tradição de pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil, mantendo um estreito contato com o Grupo de Genebra<sup>5</sup>, conexão importante para a socialização de pesquisas e o enriquecimento do debate acadêmico.

Apesar de sua relativa juventude e abrangência, o ISD está gradualmente se firmando como um projeto consolidado. Conforme indicado pelo próprio Bronckart (2006a), a agenda do ISD está fundamentada no constante ciclo de agir-reflexivo e aprimoramento da teoria. Os resultados positivos provenientes das pesquisas realizadas no âmbito do ISD são notáveis especialmente notável quando consideramos o diálogo estabelecido com a Linguística Aplicada, uma área de significativo desenvolvimento no Brasil (Pereira; Medrado; Reichmann, 2015).

A interdisciplinaridade e a complexidade são paradigmas compartilhados tanto pelo ISD quanto pela Linguística Aplicada, proporcionando um terreno fértil para colaborações frutíferas e avanços teóricos substanciais. Essas características impulsionam a consolidação do ISD, tornando-o cada vez mais relevante não apenas no campo da Linguística, mas também em áreas correlatas. À medida que novas pesquisas são realizadas e novas conexões são estabelecidas, espera-se que o ISD continue a desempenhar um papel importante na compreensão da linguagem e do desenvolvimento

---

<sup>5</sup> Citamos aqui apenas os nomes de pesquisadores vinculados ao ALTER, mas há vários outros grupos de pesquisa no país que se utilizam dos fundamentos teórico-metodológicos do ISD como aporte de análise.



humano, contribuindo para um entendimento mais profundo da complexidade das interações linguísticas e sociais.

Diante de sua robustez e extensão teórica, neste capítulo, não pretendemos esgotar os construtos conceituais do ISD. Almejamos situar pontualmente os pressupostos necessários para compreender o paradigma científico adotado, bem como apresentar a revisão de conceitos essenciais para a construção desta pesquisa e discutir possíveis implicações na constituição do objeto de estudo: o ensaio acadêmico.

### **3.1. Pressupostos epistemológicos**

Conforme mencionado, com o Interacionismo Social inaugurou-se uma orientação epistemológica geral desenvolvida no primeiro quarto do século XX, principalmente a partir das ideias de Vygotsky (1998[1934]), Bühler (1927), Claparède (1905), Dewey (1910), Durkheim (1922), Mead (1934) e Wallon (1939), as quais buscavam compreender o alcance social da aquisição da linguagem. Inspirada no monismo de Spinoza (2009[1677]) e na perspectiva histórico-dialética de Marx e Engels (2007), essa orientação se direciona em oposição radical ao modelo positivista, que contribuiu para a ramificação das ciências em múltiplas disciplinas e subdisciplinas.

Segundo a perspectiva vygotskyana, a construção do pensamento humano não poderia ser tratada de forma desvinculada da construção dos fatos sociais e das obras culturais, de modo que os processos de socialização e de individualização funcionam como duas vertentes indissociáveis do mesmo desenvolvimento humano (Bronckart, 2023). Vygotsky (1998), então, propõe a integração das ciências humanas e sociais em prol de uma abordagem unificada para compreender o ser humano.

Com base nesses princípios, o ISD busca superar a segmentação no âmbito das ciências humanas/sociais, propondo uma abordagem integradora que enfatiza a interconexão entre os aspectos individuais e sociais do desenvolvimento humano. Em vez de separar esses campos de estudo, o ISD articula uma visão unificada das Ciências do Humano, em que os fenômenos discursivos, cognitivos e sociais são indissociáveis.

É também Vygostky (1998) quem evidencia, a partir da investigação do processo de aquisição da linguagem, o papel determinante dos signos verbais na constituição do pensamento humano. Para o teórico, é por meio da internalização de uma linguagem social que o funcionamento psicológico se torna um funcionamento consciente. Destacamos que a dimensão social da linguagem, posta por Vygotsky (1998) como

primeira, confronta parcialmente a teoria de Jean Piaget, e instaura a noção de um pensamento humano que é fundamentalmente semiótico e social. As implicações, para os estudos do desenvolvimento humano e da linguagem, consistem numa mudança de paradigma inatista e naturalista para o reconhecimento do aspecto sócio-histórico.

A perspectiva de Vygotsky (1998) sobre a formação do pensamento humano encontra ressonância nas ideias de Marx e Engels (2007), que também argumentam que o pensamento é, em última análise, um produto das condições históricas e sociais. Ao relacionar a aquisição da linguagem com a apropriação das práticas discursivas de um contexto social, o ISD alinha-se à visão marxista de que o desenvolvimento cognitivo e a consciência emergem das interações sociais e materiais. Para os filósofos, os homens e mulheres, ao se reapropriarem das especificidades instrumentais e discursivas do meio sócio-histórico em que estão inseridos, possuem condições para a emergência de capacidades autorreflexivas e conscientes.

A fim de aprofundar a compreensão da semiotização do pensamento humano, Bronckart (2023) se apoia nos estudos de Saussure (2004), os quais postulam que os signos são entidades bifaciais, com um lado psíquico e outro social. Tanto Vygotsky (1998) quanto Saussure (2004) destacam que a linguagem é fundamental para a estruturação do pensamento consciente. Enquanto Vygotsky explora como a internalização dos signos verbais transforma o funcionamento psíquico, Saussure evidencia que o signo é sempre arbitrário, uma vez que a escolha de um significante (representação acústica) é independente das propriedades naturais do significado (o objeto no mundo); discreto, pois é recortado, limitado e imotivado, ou seja, sem uma determinação natural, funciona conforme estabelecido em convenção social, o que reforça a ideia de que o pensamento humano está enraizado em processos sócio-históricos.

Além disso, para o ISD, o conceito de dupla ancoragem da linguagem proposto por Saussure (2004) é fundamental. Ele sugere que a dimensão psicológica não pode ser entendida apenas no nível individual, mas deve ser vista em constante interação com o ambiente social. Aqui, percebemos uma convergência com a perspectiva de Vygotsky (1998), pois, como aponta Bronckart (2006a), os autores concordam que "os signos linguísticos estão na base da constituição do pensamento consciente humano" (p. 9). Assim, tanto para Saussure quanto para Vygotsky, a linguagem emerge de uma relação dialética entre o indivíduo e o social.

Na formulação desses pressupostos no quadro teórico do ISD, Jean-Paul Bronckart amplia as contribuições desses teóricos. Apoiado nos trabalhos de Volochinov (2017[1929]), o ISD adotou a perspectiva de análise descendente dos fatos de linguagem.

Entende-se, nesses estudos, que não basta exclusivamente um sistema linguístico organizado, como defendem algumas leituras da obra de Saussure, ou um sujeito dotado de uma competência biológica para que a linguagem aconteça. É necessário, sobretudo, uma situação de interação social que mobilize o humano para agir por meio da linguagem, uma vez que falamos e escrevemos sempre com uma determinada finalidade, para um interlocutor planejado (seja ele fictício ou não) e dentro de um contexto sócio-histórico específico.

Isso não significa, porém, desprezar a dimensão fisiológica, biológica ou cognitiva do processo de aquisição e desenvolvimento linguístico, mas nos leva a assumir que esses aspectos são moldados a partir das práticas de socialização em que o sujeito é inserido. Conforme os já mencionados estudos de Marx e Engels (2007), a condição fundamental para o surgimento das capacidades autorreflexivas ou conscientes reside na reapropriação das propriedades instrumentais e discursivas inerentes a um meio sócio-histórico, fator que não pode ser desconsiderado nos estudos da linguagem e das ações humanas.

Nessa mesma direção, as obras de Bakhtin (2003[1979]) e de Volochinov (2017) propõem ao ISD uma visão mais ampla da dimensão discursiva da linguagem e da interação humana. Sob tal ótica, o texto não é apenas uma sequência de palavras, mas uma unidade dinâmica que reflete a interação entre os sujeitos e seus contextos sociais. Emerge, portanto, o entendimento de que os discursos são construídos a partir de relações dialógicas e, portanto, permeados por relações de poder e de ideologias. Nas palavras de Volochinov (1997, apud Bronckart, 2008, p. 75)

[...] os discursos apresentam sempre um caráter dialógico: eles se inscrevem em um horizonte social e se dirigem a um auditório social: “toda palavra tem duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém quanto pelo fato de que é dirigida a alguém. Ela é o produto da interação do locutor e do ouvinte [...]”.

Desse modo, é indispensável considerar que a linguagem exprime relações que extrapolam o nível do indivíduo e assume uma função coletiva. O falante recebe uma

língua pronta - que lhe é anterior - mas também a cria a cada nova atividade de socialização da qual participa.

Nesse entendimento, as ações humanas, em sentido amplo, e as ações verbais, em sentido restrito, passam a ser analisadas considerando a dimensão ativa, orientada pelos aspectos da *práxis*. Para maior compreensão, o ISD recorre à Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas (2003), a qual nos explica que, devido à necessidade de estabelecer estratégias de cooperação, os humanos usam as interações como forma de regulação e mediação dessas práticas, de modo que o homem age por meio de linguagem. No âmbito desta teoria, então, *ação* é concebida como uma manifestação da intervenção humana consciente no mundo, ou, uma “sequência organizada de eventos atribuídos a um agente, ao qual pode ser atribuído um motivo e uma intenção”, nas palavras de Bronckart (2006b, p. 67).

### **3.2. O estatuto do texto**

As *ações de linguagem*, segundo Bronckart (2023), podem ser compreendidas como o uso concreto e consciente da linguagem por parte dos seres humanos. Essas ações se materializam em uma entidade empírica, que são os *textos* produzidos pelos agentes verbais. O texto é considerado, assim, a unidade comunicativa superior, pois apenas nele é possível analisar a complementaridade entre o interno (os sistemas das línguas) e o externo (estrutura e funcionamento dos diferentes usos linguísticos) que caracterizam a linguagem.

É válido esclarecer que entendemos por texto qualquer produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente a qual, ainda conforme Bronckart (2023):

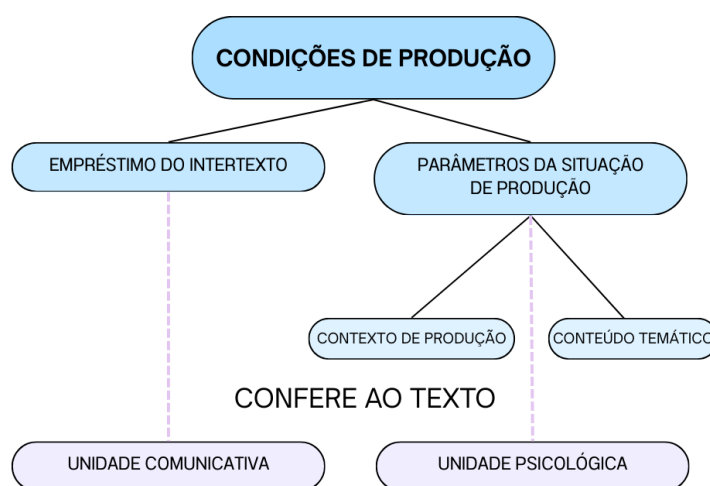
- Desempenha uma relação de interdependência com as propriedades do contexto;
- Possui um modo de organização do conteúdo referencial;
- É composta por frases articuladas umas às outras;
- Realiza mecanismos de textualização e de responsabilidade enunciativas.

Esses fatores de caracterização estão diretamente relacionados com a concepção de linguagem apresentada, de modo que o texto é sempre situado em relação ao contexto, visto que é sempre desencadeado por uma determinada ação de linguagem, que, por sua vez, se insere no âmbito de uma atividade coletiva. É também organizado e articulado

porque é acabado e suficiente, posto que cumpre uma determinada função comunicativa em dada situação de interação.

Dessa maneira, ao se engajar numa ação de linguagem, isto é, produzir um texto, o agente verbal dispõe, como nas demais ações, de um conhecimento limitado e parcial sobre os mundos representados. Esses mundos são categorizados com base na Teoria do Agir Comunicativo de Habermas (2003), a qual propõe a categorização do mundo em social, físico e subjetivo. Para o sociólogo, o *mundo social* seria o das relações interpessoais legitimamente reguladas; o *mundo objetivo* seria aquele dos fatos de existência concreta e comprovada; e o *mundo subjetivo* mobiliza as experiências pessoais, das quais apenas o sujeito possui acesso. Assim, o locutor a partir das práticas de interação, se apropria de conhecimentos relativos ao mundo objetivo, ao mundo social e ao mundo subjetivo, os quais guiarão o processo de produção de texto e, a partir deles, outras decisões são tomadas pelo agente. Quer isso dizer que as condições de produção exercem influência não desprezível sobre a construção do texto empírico e, logicamente, não podem ser ignoradas numa análise desse produto. Essas representações dos três mundos, que compõem as condições de produção, são requeridas como parâmetros da situação de comunicação e como empréstimo do intertexto, como ilustrado na Figura 3.

**Figura 3** - Condições de produção das ações de linguagem



Fonte: elaboração própria

Acerca do empréstimo do intertexto (Bronckart, 2023), já explanamos algumas considerações no primeiro capítulo desta dissertação, mas refere-se à eleição, pelo falante,

de um gênero que considere mais adequado, dentre todos disponíveis, para intermediar sua ação de linguagem. Esse movimento, segundo Bronckart (2023), confere ao texto unidade comunicativa. Já os parâmetros da situação de produção, conferem ao texto unidade psicológica, e é dividido entre contexto e conteúdo temático (referente).

O *conteúdo temático* diz respeito ao conjunto de informações que são explicitamente apresentadas no texto por meio de uma língua natural. Esse parâmetro influencia diretamente a eleição do gênero, por exemplo. O *contexto* se refere ao “conjunto dos parâmetros suscetíveis de exercer uma influência sobre a maneira como um texto é organizado” (Bronckart, 2023, p. 79). Ele é analiticamente dividido em contexto físico, com quatro parâmetros: lugar de produção, momento de produção, emissor e receptor; e contexto sociossubjetivo, em que os parâmetros são: o lugar social, a posição social do emissor, a posição social do receptor e o objetivo da interação. Para essa categorização, que será expressivamente pertinente em nossa análise, Bronckart (2023) elenca os seguintes questionamentos, elencados no Quadro 3.

**Quadro 4** - Parâmetros de análise do contexto sociossubjetivo

PARÂMETRO	PERGUNTA
O lugar social	no quadro de qual formação social, de qual instituição ou, de forma mais geral, em que modo de interação o texto é produzido escola, família, mídia, exército, etc.?
A posição social do emissor (que lhe confere o estatuto de enunciador)	qual é o papel social que o emissor desempenha na interação em curso: papel de professor, de pai, de cliente, de superior hierárquico, de amigo, etc.?
A posição social do receptor (que lhe confere o estatuto de destinatário)	qual é o papel social atribuído ao receptor do texto: papel de aluno, de filho, de colega, de subordinado, de amigo etc.?
O objetivo (ou os objetivos) da interação	qual é, do ponto de vista do enunciador, o efeito (ou os efeitos) que o texto pode produzir sobre o destinatário?

Fonte: elaboração própria, com base em Bronckart (2023)

Para análise de textos, Bronckart (2023) operacionaliza uma proposta metodológica com base em estudos realizados em um vasto *corpus* de textos do francês contemporâneo. Segundo o teórico, na análise da arquitetura interna, todo texto se organiza em três níveis superpostos e, em parte, interativos que compõem o folhado textual. Essas camadas referem-se à *infraestrutura geral do texto*, aos *mecanismos de*

textualização e aos *mecanismos enunciativos*. Importante destacar que essa sobreposição se baseia na constatação de um caráter interdependente (ou parcialmente) de toda organização textual.

Para ilustrar introdutoriamente essa categorização, utilizaremos como exemplar o texto “Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade”, da pesquisadora em Linguística Beth Brait, publicado na coletânea *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Essa ilustração, porém, não visa esgotar as possibilidades de uma análise mais apurada do texto, mas apenas exemplificar categorias conceituais. De forma complementar, também incluiremos trechos da obra literária *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, para elucidar alguns conceitos, quando não se materializarem no texto de Brait (2006) ou julgarmos pertinente eleger algo mais elucidativo.

No âmbito do ISD, a *infraestrutura geral* do texto é composta pelo **plano geral**, os **tipos de discursos** e as **sequências**. O **plano geral** é compreendido como o resumo do texto, pois diz respeito à organização do conjunto do conteúdo temático. No ensaio de Brait (2006), o plano geral pode ser visto como uma discussão teórica sobre a proposição conceitual de Bakhtin e seu Círculo sobre o conceito de estilo. Nesse sentido, a autora começa levantando as definições de estilo em estudos linguísticos e literários para, em contraponto, relacioná-las às leituras da obra de Bakhtin. Para tal, se apoia também na presença do dialogismo da linguagem e da noção de autoria. Essa argumentação em prol da categoria estilo como parte constituinte de qualquer texto verbal, visual ou verbo-visual é ilustrada pela adaptação de *Outras histórias*, de Guimarães Rosa, para o audiovisual, por Pedro Bial.

Já os **tipos de discursos** são considerados por Bronckart (2006b) a categoria mais importante da infraestrutura, uma vez que corresponde aos mundos discursivos construídos na materialidade do texto. É comum que, dentro de um mesmo exemplar textual, haja uma predominância de um tipo de discurso, mas não é raro encontrarmos mais de um coabitando o mesmo texto. Por isso, trata-se, quase sempre, de uma análise de segmentos, os quais podem ser categorizados considerando dois eixos principais. Dessa forma, pode-se pensar os tipos das operações psico-linguageiras que os sustentam.

Por meio da operação disjunção x conjunção, delimita-se se as coordenadas que organizam o conteúdo temático posto no texto estão postas à distância das coordenadas da situação de produção do agente, que seria o caso da ordem do NARRAR, ou não estão,

que seria o caso da ordem do EXPOR (Bronckart, 2010). Como ilustração, no texto de Brait (2006), apontamos os seguimentos em cores verde e azul no Exemplo 1, a seguir:

#### Exemplo 1

Os leitores de *Marxismo e filosofia da linguagem*, certamente, o livro mais conhecido e citado pelos lingüistas, estão inteiramente convictos da forma como a lingüística, especialmente a lingüística estrutural, foi enfrentada pelos estudos bakhtinianos, gerando consequências essenciais para os estudos linguísticos e para uma concepção histórica e social da linguagem. Entretanto, sempre que as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, tomadas na obra como interlocução polêmica, são retomadas, o *objetivismo abstrato*, isto é, a vertente que trata a língua como sistema autônomo, é o focalizado, é o escolhido como centro da discussão (Brait, 2006, p. 56, grifo em itálico da autora)

Na oração principal do excerto, destacada em azul, nota-se que as coordenadas da ação de produção do agente estão conjuntas às coordenadas que organizam o conteúdo temático. Isto é, no momento da escrita do texto, a autora acredita que os leitores de MFL estão convictos de algo. Trata-se, portanto, de uma relação de simultaneidade, de conjunção e, portanto, da ordem do EXPOR. Já na oração subordinada substantiva completiva nominal, destacada em verde, é notável que há uma disjunção entre o que está posto no referente e o que é posto na situação de produção. Há uma disjunção entre o mundo narrado (a forma como a lingüística foi tratada) e o mundo do expor (a forma como a lingüística é tratada atualmente). O verbo no passado, nesse caso, marca a ordem do NARRAR.

Em segunda instância, verifica-se a relação do autor e a situação do produtor, se frente às instâncias de agentividade (implicado) ou não (autonomia). Esta categorização diz respeito, especialmente, às marcas de subjetividade do enunciador. Quando o locutor é autônomo em relação ao contexto, ele se afasta do enunciado, assumindo um distanciamento. Já quando é implicado, tente a “assumir o dizer” e marcar sua presença explícita no texto. Isso pode ser visto nas demarcações em roxo e laranja no Exemplo 2, a seguir.

#### Exemplo 2

[...] Da mesma forma, e como consequência lógica, estilo implica interação, e o que é mais significativo: está necessariamente implicado em qualquer interação atividade de linguagem e não apenas na atividade literária. Essa me parece ser a consequência mais importante para os estudos da linguagem, na sua perspectiva enunciativo-discursiva. (Brait, 2006, p. 59)

No primeiro período, em roxo, é vista uma explicação acerca da categoria estilo em MFL, por mais que possa ser compreendido como uma interpretação de Brait (2006),



no âmbito do discurso, pode-se dizer que a autora não está implicada diretamente, uma vez que ela não se demarca na materialidade linguística. Já no segundo período, em laranja, pode ser encontrada de forma evidente a marca de subjetividade da autora e, portanto, sua implicação no texto. Refere-se, no âmbito do conteúdo temático, à uma eleição por parte da pesquisadora do que seria a consequência mais importante para os estudos da linguagem, e, por isso, é importante demarcar que se trata de um posicionamento subjetivo.

Entrecruzando essas duas relações (*disjunção x conjunção* e *implicação x autonomia*), constituem-se quatro tipos de discursos, os quais são:

- Narração: do eixo do narrar (disjunto) e autônomo, como pode ser visto no destaque verde do Exemplo 1
- Relato Interativo: do eixo do narrar (disjunto) e implicado, o qual pode ser exemplificado no trecho de *Dois Irmãos*: “Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal de origem”. (Hatoum, 2006, p. 54)
- Discurso Interativo: do eixo do expor (conjunto) e implicado, como pode ser visto no destaque em laranja, no Exemplo 2.
- Discurso teórico: do eixo do expor (conjunto) e autônomo, como pode ser visto em azul e roxo, nos exemplos 1 e 2, respectivamente.

Isto posto, na perspectiva do ISD, é importante diferenciarmos tipos de discurso e sequências textuais. No que tange às **sequências textuais**, terceira categoria da infraestrutura geral, essas são conceituadas com base em Adam (2011), como “formas possíveis de planificação dos conteúdos” (Machado, 2005) e se distribuem em seis tipos, conforme dispostas no quadro a seguir:

**Quadro 5** - Sequências, representações dos efeitos pretendidos e fases correspondentes

SEQUÊNCIAS	REPRESENTAÇÕES DOS EFEITOS PRETENDIDOS	FASES
Descritivas	Fazer o destinatário ver em pormenor elementos de um objeto de discurso, conforme a orientação dada a seu olhar pelo produtor	Ancoragem Aspectualização Relacionamento Reformulação
Explicativa	Fazer o destinatário compreender um objeto de discurso, visto pelo produtor como incontestável, mas também como de difícil compreensão para o destinatário	Contestação inicial Problematização Resolução Conclusão/avaliação
Argumentativa	Converter o destinatário da validade de posicionamento do produtor diante de um objeto de discurso visto como contestável (pelo produtor e/ou pelo destinatário)	Estabelecimento de: <ul style="list-style-type: none"> <li>• premissas</li> <li>• suporte argumentativo</li> <li>• contra-argumentação</li> <li>• conclusão</li> </ul>
Narrativa	Manter a atenção do destinatário, por meio da construção de suspense, criado pelo estabelecimento de uma tensão e uma subsequente resolução	Apresentação de: <ul style="list-style-type: none"> <li>• situação inicial</li> <li>• complicação</li> <li>• ações desencadeadas</li> <li>• resolução</li> <li>• situação final</li> </ul>
Injuntiva	Fazer o destinatário agir de certo modo ou em determinada direção	Enumeração de ações temporalmente subsequentes
Dialogal	Fazer o destinatário manter-se na intenção proposta	Abertura Operações transacionais Fechamento

Fonte: Machado (2005)

Além das sequências, outras formas de planificação como o *script* e a esquematização são apresentadas por Bronckart (2023). Entretanto, dentro do escopo desta dissertação, nos limitamos a pôr acento sobre as seis sequências supracitadas. Para ilustrar essas sequências, pode-se dizer que, no nível macro textual, o texto de Brait (2006) constitui um texto argumentativo, uma vez que estabelece uma premissa [tese], acompanhada de argumentos e contra-argumentos que levam a uma conclusão. Em nível microtextual, para não tornar a exposição exaustiva, elucidamos que, comumente, é notório um imbricamento entre as sequências, como pode ser visto no trecho de Dois Irmãos, de Milton Hatoum, no Exemplo 3:

## Exemplo 3

Zana não se despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para ser livre", como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade.

"Louca para ser livre." Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. (Hatoum, 2006, p. 50)

Em destaques, o **vermelho** refere-se a elementos relativos à sequência descritiva, como a predominância de verbos no pretérito imperfeito do indicativo (*desapegava, ficava, olhava*) e do emprego de adjetivos (*mirrada, escrava, ama, guardadas*). Em **verde**, há elementos da sequência dialogal, em que retoma um diálogo pregresso entre as personagens e, intermediando a marcação desses diálogos, há traços da sequência narrativa, marcadas em **azul**, indicando elementos de tempo, com o uso do verbo no pretérito perfeito do indicativo (*disse, ficou*). Há também, num olhar interpretativo, uma construção argumentativa, especialmente no trecho marcado em **roxo**, uma vez que o narrador elenca uma contra-argumentação, introduzida pelo conectivo *mais*. Em nível macro textual, porém, sabemos que o romance, como natural do gênero, é um texto predominantemente narrativo. Com essa exemplificação, não esperamos meramente categorizar sequências, mas demonstrar a dinamicidade dessas categorias analíticas e a forma como elas se manifestam nos mais diversos gêneros textuais.

No segundo estrato no folhado textual, entre a infraestrutura geral e os mecanismos enunciativos, estão os *mecanismos de textualização*, principais responsáveis para o estabelecimento da coerência temática do texto por meio de séries isotópicas. Esses mecanismos são inicialmente classificados em três tipos: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

A **conexão** desempenha um papel importante ao marcar as articulações entre os níveis de organização de um texto, explicitada a partir dos organizadores textuais (Bronckart, 2023). Ela pode tanto segmentar os tipos de discursos (segmentação), como também a balizar as fases de uma sequência (balizamento ou demarcação) ou evidenciar as articulações entre oração em estruturas que compõem a fase de uma sequência (empacotamento) ou, ainda, articular duas ou mais frases numa única frase gráfica, seja

em coordenação (ligação) ou subordinação (encaixamento). Para ilustrar, retomamos o Exemplo 1:

#### Exemplo 1

Os leitores de *Marxismo e filosofia da linguagem*, certamente, o livro mais conhecido e citado pelos lingüistas, estão inteiramente convictos da forma como a lingüística, especialmente a lingüística estrutural, foi enfrentada pelos estudos bakhtinianos, gerando consequências essenciais para os estudos linguísticos e para uma concepção histórica e social da linguagem. Entretanto, sempre que as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, tomadas na obra como interlocução polêmica, são retomadas, o *objetivismo abstrato*, isto é, a vertente que trata a língua como sistema autônomo, é o focalizado, é o escolhido como centro da discussão (Brait, 2006, p. 56, grifo em itálico da autora)

É possível identificar o “Entretanto”, grafado em **vermelho**, atuando como mecanismo de balizamento, organizando a fases da sequência argumentativa (argumentação + contra-argumentação). Também, a expressão “sempre que”, grada em **azul**, introduz uma oração subordinada adverbial temporal, que estabelece uma relação de encaixamento entre frases sintáticas. Em verde, de forma complementar, destacamos dois elementos de ligação, em **verde**. Tanto a conjunção “e” como a locução “isto é” que estabelecem relação de justaposição/coordenação no âmbito de uma mesa frase oracional. De modo introdutório, é possível perceber que os mecanismos de conexão atuam como organizadores textuais em diversos níveis, construindo na progressão do conteúdo verbal.

Já a **coesão nominal** é responsável por introduzir personagens e/ou temas, bem como assegurar suas retomadas ou substituições ao longo do texto. De acordo com Bronckart (2023), as relações de coesão nominal são marcadas por sintagmas nominais ou pronominais, constituindo cadeias anafóricas. O autor apresenta, para isso, duas funções, a de *introdução*, que consiste em marcar, no texto, a inserção de uma unidade de significação nova e a de *retomada*, que consiste na reformulação dessa unidade primeira ao longo do enunciado.

Ademais, a coesão nominal é realizada por duas principais categorias de anáforas. São elas: *pronominal*, que é materializada pelos pronomes pessoais, relativos, possessivos, reflexivos e demonstrativos, na qual inclui-se a marca Ø, considerada “o produto de uma transformação de apagamento de um pronome” (Bronckart, 2023, p. 247); e nominais, referentes aos múltiplos tipos de sintagmas nominais, que podem ser idênticos ao antecedente ou se diferenciam no plano lexical, das marcas de determinação ou, ainda, nesses dois planos. Para ilustrar essa categoria, retomamos o Exemplo 3:

## Exemplo 3

Zana não se despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para ser livre", como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde Ø dormiam com seus sonhos de liberdade.

"Louca para ser livre." Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, Ø sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, Ø ansiosa por falar. (Hatoum, 2006, p. 50)

No exemplo, os itens marcados em roxo são elementos de introdução, marcados pela primeira vez no discurso e os demais destacados são elementos de retomada desses elementos. O termo “Domingas”, por exemplo, é retomado principalmente por meio de sintagmas nominais, marcados em azul, como “cunhantã mirrada”. Também destacamos a repetição como elemento anafórico da palavra “morte”, com mudança no plano da marca de determinação com a preposição (em). Já o termo “outras empregadas da vizinhança” é retomado por pronomes, grifados em laranja, sendo eles demonstrativos (todas), possessivos (seus) e pela marca Ø<sup>6</sup>.

Por sua vez, a **coesão verbal** confere ao texto a organização temporal e/ou hierárquica dos processos, marcados pelas formas verbais – sejam elas de estado, acontecimento ou ações. Os constituintes que compõem esses sintagmas contribuem para o estabelecimento das relações temporais, matrizes aspectuais e algumas modalizações. Essas duas primeiras são essenciais para a coerência temática do enunciado e, por isso, será enfocada nesta exposição, já a última está relacionada à coerência pragmática.

Bronckart (2023) distingue principais funções dos verbos na manutenção da coesão verbal: a temporalidade e a aspectualidade. A temporalidade é manifestada nos tempos verbais e, ocasionalmente, reforçada por advérbios. O valor do tempo verbal, nessa ótica, é resultado de uma escolha para codificar a relação entre o momento do processo de realização e o momento da enunciação ou um ponto de referência psicológico. Assim, estabelecem-se quatro funções de coerência verbal:

<sup>6</sup> No português, a retomada de referentes pode ser sinalizada apenas pela flexão verbal, dispensando a repetição do pronome pessoal. Dessa maneira, pela conjugação do verbo na terceira pessoa do plural, o leitor é capaz de recuperar o sujeito elíptico – e elemento de introdução – “outras empregadas da vizinhança”.

- a) Temporalidade primária: ocorre quando o processo se relaciona diretamente com um dos eixos de referência ou com a duração associada ao momento de produção.
- b) Temporalidade secundária: estabelece uma relação temporal entre dois processos, situando um deles como anterior, simultâneo ou posterior ao outro.
- c) Contraste global: distingue séries isotópicas de processos, destacando uma delas em primeiro plano e relegando as demais ao segundo.
- d) Contraste local: apresenta o processo como um quadro, no qual outro processo é destacado de modo local.

Já a aspectualidade refere-se à expressão de propriedades internas dos processos, como duração, frequência ou grau de realização, e é expressa pelos elementos do sintagma verbal. As principais funções são indicar os tipos de processo e os graus de realização desses processos. Os tipos de processos ou categorias verbais podem ser classificados da seguinte forma, segundo Bronckart (2023, p. 254):

- a) Verbos de estado: indicam processos estáveis, sem mudança (ex: ser, permanecer);
- b) Verbos de atividade: representam processos dinâmicos e não implicam resultados definidos (ex: caminhar, tricotar);
- c) Verbos de realização: situam processos dinâmicos, durativos e resultativos (ex: fumar [um cigarro], tomar [um sorvete]);
- d) Verbos de conclusão: referem-se a processos dinâmicos, não durativos e resultativos (ex: cair, morrer)

Ainda dentro dessa classificação, os processos dinâmicos (aqueles não estáveis) podem apresentar três graus de realização: i) inconcluso: o processo está em andamento, costuma ser associado ao uso do pretérito imperfeito; ii) concluso: o processo foi finalizado, associado por tempos compostos, como o pretérito mais-que-perfeito composto, o pretérito perfeito composto; e iii) realização total: o processo é apresentado em sua totalidade, geralmente expresso por tempos simples, como o pretérito perfeito, o presente ou o futuro do presente. Retomando, mais uma vez, os Exemplos 2 e 3, podemos analisar tais categorias:

## Exemplo 2

[...] Da mesma forma, e como consequência lógica, estilo **implica** interação, e o que **é** mais significativo: **está** necessariamente implicado em qualquer interação atividade de linguagem e não apenas na atividade literária. Essa me **parece ser** a consequência mais importante para os estudos da linguagem, na sua perspectiva enunciativo-discursiva. (Brait, 2006, p. 59)

## Exemplo 3

Zana não se **despegava** dele, e o outro **ficava** aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para **ser** livre", como ela me **disse** certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde **Ø dormiam** com seus sonhos de liberdade.

"Louca para ser livre." Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela **ficou** aqui na casa, **Ø** sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe **disse**: Ao diabo com os sonhos: ou a gente **age**, ou a morte de repente nos **cutuca**, e não **há** sonho na morte. Todos os sonhos **estão** aqui, eu **dizia**, e ela me **olhava**, cheia de palavras guardadas, **Ø** ansiosa por **falar**. (Hatoum, 2006, p. 50)

A título de legenda, os verbos grifados em **vermelho** são aqueles considerados de atividade; em **roxo**, de estado; em **azul**, de realização; e em **laranja**, de conclusão. Como mencionado, exceto os verbos de estado, materializados nos exemplos por *ser*, *estar*, *ficar* e *haver*, todos os outros são verbos de processos dinâmicos. No Exemplo 2, o tempo verbal presente é predominante, como esperado em textos acadêmicos ou científicos, buscando aproximar-se de uma validação geral. Já no Exemplo 3, por ser um texto predominantemente narrativo, é comum a predominância do pretérito em diferentes formas. Há, nesse caso, a predominância dos verbos do pretérito imperfeito, indicando processos inconclusos e do pretérito perfeito, indicando processos de realização total. Isso se relaciona não somente com as predominâncias no discurso teórico narração, mas também com a estreita relação no âmbito do conteúdo temático transposto, à medida em que o contraste entre a permanência da personagem Domingas (marcada por verbos de estados) e o desejo por ação/realização do narrador (marcada por verbos com processos dinâmicos de realização total) se materializa na densidade verbal do texto.

Avançando, no nível mais superficial do folhado textual, os mecanismos enunciativos asseguram a coerência pragmática do texto. São observáveis, nesse nível, a gerência das vozes enunciativas e o emprego das modalizações. A análise da **gerência de vozes** enunciativas propõe a identificação da instância responsável acerca do que é

enunciado no texto, podendo ser reagrupadas em três subconjuntos: *a voz do autor empírico do texto*, *as vozes sociais* (pessoas ou instituições humanas externas ao conteúdo temático) e *a vozes de personagens* (pessoas ou instituições diretamente envolvidas no conteúdo temática). Como aponta Bronckart (2023), as vozes podem estar implícitas, sem manifestações evidentes na materialidade linguística, mas capazes de serem inferidas na leitura do texto. Para isso, vamos retomar o Exemplo 1 de Brait (2009):

### Exemplo 1

Os leitores de *Marxismo e filosofia da linguagem*, certamente, o livro mais conhecido e citado pelos *lingüistas*, estão inteiramente convictos da forma como a lingüística, especialmente a lingüística estrutural, foi enfrentada pelos estudos bakhtinianos, gerando consequências essenciais para os estudos linguísticos e para uma concepção histórica e social da linguagem. Entretanto, sempre que as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, tomadas na obra como interlocução polêmica, são retomadas, o *objetivismo abstrato*, isto é, a vertente que trata a língua como sistema autônomo, é o focalizado, é o escolhido como centro da discussão (Brait, 2006, p. 56, grifo em itálico da autora)

Nesse exemplo, vemos a autora mobilizar duas vozes sociais, grifadas em verde, tanto dos leitores de MFL, tanto quanto de linguistas, são, portanto, um grupo de pessoas funcionando como instâncias externa de avaliação (Bronckart, 2023). Já a voz da autora empírica é mobilizada, mas não demarcada na superfície do texto, como é visto em grande parte dos textos acadêmicos, uma vez que é possível observar nuances avaliativas do conteúdo do texto. Por fim, as vozes de personagens não são marcadas no trecho, mas podem ser vistas no texto de Brait (2006) ao dialogar com referências teóricas, como em: “No que diz respeito ao embate com a estilística, no início do texto ‘O discurso no Romance’, *Bakhtin* afirma que [...]” (p. 61, grifo nosso).

Já as **modalizações**, ainda no campo dos mecanismos enunciativos, referem-se às avaliações feitas pelo agente verbal em relação a determinados aspectos do que é enunciado no texto (Bronckart, 2023). Elas se dividem em quatro subconjuntos, também relacionados aos mundos habermasianos: lógicas, que incluem apreciações referentes ao valor de verdade das proposições; deônticas, que incluem as avaliações do que é enunciado a partir dos valores sociais; apreciativas, que exprimem julgamentos oriundos da subjetividade; e as pragmáticas, que avaliam os enunciados à luz da responsabilidade de um personagem. Para elucidá-las, retomamos o Exemplo 3:

### Exemplo 3

Zana não se despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para ser livre", como *ela me disse* certa vez, *cansada, derrotada, entregue ao*



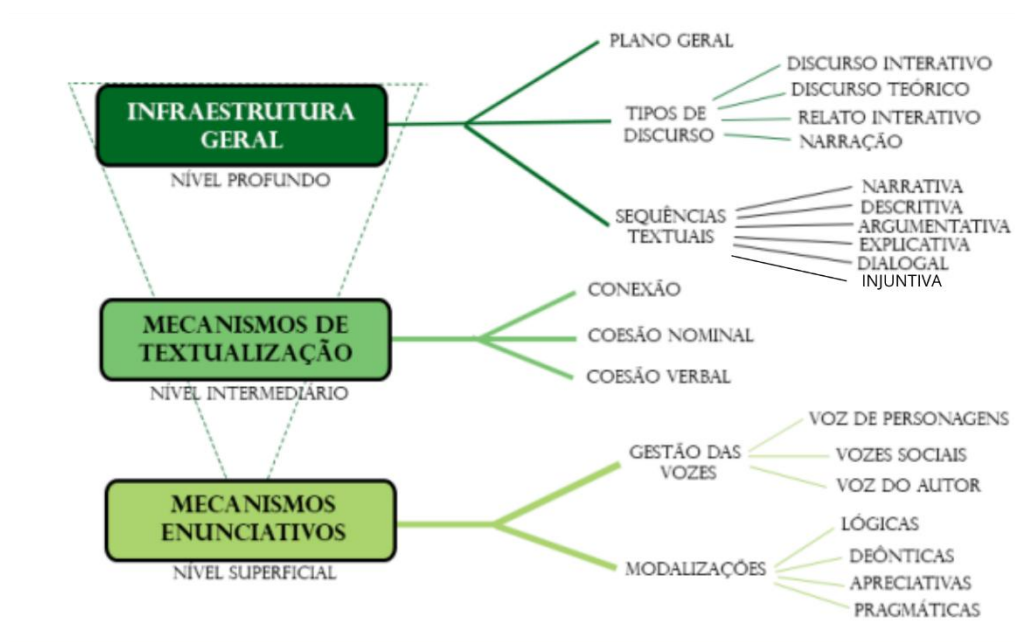
feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade.

"Louca para ser livre." Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, Ø ansiosa por falar. (Hatoum, 2006, p. 50)

No âmbito desse trecho, podemos identificar a presença dos quatro conjuntos de modalizações. As marcadas em **vermelho** são as apreciativas, em que o narrador expressa seu juízo de valor sobre a personagem Domingas e seu comportamento inerte. Os trechos marcados em **azul** representam as modalizações pragmáticas, em que há um gerenciamento explícito da dimensão objetiva do enunciado. Já o trecho grafado em **roxo** pode ser considerado uma modalização lógica, posto que mobiliza uma conclusão lógica, uma afirmação categórica. O sonho, sem ação, é deslegitimado – portanto, agir passa a ser um imperativo.

É válido ressaltar, em linhas finais, que essa e as demais exemplificações feitas no âmbito desse capítulo não se pretendem suficientes exploradas para serem consideradas uma análise pertinente para tais textos. Primeiro, porque, mesmo dentro de cada categoria de análise, ainda há possibilidades que não foram apontadas. Segundo, porque apresentamos as categorias de maneira autônoma, o que contradiz a própria interdependência entre as camadas do folhado textual.

Essas escolhas foram feitas por razões didáticas da exposição, mas não representam uma análise da arquitetura interna como propõe o ISD, de fato. A Figura 4 esquematiza as camadas, níveis e subconjuntos do estrato, como pode ser vista a seguir, retomando a categorização evocada.

Figura 4 - Esquema do folhado textual de Bronckart (2023)<sup>7</sup>

Fonte: elaboração própria, com base em Bronckart (2023)

Ressaltamos que o folhado textual apresenta um caráter parcialmente ilustrativo, mas que tem demonstrado resultados profícuos nas análises desenvolvidas no âmbito do ISD. Sua abordagem descendente (do nível mais profundo para o mais superficial), como destacado na Figura 6 pelo triângulo pontilhado baseia-se no projeto de Volochinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]), que tinha por objetivo investigar as condições de constituição do pensamento consciente humano.

<sup>7</sup> As categorias foram elencadas de acordo com a ordem de aparição na obra citada – Bronckart (2023).

#### **4. GÊNEROS DE TEXTO E MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO**

A tradição de estudos dos gêneros de textos, que começa desde a Antiguidade, com a tentativa de categorização por Aristóteles dos gêneros literários em lírico, dramático e épico, surge com o propósito de agrupar e padronizar os estilos de escrita da época. Todavia, com o percorrer da história, especialmente no âmbito da Linguística Moderna, outras compreensões assumiram os estudos na área.

Hoje, podemos afirmar que diversas teorias sobre o conceito de gênero textuais/discursivos coabitam na literatura da área, a depender da vertente teórica que o toma como objeto. Dentre essas diferentes perspectivas, as quais consideram o texto como unidade de análise máxima da língua, estão a sócio-histórica/dialógica, de Mikhail Bakhtin; a sistêmica-funcional, de Michael Halliday; a sociorretórica de caráter etnográfico, também chamada de English for Specific Purposes, de John Swales e Vijay Bhatia; a a sociorretórica/sócio-histórico cultural, de John Swales, Charles Bazerman e Amy Devitt; a analítica crítica do discurso, de Gunther Kress e Norman Fairclough; e a interacionista sociodiscursiva, de Jean-Paul Bronckart.

Não pretendemos esgotar a listagem de diferentes perspectivas, nem esmiuçar as particularidades de cada uma delas, visto que fugiria do escopo desta dissertação. Exemplificamos a pluralidade de teorias apenas para destacar a grande abrangência que perpassa o conceito de gêneros, que, inclusive, influencia na escolha dos binômios comumente usados e, em alguns casos, livremente alternados, como “gêneros discursivos”, “gêneros do discurso”, “gêneros textuais” e “gêneros de textos”. Isso torna necessário reconhecer que, ainda que se tratando do mesmo objeto empírico, é fundamental adotar uma perspectiva para compreendê-lo como fenômeno associado a uma determinada concepção de linguagem, de comunicação e de texto ou discurso, por exemplo.

Neste trabalho, adotamos a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), apresentada no capítulo anterior. Porém, ressaltamos que, apesar de algumas divergências de ordem epistemológica, em todas as vertentes supracitadas, o gênero é reconhecido por sua função de tipificação, sua dimensão mutável/não estável e sua eleição arbitrária por parte do falante. Portanto, recorreremos, quando necessário, a outros

teóricos que não necessariamente integram o referido quadro, mas que oferecem importantes contribuições acerca de tais características.

As bases do conceito de gêneros de textos no âmbito de ISD estão ancoradas nos estudos do chamado Círculo de Bakhtin. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volochinov (2017[1929]) começa a elaborar o conceito de gêneros discursivos, que posteriormente será aprofundado por Bakhtin em *Estética da criação verbal* (2003 [1979]). De acordo com os teóricos russos, os textos (ou enunciados, como está posto em algumas traduções das obras) são organizados em padrões socio-historicamente construídos a partir das necessidades dos interactantes. Esses padrões possuem uma *relativa estabilidade*, especialmente no que se refere à estrutura composicional, ao estilo e ao conteúdo temático.

Como demonstra Bakhtin (2003[1979]), os gêneros emergem a partir das necessidades enunciativas das comunidades. Eles são tão heterogêneos como as atividades humanas e, portanto, não podem ser considerados uma mera representação textual, mas um instrumento de ação. No mesmo entendimento, Schneuwly e Dolz (2004) postulam que os gêneros são (mega)instrumentos que intermedeiam a interação numa determinada ação de linguagem. Para os autores, quanto mais domínio o interlocutor possui de um gênero, mais eficiente será sua participação na situação comunicativa.

Ao adotar essa perspectiva, Bronckart (2006b, p. 143) explica-nos que os gêneros de texto são “produtos de configurações de escolhas [...] momentaneamente ‘cristalizados’ ou estabilizados pelo uso”. Dessa forma, no decorrer do processo de socialização, cada indivíduo constrói um conhecimento sobre os gêneros que integram sua comunidade discursiva, permitindo-lhe reconhecer suas características principais, mesmo sem necessariamente nomeá-los. Isso demonstra que todo falante possui um conhecimento intuitivo sobre diversos gêneros que medeiam as práticas comunicativas em sua vivência coletiva.

Desse modo, ao ser confrontado com uma situação de linguagem, o agente verbal recorre ao repertório mental desses gêneros – o chamado *intertexto* - a fim de eleger o mais adequado para intermediar sua ação de linguagem. A organização dos gêneros é metaforizada por Bronckart (2023) como a imagem de uma nebulosa. Segundo o autor, alguns gêneros são mais estabilizados do que outros, da mesma forma que, numa

nebulosa, pode-se observar alguns contornos mais delimitados, enquanto outros são difíceis de serem precisamente identificados em razão de sua fluidez.

Bazerman (1994) complementa essa discussão ao afirmar que, embora empreendamos esforços para classificar e descrever os gêneros, sua natureza instável e dinâmica impede a construção de categorizações rígidas e duradoras. Ao classificar um gênero, estamos, necessariamente, recorrendo a recortes de objetos historicamente situados. Segundo o autor, eles são, em última instância, aquilo que os usuários da língua de uma comunidade discursiva reconhecem como tal em um determinado momento - seja esse reconhecimento intuitivo, denominado, institucionalizado ou regulamentado.

O conceito de esferas da atividade humana apresentado em Volochinov (2017) está diretamente relacionado ao de gênero de texto. As esferas da atividade humana descrevem os diferentes domínios de interação social (como o trabalho, a ciência ou a religião), enquanto os gêneros de texto referem-se às formas específicas de discurso que se adaptam a esses contextos. Assim, os gêneros de texto surgem como formas discursivas que atendem às demandas comunicativas de cada esfera, sendo moldados por características sociais, culturais e históricas que definem a maneira de falar, escrever e se comunicar em cada situação.

Isto posto, afirmamos a importância de práticas sistematizadas de letramento acadêmico. O conceito de *Letramento Acadêmico* surge no âmbito do Novos Estudos do Letramento e parte da compreensão de que “a aprendizagem no ensino superior envolve a adaptação às novas formas de saber: novas formas de interpretar e organizar o conhecimento”<sup>8</sup> (Lea e Street, 1998, p. 157, tradução nossa). E, então, tal processo incluiria a apropriação dessas convenções específicas dos textos produzidos em ambientes acadêmicos, como a argumentação lógica, a mobilização de vozes e conceitos ou as estruturas textuais, por exemplo.

Nessa esfera, pesquisadores enfatizam a escrita enquanto prática social dinâmica e complexa, na qual perpassam questões de ordem epistemológica e social que são contempladas nas diferentes relações de poder entre pessoas, instituições e identidades sociais (Lea e Street, 2006). Significativos trabalhos evidenciaram a relevância de ações formativas para a promoção do letramento acadêmico, dos quais destacamos Lousada e

---

<sup>8</sup> *Learning in higher education involves adapting to new ways of knowing: new ways of understanding, interpreting and organizing knowledge*, no original.

Dezutter (2023), Pereira (2016), Assis (2014), Fiad (2011), Fischer e Pelandré (2010) Lea e Street (1998) e Ivanic (1998).

Essa apropriação é marcada pelas habilidades de ler criticamente os textos acadêmicos, produzir textos que atendam às normas específicas de publicação e reconhecer a natureza interdisciplinar do conhecimento. Tal processo é essencial para formar indivíduos aptos a contribuir para o avanço da ciência, uma vez que uma das incumbências do pesquisador na contemporaneidade não é apenas a produção isolada de conhecimento, mas também a construção de estratégias de comunicação das suas descobertas de forma eficaz.

Uma dimensão importante para a inserção das práticas sociais de uso da linguagem acadêmica é a apropriação dos gêneros de textos que circulam no contexto acadêmico. Consoante o estudo de Bezerra (2012, p. 258), entendemos que

os letramentos acadêmicos se constituirão, essencialmente, como sinônimo de letramentos em gêneros textuais próprios do meio acadêmico, considerando-se não só o processo de aquisição de habilidades de leitura e escrita, nem a mera socialização na cultura universitária, mas fundamentalmente a negociação e a construção da identidade do aluno como membro e participante autorizado dessa/nessa cultura (Bezerra, 2012, p. 258).

Dessa forma, pensar o letramento acadêmico materializado em gêneros de textos envolve o reconhecimento de que os gêneros são construtos sociais que auxiliam na construção e na manutenção do poder (Bourdieu, 2008; Hyland, 2000; Swales, 1990). Nesse contexto, é fundamental compreender que a própria seleção dos gêneros, dos objetos de ensino e das práticas de letramento no ambiente acadêmico não ocorre de forma neutra ou arbitrária. Essas escolhas estão ancoradas em um conjunto de saberes, valores, normas e práticas historicamente construídas, que configuram aquilo que Hyland (2004) denomina de cultura disciplinar. Este conceito refere-se ao modo como um campo do saber organiza, hierarquiza e sistematiza seus objetos, seus métodos e seus conteúdos, transformando práticas sociais em objetos de ensino. A cultura disciplinar, portanto, traduz e regula quais gêneros são considerados legítimos, quais capacidades são valorizadas e quais práticas são exigidas para a inserção dos sujeitos na comunidade acadêmica.

Assim, ao solicitar, por exemplo, a produção de uma resenha acadêmica ou de um ensaio, o ensino superior não apenas demanda uma prática textual, mas também

convoca o estudante a apropriar-se de uma determinada forma de agir discursivamente, alinhada às normas e valores que estruturam essa cultura disciplinar. Quando essas solicitações não são mediadas por uma intervenção didática a qual promova a proficiência nesse gênero, cabe ao aluno recorrer a práticas autogeridas (Ávila Reyes, Navarro, Tapia-Ladino, 2020), o que agrava ainda mais as desigualdades estruturais já existentes no ensino superior.

Em contrapartida, ensinar somente gêneros de textos acadêmicos é agir de modo a reforçar uma força centrípeta, conforme Lillis (2013), ou seja, aquela que atua sobre um corpo e desenvolve uma trajetória circular. A metáfora se justifica pelo entendimento de que apenas realizar atividades de domínio e compreensão dos gêneros não é suficiente para mudar a dinâmica estanque dessa problemática, uma vez que ela ainda se perpetuará. Dessa maneira, há uma força centrípeta que influencia na determinação dos gêneros e no que isso caracteriza os modos/convenções da escrita acadêmica, porém, em nosso entendimento, esse processo precisa se dispersar centrifugamente, de modo a atender as demandas individuais e sociais dos estudantes.

Conforme Ávila Reyes *et. al.* (2021), o ensino dos gêneros acadêmicos deve se alinhar a uma educação reflexiva, analítica e transferível. Para tanto, o reconhecimento e a representação são essenciais para valorizar o conhecimento discursivo dos estudantes e possibilitar meios para transformar a escrita acadêmica representando suas vozes. Essas ações possibilitariam o que Lillis (2013) metaforizou como forças centrífugas, as quais funcionam como desestabilizadoras do espaço semiótico ideologicamente dominante.

#### **4.1. O Modelo Didático de Gênero**

Muitos dos pressupostos do ISD, como já mencionamos, foram significativamente incorporados por pesquisadores que se dedicam a investigar o ensino de línguas. Nesse contexto, situa-se o Modelo Didático de Gênero (MDG) como ferramenta teórico-metodológica essencial para a organização do ensino, possibilitando que os discentes desenvolvam Capacidades de Linguagem (CL) necessárias para agir discursivamente nas diferentes esferas de atividade.

As CL são definidas como um conjunto de aptidões que os indivíduos desenvolvem progressivamente para compreender, produzir e interagir por meio dos discursos, seja nas situações mais espontâneas, como no convívio familiar, seja em

situações mais formais, como no ambiente escolar. Tais capacidades resultam de processos de apropriação mediados por ações intencionais dos adultos e/ou das instituições (Dolz; Pasquier; Bronckart, 2017). Segundo os autores, elas são divididas em três tipos, sendo elas:

**capacidades de ação**, isto é, aptidões para adaptar a produção de linguagem às características do contexto e do referente; **capacidades discursivas**, ou aptidões para mobilizar os modelos discursivos pertinentes a uma ação determinada; por fim, **capacidades linguístico-discursivas** ou capacidades de domínio das múltiplas operações psicolinguísticas exigidas para a produção de um discurso singular. (Dolz; Pasquier; Bronckart, 2017, p. 10, grifo dos autores)

Uma etapa importante, mas por vezes desconsiderada da elaboração de uma Sequência Didática que visa o desenvolvimento de determinadas CL, é a prévia construção de um Modelo Didático do Gênero, ainda que de forma intuitiva. O MDG pode ser considerado como um dispositivo teórico que visa elucidar as dimensões ensináveis de um determinado gênero e, conseqüentemente, funciona para nortear as intervenções dos professores (Schneuwly e Dolz, 1999). Em conformidade, Lousada (2010) sinaliza que

O modelo didático tem o objetivo de guiar as práticas de ensino do gênero, sendo uma das etapas da transposição didática que leva à construção da sequência didática (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004). [...] É importante lembrar, ainda, que para a realização do modelo didático de um gênero, é necessário analisar vários textos do mesmo gênero, antes de poder considerar que as características presentes em um texto são as características predominantes de um determinado gênero. Sendo assim, é importante que o modelo didático procure representar as características comuns à maioria dos textos pertencentes àquele gênero (Lousada, 2010, p. 16).

Para a autora, com base em De Pietro e Schneuwly (2003), um MDG deve ser construído a partir da análise empírica de diversos exemplares do mesmo gênero textual, a partir do arcabouço da análise da arquitetura interna, buscando encontrar características predominantes que resultem em dimensões ensináveis do gênero, em diálogo com um levantamento bibliográfico prévio. Ao final desse processo, estabelecem-se dimensões ensináveis adequadas às capacidades de linguagem dos estudantes.

No que tange à organização desse dispositivo teórico, De Pietro e Schneuwly (2003) indicam que os MDG, em geral, apresentam cinco partes integradas, sendo elas:



i) definição geral do gênero; ii) os parâmetros do contexto comunicativo; iii) os conteúdos específicos; iv) a estrutura textual global; v) as operações languageiras e suas marcas linguísticas. Não se trata de um modelo reducionista, ainda que parta de uma generalização, mas de uma ferramenta didática que visa tornar explícitas as regularidades e os mecanismos de funcionamento do gênero, de modo a facilitar seu ensino e aprendizagem.

A construção do MDG, portanto, é ancorada nos pressupostos analíticos do ISD, visto que incorpora os pressupostos da análise descendente dos textos e busca encontrar predominâncias. Em diálogo com a bibliografia levantada e com análise das práticas de linguagem relacionadas à produção do gênero, essa ferramenta teórica pode contribuir para a prática de professores com o gênero, sendo um elemento que subsidia o processo de transposição didática e fomenta o desenvolvimento de capacidades de linguagem.

## 5. CAMINHO METODOLÓGICO

Conforme mencionado, este trabalho dedica-se a investigar o gênero ensaio acadêmico-científico publicado em periódicos brasileiros avaliados sob o Qualis Capes A1, da área de Letras (Linguística e Literatura). Nesse sentido, diante da lacuna apresentada no âmbito das pesquisas em Linguística Aplicada sobre tal tema, definimos esta pesquisa como exploratória. Por definição, a pesquisa exploratória tem como objetivo “proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato [...] esse tipo de pesquisa é realizado, sobretudo, quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (Gil, 2002, p. 41). A presente dissertação, nesse viés, se posiciona diante da necessidade de proporcionar um panorama analítico de um gênero pouco explorado no contexto delimitado.

Ademais, no que concerne à abordagem da pesquisa, definimo-la como qualitativo-interpretativista, em razão da natureza do objeto de estudo e do paradigma adotado no âmbito da Linguística Aplicada. A pesquisa qualitativa assim se caracteriza uma vez que incorpora o entendimento de que um fenômeno social pode ser mais bem estudado no contexto do qual faz parte, ou seja, numa perspectiva integrada (Godoy, 1995). E o posicionamento interpretativista marca uma rejeição ao modelo positivista tradicionalmente adotado pela ciência ocidental, por entendermos que:

Na visão positivista, as variáveis do mundo social são passíveis de padronização, podendo, portanto, ser tratadas estatisticamente para gerar generalizações. Já na visão interpretativista, os múltiplos significados que constituem as realidades só são passíveis de interpretação. É o fato qualitativo, ie, o particular que interessa. Para falar de generalização é necessário que esta seja entendida de forma diferente, já que não procede de uma causa observável. É uma generalização construída intersubjetivamente, que privilegia a especificidade, o contingente e o particular. (Moita Lopes, 1994, p. 332)

Tal perspectiva, amplamente incorporada pelos estudos recentes em LA, nos direciona para uma visão de linguagem como fenômeno sócio-histórico interacional e para a epistemologia científica subjacente aos estudos da linguagem no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo (cf. Basílio, Pereira, Leitão, 2016). Sob a referida ótica, para a investigação dos ensaios publicados em periódicos, estabelecemos procedimentos

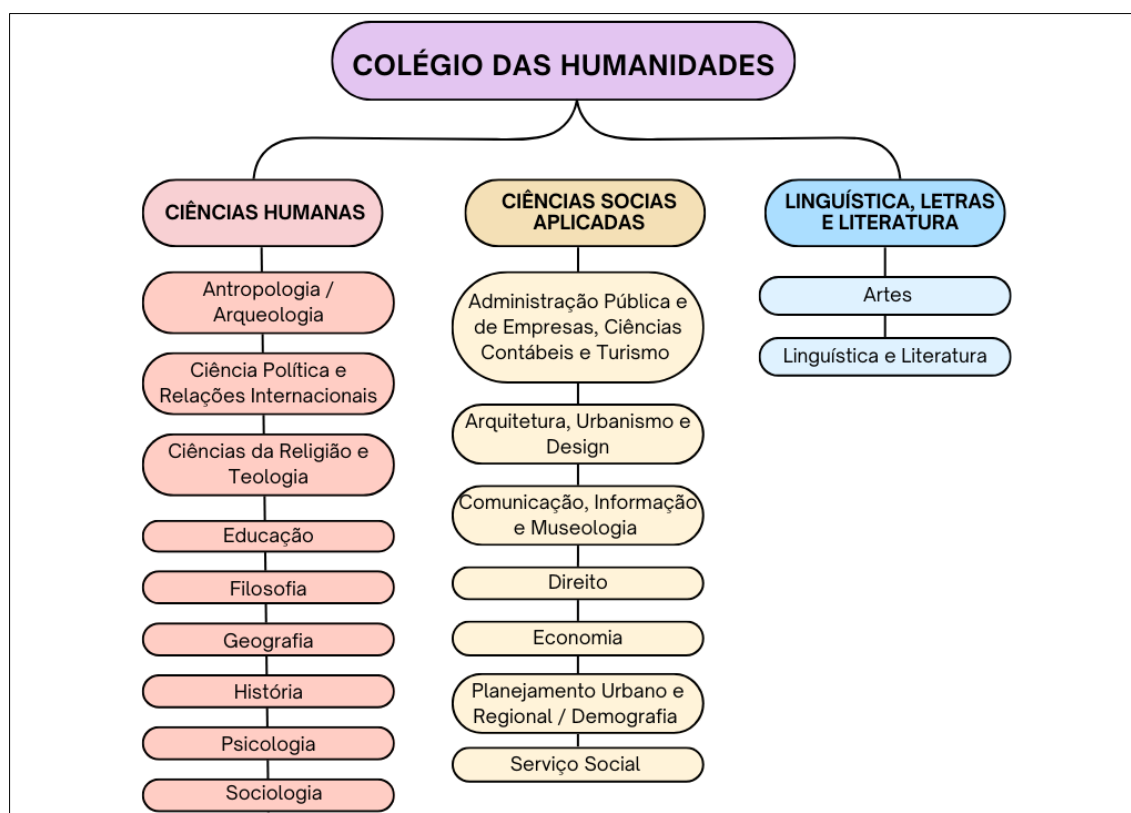
de seleção e análise, motivados por demandas impostas pela natureza do objeto de estudo, os quais serão descritos a seguir.

### **5.1. Seleção do corpus e procedimentos de análise**

Como mencionamos anteriormente, foi a lacuna presente nos estudos da área que demonstrou a necessidade de investigar o ensaio acadêmico-científico publicado em periódicos. Todavia, mediante o reconhecimento do atendimento à brevidade esperada para este trabalho e, simultaneamente, de que as culturas disciplinares não devem ser desconsideradas na análise dos textos acadêmicos, delimitamos a área de Letras (Linguística e Literatura) como primeiro aspecto de delimitação. A justificativa para essa escolha reside no fato de que tal área possui um aspecto importante de ser considerado no estudo do ensaio que é a aproximação com uma outra variação do gênero, o chamado *ensaio literário*, muito tradicional na Teoria Literária ocidental.

A Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) organiza seus instrumentos de avaliação a partir de uma divisão entre as áreas do conhecimento, que se organizam em progressivos graus de especificidade. Em primeiro nível, têm-se as **grandes áreas**, que englobam diversas áreas dos conhecimentos afins em termos de objetos, métodos e recursos; no segundo nível, estão as **áreas do conhecimento**, que possuem conjuntos de conhecimentos inter-relacionados; no terceiro nível, as **subáreas** dizem respeito às segmentações da área do conhecimento em função das particularidades dos objetos de estudos e dos procedimentos metodológicos; por fim, em quarto nível, a **especialidade**, que se configura como um recorte temático para nortear práticas de ensino e pesquisa.

Figura 5 - Organização do Colégio das Humanidades



Fonte: elaboração própria, com base em Brasil (2014)

Na classificação esquematizada na Figura 8, o colégio de Humanidades comporta três grandes áreas e, dentro delas, onze áreas do conhecimento. A Grande Área de **Linguística, Letras e Literatura**<sup>9</sup>, é dividida em duas áreas do conhecimento, Artes e **Linguística e Literatura**. Conforme a própria conjunção indica, Linguística e Literatura são, também, subáreas, respectivamente. A título de exemplo, algumas especialidades das subáreas Linguística e Literatura são, respectivamente, *Psicolinguística* e *Literatura Comparada*. Entretanto, não adentraremos nessa última classificação no âmbito desta dissertação, exceto em casos em que os dados demonstrem alguma particularidade saliente em relação às especialidades.

Salientamos que, antes de adotarmos esse recorte, realizamos um levantamento qualitativo em periódicos das nove disciplinas de Ciências Humanas estabelecidas pela

<sup>9</sup> Neste trabalho, nos referiremos à esta Área do Conhecimento como Letras, por entender que Linguística e Literatura estão contempladas nessa nomenclatura, conforme a organização da área no Brasil. Dessa maneira, ao mencionarmos “Letras” nos referimos a Grande Área, com exceção da área de Artes. E por Linguística e Literatura, nos referimos às subáreas assim categorizadas.

CAPES. Esperávamos, nesse primeiro movimento, encontrar possíveis predominâncias em relação a determinadas áreas, o que justificaria uma maior demanda de pesquisa, inicialmente. No entanto, o que identificamos foi que o fator preponderante para a presença expressiva ou irrisória de ensaios em periódicos não era a área do conhecimento, em Ciências Humanas, mas as condições - ou tradições - de publicação em determinado periódico.

A título de ilustração, situamos a área de Ciências Políticas e Relações Internacionais (CPRI). Em levantamento feito em outubro de 2024, buscamos identificar a quantidade média de ensaios publicados nos periódicos Qualis Capes A1 da área<sup>10</sup> entre 2019 e 2024, que nos mostrou que, enquanto um periódico – Boletim da Conjuntura – somava 149 ensaios publicados nesse período, outro – Revista Brasileira de Política Internacional – não possuía nenhum ensaio publicado em seu escopo.

Diante desses resultados, passamos a nos questionar: Quais fatores justificariam essa discrepância entre a quantidade de ensaios publicados pela revista Boletim da Conjuntura e pela Revista Brasileira de Política Internacional, se ambas participam da mesma cultura disciplinar e assumem o mesmo papel enquanto suporte textual – ser um periódico científico? Dessa inquietação, ocorreu-nos considerar que, possivelmente, o maior fator de influência para a publicação de ensaios não era a cultura disciplinar da área, mas sim, no contexto analisado, as condições de submissões e a tradição de publicações das revistas.

Quando analisamos os periódicos com mais atenção, a hipótese foi validada. A revista Boletim da Conjuntura, em sua página inicial, apresenta o ensaio como um dos gêneros publicados pela revista. Ele é, inclusive, o primeiro a ser citado. Já na Revista Brasileira de Política Internacional, tanto na página inicial quanto na página Instruções para Autores, o ensaio não é mencionado, apenas os “artigos teóricos e estudos de caso”. Nesse viés, entendemos que tais elementos justificam a presença ou não de ensaios publicado.

Emerge, também, dessa constatação, a necessidade de investigar os parâmetros de circulação do gênero com maior profundidade antes de partir para a análise do texto empírico. Nesse sentido, analisamos os vinte e um (21) periódicos Qualis Capes A1 da

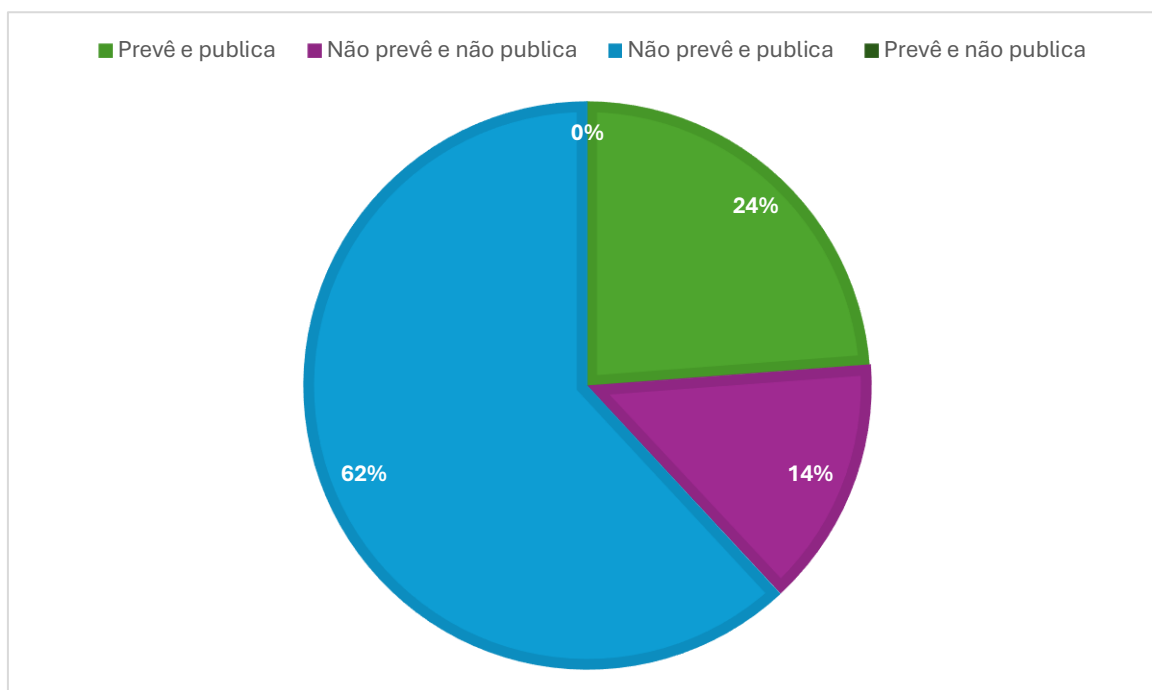
---

<sup>10</sup> Conforme avaliação do triênio 2017-2020, mais recente disponibilizada na Plataforma Sucupira.

área de Linguística e Literatura no que tange à presença ou não de direcionamentos acerca do ensaio acadêmico nas páginas de Diretrizes para Autores ou Condições de Submissão. Em seguida, realizamos uma busca pela quantidade de ensaios publicados em cada revista entre 01 de janeiro de 2019 e 10 de novembro de 2024 – data de início do levantamento. Uma vez que a maioria dos periódicos não classifica os trabalhos por gênero de texto, precisamos adotar como critério para a identificação de ensaios a “autodeclaração” do gênero feita pelo autor, ou seja, a demarcação do gênero por meio de expressões como “neste ensaio” ou “o presente ensaio” no corpo do texto. Realizamos, então, a busca pelo termo “ensaio” nas ferramentas de cada periódico e descartamos aqueles textos em que a palavra estava empregada fora do contexto de autodeclaração.

Destacamos, portanto, que os números apresentados não garantem a exatidão do número de ensaios publicados, uma vez que outros ensaios podem ter sido publicados sem que o autor fizesse referência ao gênero, como também as ferramentas de buscas disponíveis nos sites podem apresentar falhas técnicas no levantamento, embora tenhamos repetido tais procedimentos, pelo menos, duas vezes e em três navegadores diferentes (Google Chrome, Mozilla Firefox e Microsoft Edge).

Em sequência, fizemos o contraste entre a presença ou não de direcionamentos que preveem a publicação de ensaios e a quantidade de ensaios publicados em cada revista. Isso nos permitiu categorizar os periódicos analisados em três grupos: 1) prevê e publica ensaios; 2) não prevê e publica ensaios; 3) não prevê e não publica ensaios; ressaltamos que nenhum periódico que prevê a publicação de ensaios não os publica, excluindo a quarta conjunção. Os dados estatísticos desse levantamento foram expostos a seguir:

**Gráfico 1** - Dados estatísticos da relação Previsão x Publicação

Fonte: elaboração própria

O observado, nesses dados, foi que a maioria dos periódicos não preveem, mas publicam, ensaios (13 periódicos); apenas cinco (5) preveem e publicam ensaios e três (3) não preveem – em alguns casos, proíbem a submissão – e não publicam ensaios. Outro aspecto observado foi a influência das diferentes culturas disciplinares das subáreas, o que nos levou a considerar um outro agrupamento de periódicos: a) da área de literatura; b) da área de linguística (teórica e aplicada); e c) da área de letras geral. A intersecção desses aspectos para a construção de grupos foi sistematizada na tabela a seguir:

**Tabela 1** - Constituição inicial dos grupos pela relação previsão x publicação

Periódico	Previsão de publicação	Qnt. de ensaios publicados	Grupo
<i>Literatura</i>			
ALEA: Estudos Neolatinos	Não	30	Não prevê e publica – Lit.
Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea	Não	7	Não prevê e publica – Lit.

Ilha do Desterro	Não	6	Não prevê e publica – Lit.
Revista Brasileira de Literatura Comparada	Não	20	Não prevê e publica – Lit.
Terra Roxa e Outras Terras	Não	0	Não prevê e não publica – Lit.
<i>Média de ensaios por periódico</i>			12,6
<i>Linguística</i>			
ALFA: Revista de Linguística	Não	2	Não prevê e publica – Ling.
DELTA: Documentos e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada	Sim	3	Prevê e publica – Ling.
Domínios da Lingu@gem	Sim	2	Prevê e publica – Ling.
Linguagem em (Dis)curso	Sim	12	Prevê e publica – Ling.
Linguística (UFRJ)	Não	1	Não prevê e publica – Ling.
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	Não	0	Não prevê e não publica – Ling.
Revista de Estudos da Linguagem	Não	1	Não prevê e publica – Ling.
Trabalhos em Linguística Aplicada	Não	2	Não prevê e publica – Ling.
<i>Média de ensaios por periódicos</i>			3
<i>Letras</i>			
Cadernos de Tradução	Não	11	Não prevê e publica - Letras
Calidoscópio	Não	0	Não prevê e não publica - Letras
Letras de Hoje	Não	6	Não prevê e publica - Letras
Bakhtiniana	Não	9	Não prevê e publica – Letras
Revista da Anpoll	Não	9	Não prevê e publica - Letras
Todas as Letras	Sim	8	Prevê e publica - Letras



Texto Livre	Sim	2	Prevê e publica - Letras
Revista Signos	Não	6	Não prevê e publica – Letras
Média de ensaios por periódicos			6,3

Fonte: elaboração própria

No quadro apresentado podemos observar que em uma mesma área há diferentes formas de relação entre os periódicos e a previsão/publicação de ensaios. Para delimitar nosso *corpus*, então, começamos por descartar aqueles periódicos em que o ensaio não era previsto nem publicado, uma vez que não teríamos material empírico para a análise. Nessa etapa, três periódicos foram desconsiderados (Terra Roxa e Outras Terras, Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Calidoscópio). Também partindo do entendimento de que nas revistas de Letras os trabalhos também são, quase sempre, posicionados como de Linguística ou de Literatura, optamos por não as inserir no corpus de análise, uma vez que viria a ser necessário categorizar os trabalhos dentro de áreas que, vez ou outra, possuem limites difíceis de serem precisados à luz de critérios subjetivos. Nesse caso, deixam de ser contemplados os periódicos Cadernos de Tradução, Letras de Hoje e Texto Livre. Todavia, os periódicos Revista da Anpoll e Todas as Letras serão contemplados em nossa análise em função de já realizarem a divisão dos textos das duas subáreas.

Inicialmente, almejávamos investigar os grupos *Prevê e publica ensaio* e *Não prevê e publica ensaios* em ambas as subáreas. No entanto, o constatado foi que nenhuma revista de Literatura prevê a publicação de ensaios, embora seja a subárea que possui o maior percentual de publicação. Diante dessa lacuna, dividiremos nossa análise com base nas subáreas, ressaltando que os aspectos da relação previsão x publicação serão contemplados na análise dos periódicos e ensaios de Linguística, uma vez que este fator parece exercer uma influência importante no contexto de produção e circulação.

A fim de estabelecer outros critérios delimitadores para o *corpus*, selecionamos os quatro periódicos de cada subárea que mais publicam ensaios (Letras e Linguística) e dois da grande área (Letras)), o que nos levou ao seguinte item:

**Quadro 6** - Relação e justificativa dos periódicos que compõem o corpus

Periódico	Justificativa
ALEA: Estudos Neolatinos	Periódico de Literatura que mais publica ensaios
Revista Brasileira de Literatura Comparada	Segundo periódico de Literatura que mais publica ensaios
Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea	Terceiro periódico de Literatura que mais publica ensaios
Ilha do Desterro	Quarto periódico de Literatura que mais publica ensaios
Linguagem em (Dis)curso	Periódico de Linguística que mais publica ensaios
D.E.L.T.A	Segundo periódico de Linguística que mais publica ensaios
ALFA	Terceiro periódico de Linguística que mais publica ensaios
Domínios da Linguagem	Terceiro periódico de Linguística que mais publica ensaios <sup>11</sup>
Revista da Anpoll	Periódico de Letras que mais publica ensaios
Todas as Letras	Segundo periódico de Letras que mais publica ensaios

Fonte: elaboração própria

A relação previsão x publicação desses periódicos será analisada no capítulo seguinte desta dissertação, considerando-a como forte elemento caracterizador do contexto de produção dos ensaios e, por isso, os dados serão interpretados à luz da caracterização do ISD sobre o tema. Espera-se, com esses resultados, responder à questão de pesquisa: *Que parâmetros do contexto de produção caracterizam os ensaios produzidos e publicados na área de Letras?*. Assim, mediante tais resultados, será possível atingir o objetivo de *descrever o contexto de produção de ensaios acadêmicos nos periódicos brasileiros de excelência na área de Linguística e de Literatura*.

Além disso, por visarmos analisar, também, a materialização empírica das atividades de linguagem, isto é, os textos, selecionamos 10 ensaios acadêmicos científicos publicados em tais periódicos no período de 2019 a 2024. Uma vez que muitos periódicos possuem muitos ensaios (trinta, no caso da ALEA, por exemplo), optamos pela seleção aleatória de um ensaio em cada periódico publicado, pois não foram encontrados outros critérios mais objetivos para tal escolha. De início, esperávamos selecionar o ensaio com

<sup>11</sup> Apesar da revista Trabalhos em Linguística Aplicada também possuir três ensaios publicados, dois são em língua inglesa e, por isso, não foram considerados para essa constituição.

maior número de *downloads* de cada periódico, todavia, em algumas revistas, como a própria ALEA, essa ferramenta de informação não estava disponível na interface.

Nesse sentido, listamos os ensaios de cada revista ordenando-os em forma decrescente por ano de publicação e, com a ajuda de uma plataforma *on-line*, realizamos o sorteio de um título de cada periódico, descartando aqueles ensaios escrito em outra língua que não a portuguesa<sup>12</sup>. Ressalvamos que foi necessário adotar um procedimento diferente para a seleção do ensaio da revista D.E.L.T.A, posto que, em seus três (3) ensaios, mobilizava especificamente teorias da Linguística, os demais, que tratavam exclusivamente de Educação e Sociologia. Como um dos nossos enfoques é a influência da cultura disciplinar das duas subáreas de Letras, julgamos pertinente descartar tais textos da constituição do corpus. Também excluimos quatro (4) textos da seleção aleatória dos ensaios da revista Ilha do Desterro, tendo em vista que foram publicados exclusivamente em língua inglesa.

A partir dos resultados obtidos pela seleção aleatória, foram definidos os dez ensaios como corpus da análise da materialidade linguístico-discursiva do trabalho, que nos permitirá alcançar os demais objetivos desta dissertação. Tais ensaios foram elencados no quadro a seguir:

**Quadro 7** - Apresentação dos ensaios que compõem o corpus

Referência	Devorante	
LOPES, Denilson. É o fim do mundo e eu me sinto bem. <b>ALEA</b> . Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 129-144, set./dez. 2023. DOI: <a href="https://doi.org/10.1590/1517-106X/202325307">https://doi.org/10.1590/1517-106X/202325307</a>	LIT 01	LITERATURA
PINTO-BAILEY, Cristina. Escrivência, testemunho e Direitos Humanos em Olhos D'água de Conceição Evaristo. <b>Revista Brasileira de Literatura Comparada</b> , v. 23, n. 43, p. 8-19, mai./ago., 2021. DOI: <a href="https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb">https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb</a>	LIT 02	
POLESSO, Natalia. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. Estudos de <b>Literatura Brasileira Contemporânea</b> , [S. l.], n. 61, p. 1-14, 2020. DOI: <a href="https://doi.org/10.1590/2316-4018611">https://doi.org/10.1590/2316-4018611</a>	LIT 03	
WALTER, Roland. Vozes Ameríndias das Américas: Literatura, Descolonização e Autodeterminação. <b>Ilha do Desterro</b> , v. 74, n. 1, p. 327-345, Florianópolis, jan./abr., 2021. DOI: <a href="https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e73796">https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e73796</a>	LIT 04	

<sup>12</sup> Também excluimos, excepcionalmente, um ensaio da revista Linguagem em (Dis)curso, que se denominava, simultaneamente, um editorial, por entender que esse caso muito particular merece uma análise que foge dos objetivos dessa dissertação.

CATRÓPA, Andréa. Impactos da digitalização sobre a função autor e sobre os modos de acesso ao texto literário. <b>Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura</b> , [S. l.], v. 25, n. 3, p. 1–12., 2024. <a href="https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO16447">https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO16447</a>	LET 02	LINGÜÍSTICA
PINHEIRO, Clemilton L.; CASSIANO, Héberton M. O desafio da plurisssemiotividade para a linguística textual. <b>Linguagem em (Dis)curso</b> , v. 23, p. 1-14, e-1982-4017-23-25, 2023. DOI: <a href="https://doi.org/10.1590/1982-4017-23-25">https://doi.org/10.1590/1982-4017-23-25</a>	LING 01	
SILVEIRA, Eliane. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. <b>DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada</b> , [S. l.], v. 34, n. 3, 2019. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.1590/0102-445099815488680364">http://dx.doi.org/10.1590/0102-445099815488680364</a>	LING 02	
SILVA NETTO, José William da. Compreensão idiomática mediada com recursos imagéticos: o papel das representações conceituais. <b>ALFA: Revista de Linguística</b> , São Paulo, v. 66, 2022. DOI: <a href="https://doi.org/10.1590/1981-5794-e15561">https://doi.org/10.1590/1981-5794-e15561</a>	LING 01	
AVANÇO, Leonardo D. Desambiguação do vocábulo jogo a partir de uma análise semântica histórica e o atual contexto de ubiquidade do entretenimento. <b>Domínios de Lingu@gem</b> , Uberlândia, v. 17, p. e1716, 2023. DOI: <a href="https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-16">https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-16</a>	LING 04	
MORATO, Edwiges M. “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social. <b>Revista da Anpoll</b> , [S. l.], v. 54, p. e1901, 2023. DOI: <a href="https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1901">https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1901</a>	LET 01	

Fonte: elaboração própria

Ao fim do desenvolvimento desta dissertação, esperamos que o *corpus* acima apresentado seja interpretado com base nos parâmetros da arquitetura interna dos textos proposta por Bronckart (2023). Os ensaios serão descritos e analisados individualmente, em grupos (por subárea) e em grupo geral. A apresentação desses dados será disposta no capítulo 6 da presente dissertação. Nela, esperamos também que a análise dos ensaios por grupos (subáreas) nos permita responder *quais as particularidades e aproximações presentes nos ensaios produzidos nas diferentes subáreas*, alinhado ao objetivo de *refletir sobre as especificidades e aproximações entre os ensaios de Linguística e de Literatura*. Já com a análise do grupo geral, estima-se atender ao objetivo de *analisar a arquitetura interna desses ensaios acadêmicos, no que se refere à infraestrutura geral do texto; aos mecanismos de textualização; e aos mecanismos enunciativos* e, necessariamente, responder à seguinte questão de pesquisa: *Quais aspectos predominantes da arquitetura interna dos textos caracterizam o gênero ensaio?*

Consequentemente, seremos capazes de, com a descrição da arquitetura interna e do contexto de produção, *identificar as dimensões ensináveis do gênero e, a partir delas, propor um Modelo Didático do Gênero*, que poderão subsidiar professores no

processo de transposição didática. De tal maneira, essas análises responderão *quais as dimensões ensináveis dos ensaios? E, dessas características, que modelo didático pode ser proposto para esse gênero?*

Posto isso, ao final da exposição da análise desses resultados, almejamos ter obtido dados relevantes e suficientes para alcançar nosso objetivo geral, de *caracterizar o gênero ensaio acadêmico publicado nos periódicos Qualis Capes A1 das áreas de Linguística e de Literatura*. Para nitidez da exposição, relacionamos as informações apresentadas e organizemo-las no quadro a seguir:

**Quadro 8** - Relações entre elementos metodológicos

Capítulo da dissertação	Pergunta de pesquisa	Dados	Categoria de análise
<b>6. Um gênero clandestino: parâmetros do contexto de produção</b>	Que parâmetros do contexto de produção caracterizam os ensaios produzidos e publicados na área de Letras?	Representações (ou não) do ensaio nas Diretrizes para Autores e demais itens dos periódicos Ensaio selecionados para o <i>corpus</i>	Modelo de análise textual do ISD, mais especificamente o contexto de produção sociossubjetivo e o referente
<b>7. Um gênero camaleônico: a arquitetura interna</b>	Quais as particularidades e aproximações presentes nos ensaios produzidos nas diferentes subáreas?	Ensaio selecionados para o <i>corpus</i>	Modelo de análise textual do ISD
<b>8. Um gênero caleidoscópico: a arquitetura interna</b>	Quais aspectos predominantes da arquitetura interna dos textos caracterizam o gênero ensaio?	Ensaio selecionados para o <i>corpus</i>	Modelo de análise textual do ISD, mais especificamente a infraestrutura geral do texto.
<b>9. Um gênero cognoscível: o Modelo Didático do gênero</b>	Quais são as características ensináveis dos ensaios? E, a partir dessas características, que modelo didático pode ser proposto para esse gênero?	Análise dos ensaios selecionados para corpus Textos de especialistas sobre o gênero	Elementos para análise da constituição do MGD; Capacidades de Linguagem

Fonte: elaboração própria

## 5. UM GÊNERO CLANDESTINO: PARÂMETROS DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO

**Clandestino** (clan.des.ti.no) *adj.* 1. Realizado às ocultas. 2. Ilegal. • *sm.* 3. *Pop.* Aquele que se introduz sub-repticiamente em navio, avião, etc, para viajar sem documentos nessa passagem. § clandestinidade **sf.** (Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa)

Neste capítulo, buscaremos defender a tese de que o gênero ensaio circula, predominantemente, de forma clandestina nos periódicos eletrônicos. Todavia, antes de apresentarmos as análises que nos evidenciaram essa característica saliente do contexto de produção, torna-se indispensável esclarecer a escolha por tal adjetivo.

Apesar de uma possível carga semântica negativa atribuída ao vocábulo na linguagem cotidiana, não é essa acepção que consideramos. Na verdade, o adjetivo atribuído parte de uma metáfora em relação à definição popular do termo para designar aqueles que ingressam disfarçadamente em um meio de transporte para viajar sem a passagem, conforme consta no verbete de épigrafe deste capítulo. Assim, de forma metafórica, nossas análises mostraram-nos que o ensaio, enquanto gênero acadêmico-científico, raramente é contemplado no rol de gêneros elencados para publicação nos periódicos analisados; entretanto, são submetidos, avaliados e publicados expressivamente neles. Ou seja, os ensaios passam por todo o processo de submissão e avaliação, que muitas vezes leva-os à publicação, sem que seja previsto na regulamentação de muitos periódicos, sem que tenham a “passagem em mãos”.

Essa clandestinidade pode ser associada com a natureza do gênero. Natureza essa que fez com que o ensaio fosse definido por Galvão (2018) como um *rebelde com causa*<sup>13</sup>, por Skirius (1989) como um *centauro dos gêneros* e por Lillis (2001) como um *não gênero*. Entretanto, ao falar de um gênero clandestino enfocamos uma particularidade do seu contexto de publicação nos periódicos brasileiros e, por isso, não pode ser reduzido ao que se já entende sobre a dimensão linguístico-textual. Esse fator já foi indicado por Ferragini (2011), em sua pesquisa de mestrado, a qual relata que, ao contatar os periódicos para questionar quais critérios eram usados para diferenciar os ensaios de artigos, obteve respostas indicando que não havia

---

<sup>13</sup> Galvão (2018) afirma que o ensaio pode ser considerado o James Dean dos gêneros. Tal analogia é feita pela fama do ator norte-americano de ser um “rebelde sem causa”. Para a autora, todavia, o ensaio é um rebelde **com** causa.

critérios claramente delimitados e comumente essa questão causava dúvidas nos próprios pareceristas e equipe editorial.

Dessa maneira, buscaremos demonstrar tal caracterização a partir da descrição das condições de produção dos textos, mais especificamente, daquelas concernentes ao estabelecimento da dimensão psicológica, ou seja, os parâmetros da situação de produção. Acerca disso, como mencionado, Bronckart (2023) estabelece que as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) são requeridas como contexto e como referente, que vão influenciar o agente verbal no que se refere aos aspectos pragmáticos e declarativos, respectivamente, da organização do texto. Sobre o contexto de produção, o autor divide em duas dimensões, física e sociossubjetiva. A primeira, para fins desta análise, não nos oferecerá materialidade analítica robusta, visto que não é possível precisar informação sobre o momento de produção da escrita do ensaio. Enfocaremos, então, os quatro parâmetros principais do contexto sociossubjetivo: o lugar social, a posição social do emissor, a posição social do receptor e o objetivo da interação; além dos aspectos gerais do referente.

Dessa maneira, apresentaremos a análise do contexto de produção dos ensaios que compõem o corpus, dividindo-a por sub-áreas considerando as dimensões supracitadas e, ao final, teceremos uma análise geral para relacionar o dados.

### **5.1. Periódicos de Literatura**

Para sistematizar as informações descritas nesta subseção, elaboramos o Quadro 8, que sumariza as principais descrições referentes aos parâmetros da situação de produção. Nesse sentido, apresentaremos a análise dos dados que se apresentam como relevantes na caracterização do gênero. Antes disso, gostaríamos de ressaltar que os dados referentes ao contexto físico de produção são inferências com base em nosso repertório teórico e experiencial com a produção de textos acadêmicos. Não podemos afirmar, com certeza, que os ensaios foram produzidos no ambiente acadêmico ou pessoal do autor, trata-se de uma generalização. Ele pode ter sido escrito na praça de alimentação de um *shopping center*, na espera de um atendimento médico ou em mais de um lugar em diferentes âmbitos. Também não podemos calcular qual o momento de duração: há pesquisadores que levam dias ou meses para escrever um trabalho; bem como a escrita do ensaio pode ser precedida por uma pesquisa que demorou anos para ser finalizada.

Quadro 9 - Contexto de produção dos ensaios de Literatura

	LIT01	LIT02	LIT03	LIT04	LET02 <sup>14</sup>
<b>Emissor físico</b>	Denilson Lopes	Cristina Ferreira Pinto-Bailey	Natalia Borges Polezzo	Roland Walter	Andréa Catrópa
<b>Emissor social</b>	Pesquisador, professor e escritor	Pesquisadora e professora	Bolsista de Pós-Doutorado e pesquisadora	Pesquisador e professor	Pesquisadora e professora
<b>Receptor físico</b>	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos
<b>Receptor social</b>	Leitor acadêmico superespecializado na área.	Leitor acadêmico. Pesquisadores da Literatura, do Direito e dos Estudos Críticos.	Leitor acadêmico. Interessados em Literatura contemporânea e nos Estudos Culturais.	Leitor acadêmico. Pesquisadores da Literatura e dos Estudos Críticos.	Leitor acadêmico. Interessados em Teoria Literária e Materialidade da Literatura.
<b>Lugar físico de produção</b>	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.
<b>Lugar social</b>	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico
<b>Momento da produção</b>	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.
<b>Objetivo da interação</b>	Sugerir uma constelação e uma linhagem dentro do Modernismo brasileiro centrada numa leitura autores marginalizados do cânone urbano da escola literária através de imagens do fim do mundo como uma forma de pensar o campo e as pequenas cidades dentro de um Modernismo localista.	Interrogar o papel da narrativa de ficção como literatura de resistência e testemunho que empresta voz a indivíduos comumente silenciados em um contexto de opressão racial e econômica	Delinear uma reflexão acerca da ideia de literatura lésbica, atrelada ao conceito de geografias lésbicas (Browne e Ferreira, 2015).	Destacar e analisar como escritores ameríndios das Américas problematizam a existência entre a dominação e a sedução da cultura hegemônica do não ameríndio e a resistência e a resiliência da cultura autóctone na interface colonização/descolonização.	Propor reflexões acerca das alterações na função autor e sobre os modos de consumir cultura a parte de considerações sobre as mudanças tecnológicas que incidiram na materialização dos textos literários, desde a criação da prensa móvel aos dias atuais.

Fonte: elaboração própria

<sup>14</sup> O ensaio LET02 foi publicado numa revista de Letras, mas na seção de Literatura. Por essa razão, compõe o grupo de ensaios de literatura analisados nesta pesquisa.



No quadro do ISD, a atuação individual do autor na produção de um texto empírico é dupla: ao mesmo tempo que retoma, também recria o modelo textual (o gênero) adotado de seu intertexto. Conforme Pereira e Graça (2007), ao discutirem a conceitualização do contexto de produção na obra de Bronckart:

[...] ainda que adoptando um determinado gênero, o agente continua a beneficiar-se de uma determinada margem de liberdade, sendo que tal processo de adaptação, como identifica Bronckart, actuará em diferentes planos – por exemplo, o da composicionalidade interna do texto –, gozando o texto efectivamente produzido, por consequência de um estilo individual, próprio a cada agente particular (p. 181).

Em alguns gêneros acadêmicos, essa manifestação mais explícita de um estilo singular não é tão comum, mesmo em áreas como Ciências Humanas, Letras e Artes. No caso dos ensaios de Literatura, notamos o fator do papel físico e sociossubjetivo do emissor acentuar essa possibilidade. Dois dos ensaios analisados (LIT01 e LIT03) são escritos por pessoas que, além de experiência de pesquisa em Literatura, também possuem publicações de obras literárias. São, além de pesquisadores, escritores. E o imbricamento desses dois papéis sociais é manifestado no estilo do texto de forma acentuada, bastante singular quando comparada aos demais. A título ilustrativo, retomamos o primeiro parágrafo dos dois textos:

**LIT 01**

Isto será sobre catástrofe, ruína, naufrágio. Isto será sobre o fim, um longo fim, fim de linha, fim de caminho, de esperanças, de utopias. Isto será sobre sobreviventes de uma outra época. Sobreviventes de si mesmo. Ao contrário dos que se dedicam ao colapso ambiental, ao extermínio de espécies, povos e culturas no presente, o fim do mundo que me interessa não é algo a ser evitado, já foi há muito tempo. Só consigo ver ruínas e cadáveres sem sentido. Resta saber, e esta é minha esperança ao escrever esse ensaio, que ele possa dizer algo sobre o presente. Não é inútil dizer, a sensação é que escrevo para a minha morte. Agora, nesses últimos dias, quando reescrevo e reviso essas anotações, parece que terminarei este ensaio, feito sob grande exaustão, como se vampirizado pelo que escrevia. (Lopes, 2023, p. 130)

**LIT 03**

Piso essa geografia como quem deseja dominar o espaço. Um pé firme sobre o chão e depois o outro, movimento diligente. E tropeço. Penso que agora deveria estar em pé, no alto de uma montanha, comona pintura do caminhante à espera da dissipação do mar de névoa, mas à distância não posso observar as minúcias da paisagem nem sua humanidade. Também, não se pode cartografar impunemente. Ou se escala a montanha e dali se observa o todo ou se vai ao rés do chão para se observar o mínimo, a gruta, a curva, o capim molhado, os edifícios, por trás de suas vidraças, as casas e as gentes. Desejar apenas o olhar vertical sobre o mapa é privar-se da viagem, do percurso, da experiência, do que pode ser o horizonte, e o que vem depois. Mas quem adentra o espaçotampouco o domina integralmente. Toda dominação é falsa. Ilegítima. No sentido de que nunca será completa. Há escolhas. Há sempre brechas. (Polesso, 2020, p. 1-2).

Os outros dois ensaios são escritos por professores universitários pesquisadores, que não indicam produção literária. Nesse caso, os autores, apesar de recorrerem com relativa frequência a recursos literários, como o uso de metáforas e de um léxico mais abstrato, o fazem dentro do esperado da cultura disciplinar de literatura, mas ainda dentro de uma padrão mais “ortodoxo” de escrita acadêmica. Isso não significa dizer que os ensaios LIT01 e LIT03 não seguem os padrões da escrita acadêmica, mas pode-se dizer que os seguem de modo mais adaptativo, ressaltados pela margem de liberdade da adoção de um gênero; ainda mais um gênero como o ensaio.

Também destacamos que dois emissores físicos (LIT02, LIT04) possuem formação em universidades europeias e/ou norte-americanas. Esse dado se demonstra relevante por compreendermos, também, que isso permite um intercâmbio também entre as formas de escrita acadêmica, como já mencionamos acerca da tradição de escrita do ensaio nesses países.

Reiteramos que todos os autores possuem doutorado na área de estudo. Isso não só reforça o papel de especialistas, como também demonstra um requisito predominante de publicação – em quatro<sup>15</sup> dos cinco periódicos, a titulação de doutor(a) é exigida para submissão. Emerge, então, em nossa visão, uma influência do papel do emissor (físico e subjetivo) na elaboração dos ensaios na Literatura.

Já o receptor físico, em nossa análise, torna-se difícil precisar. Sabemos que, pelo menos, dois pareceristas leram o trabalho para sua aprovação e publicação, mas nem todas as revistas informam número de downloads para precisarmos, em número quantitativo, o acesso dos leitores. Acerca do receptor social, é traçado o perfil de um leitor acadêmico na área de Literatura brasileira (LIT01) ou de leitor especializado nas discussões da Literatura ou de áreas afins (como os Estudos Culturais, o Direito e os Estudos Críticos). Ao ensaio LIT01, nos referimos a um leitor acadêmico pois o autor questiona algumas formulações do cânone do Modernismo brasileiro, que precisam ser conhecidas previamente pelo leitor. Já os demais ensaios (LIT02, LIT 03, LIT04 e LET05), apesar de exigirem um leitor acadêmico, familiarizado com as discussões na literatura, situam determinados dados prévios para seus leitores, demandando menor especialização no tema.

---

<sup>15</sup> São eles: ALEA; Revista Brasileira de Literatura Comparada; Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea e Todas as Letras.

Acerca do lugar de produção, como mencionamos, não temos elementos concretos que indiquem esse dado, se tratam de suposições a partir do conhecimento comum da experiência de escrita acadêmica. Já o lugar social, refere-se ao meio acadêmico-científico, indicado pela socialização em periódicos de excelência. Também na impossibilidade de indefinição, como já mencionamos, está o momento de produção.

Consideramos como objetivo da interação, no Quadro 9, os objetivos expostos pelos autores no artigo. Obviamente, na escrita de um texto acadêmico, outros objetivos implícitos podem estar vinculados: a demanda e a necessidade de publicações, por questões de produtividade; o interesse de socialização de pesquisas, entre outros. Todavia, priorizamos preservar a definição dos autores. Chama-nos atenção o uso dos verbos: sugerir; interrogar; destacar e analisar; delinear; e propor. Os dois primeiros marcam aspectos já relacionados à natureza do ensaio, no sentido de ser uma tentativa e uma problematização. Também a proposição de reflexões, no ensaio LET01, é representativa da gênese do gênero, associada à ponderação. Os verbos destacar e analisar (LIT04) desfragmentam, desde o início, uma possível diferenciação entre o ensaio e o artigo alegando que o primeiro não possui análise empírica, apenas o segundo. Já o objetivo do LIT03, embora pareça descritivo, a própria autora explica ao longo do texto, que trata-se de um viés analítico de construção: “É fácil olhar um mapa pronto. Observar os pontos marcados. Fazer uma lista de nomes e lugares. O complexo é relacioná-los. Extrair algo deles que não seja o óbvio.” (Polesso, 2020, p. 2). Nesse cenário, podemos perceber que, de modo semelhante, todos os ensaios do *corpus* apresentam fins analíticos e/ou propositivos, mesmo que um desses aspectos possa prevalecer sobre o outro.

Além dos aspectos mencionados, convém apresentarmos o conteúdo temático dos ensaios de Literatura, organizado no Quadro 9, a seguir, para permitir uma visão panorâmica:

**Quadro 10** - Conteúdo verbal dos ensaios de Literatura

Ensaio	Resumo do conteúdo verbal
LIT 01	Defende-se a representação do fim como categoria estética capaz de desestabilizar narrativas hegemônicas sobre o Modernismo brasileiro. A partir da constelação de autores marginalizados pelo cânone urbano da escola literária, o texto propõe a uma revalorização da literatura de província como produtora de Modernismo, ancoradas na melancolia, na ruína e na suspensão do tempo.
LIT02	Apresenta-se a obra de Conceição Evaristo e a maneira como ela se insere no campo dos Direitos Humanos, não apenas como denúncia, mas também como meio de resistência e afirmação identitária. Na análise, considera-se a elementos como memória, ancestralidade

	e representação da mulher negra, explorando como esses aspectos contribuem para a construção de uma narrativa que desafia estereótipos e promove a conscientização sobre as injustiças sociais.
<b>LIT03</b>	Discute-se a literatura lésbica como forma de ocupar e tensionar espaços – físicas, simbólicos e literários – a partir de vivenciais interseccionais e dissidentes. Propõe-se que a lesbianidade, mais do que uma identidade fixa, é uma categoria política e estética que desafia as normas de gêneros e a representações da sexualidade. A autora reflete sua posição no mundo, na articulação entre teoria, experiência e crítica para problematizar a noção de literatura lésbica e suas formas de resistência e ressignificações.
<b>LIT04</b>	Analisa-se a literatura ameríndia como um instrumento de resiliência cultural, desconolização e afirmação identitária nas Américas. Ele destaca como autores ameríndios reconstróem suas histórias, línguas e cosmologias a partir de suas perspectivas, desafiando as narrativas coloniais e reafirmando sua autonomia política e cultural. Enfatiza-se o papel do multilinguismo, do hibridismo e da reconstrução identitária como estratégias literárias que fortalecem a autodeterminação dos povos originários e promovem diálogo intercultural no respeito às epistemologias ancestrais.
<b>LET02</b>	Analisa-se como as transformações tecnológicas, especialmente desde a criação da prensa móvel e a popularização da internet alteraram profundamente a materialidade dos textos literários, a função do autor as formas de consumo cultural. Destaca-se que a digitalização não apenas modificou os suportes de leitura, mas também descentralizou a imagem do autor, na promoção de práticas colaborativas e interativas que desafiam as concepções tradicionais de autoria e leitura. Dessa maneira, reflete-se sobre a necessidade de novas abordagens teóricas e pedagógicas para compreender os modos contemporâneos de produção e recepção literária.

Fonte: elaboração própria

Seja pela limitação da amostragem, seja pela natureza do gênero, apesar de temáticas aparentemente distantes, quase todos os ensaios tratam da literatura como forma de desconstrução de hegemonias, (re)afirmação de identidades marginalizadas e/ou de ocasionar inclusão ou segregação. Esses textos propõem leituras fora do cânone literário, tecendo reflexões sobre a marginalidade da literatura de província (LIT01), de pessoas negras (LIT02), de mulheres lésbicas (LIT03), de indígenas (LIT04) e digital (LET01)<sup>16</sup>.

Em nível de amostragem, essa prevalência pode se relacionar com uma crescente aproximação dos Estudos Literários com os Estudos Culturais e/ou com os Estudos Críticos, especialmente nos ensaios LIT02, LIT03 e LIT04. Em nível de análise ampla do conteúdo temático, podemos denotar um compromisso teórico com as categorias, métodos e objetos dos Estudos Literários, uma vez que os ensaios, em maior ou menor

<sup>16</sup> Apesar de não se centrar na literatura digital ao longo de todo o texto, a discussão feita sobre a autoria avança para que essa categoria – e outras de Teoria Literária – sejam questionadas a partir da realidade da produção cultural hoje, mais especificamente da literatura digital. Dessa maneira, não deixa de ser, ao nosso ver, um questionamento de uma tradição consolidada motivada por questão da pós-modernidade.

grau, propõem uma reformulação – ou, ao menos, uma contestação – da tradição teórica. Há, então, dentro de um movimento analítico de obras, um interesse de (re)pensar a teoria.

Esse movimento identificado nos ensaios permite tensionar a já questionada segmentação entre o teórico e o aplicado, a qual, por vezes, é usada para diferenciar o ensaio do artigo, por exemplo. O que identificamos, em todos os ensaios analisados, é a presença de análise de dados (obras, levantamentos, mapas, referências teóricas), mas com fins voltados na teoria, na forma como os Estudos Literários têm tratado esses dados.

Acerca do lugar de circulação, como mencionamos, a subárea de Literatura não possui nenhum periódico Qualis Capes A1 que preveja, em suas diretrizes, a publicação de ensaios, embora seja a área que mais os publica, em comparação às de Linguística e Letras. Nesse sentido, podemos afirmar que é nessa subárea em que a “clandestinidade” no processo de submissão desses textos é mais acentuada. Porém, mais do que indicar esse teor clandestino, gostaríamos de refletir de que forma eles acontece. De que maneira os ensaios entram nesses periódicos sem as passagens em mãos? Sobre isso, assumimos que, apesar das diferenças, o ensaio passa por esse processo de submissão, avaliação e recepção, quase sempre travestido de artigo. Afinal, é publicado na seção de artigos e seus autores empíricos, para os submeterem à avaliação, precisam atender às normas de formatação e extensão dos artigos, por exemplo, uma vez que o gênero não dispõe de métricas próprias.

A revista ALEA indica que os artigos devem possuir entre 25.000 a 40.000 caracteres, faixa em que se situa o LIT01, com cerca de 40.000 caracteres. A RBLC regula que os artigos tenham até 10.000 palavras, e o ensaio LIT02 possui aproximadamente 5.900 palavras<sup>17</sup>. Já a Ilha do Desterro indica o máximo de 25 laudas para artigos, enquanto o ensaio LIT04 possui 19 laudas<sup>18</sup>. A única revista do grupo que prevê a publicação de ensaios é a Todas as Letras, porém, não há normatizações para o gênero. Apenas indica que a seção de Literatura aceita artigos e ensaios e ambos devem ter um resumo de até 500 caracteres. Os artigos, então, devem ter até 20 páginas, limite atendido pelo LET01, que possui 12 páginas. Em todos esses casos, é válido destacar que a extensão desses textos não pode ser contemplada pela indicação de nenhum outro gênero

---

<sup>17</sup> Usamos números aproximados para a contagem de caracteres e palavras pois nos arquivos disponibilizados outros elementos passam a contabilizar, como as informações de rodapé e cabeçalho.

<sup>18</sup> A Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea não exige número mínimo ou máximo de caracteres, palavras ou laudas, por isso, não é citada a extensão do ensaio LIT03.

aceito pelas revistas (como resenha, entrevista, tradução, etc.). Dessa forma, ao produzir o ensaio, o autor toma como referência os padrões de normatização do artigo científico.

Em linhas gerais, portanto, nos periódicos de excelência de Literatura, o ensaio é publicado sob a égide de um termo “guarda-chuva”, chamado artigo: mesmo quando o autor empírico identifica o texto como ensaio, como nos cinco ensaios analisados. Inclusive, no texto LIT01, a autora usa os dois termos para referir-se ao próprio escrito, ora referindo-lhe como “este ensaio” (Catrópa, 2023, p. 1), ora como “deste artigo” (Catrópa, 2023, p. 3). Sobre essa questão, que poderia ser vista como uma intergenericidade, interpretamos como um elemento da constitutivo do própria fluidez na caracterização do gênero, a qual discutiremos no capítulo seguinte, acerca da arquitetura interna dos textos e sua natureza caleidoscópica.

Entretanto, em linhas gerais, esse termo aparentemente genérico – artigo – não considera que, além de uma forma textual, os gêneros possuem características sócio-funcionais no contexto em que circulam, que suprem – ou não – os objetivos do autor na interação e as expectativas de um emissor objetivado e/ou real.

## **5.2. Periódicos de Linguística**

Em Linguística, esse teor clandestino é menos evidente. Em termos numéricos, observa-se que dos sete (7) periódicos que publicam ensaios, três (3) preveem esse gênero em suas diretrizes, ou seja, aproximadamente 48,8%. Inicialmente, essa constatação demonstrou a necessidade de reformular a hipótese de que a área que mais publica ensaios (a literatura) seria a mesma em que mais encontraríamos a previsão do gênero nas diretrizes, mas, como demonstramos, nenhuma revista de literatura prevê a publicação.

A nosso ver, esse fenômeno pode ser explicado pela preocupação da Linguística com a categorização das práticas de linguagem e, conseqüentemente, com a definição dos gêneros e as reflexões sobre a escrita científica. Dessa forma, uma vez mobilizando esses conceitos cotidianamente, parece coerente supor que isso se reflita em uma maior delimitação sobre o tema nas normas de publicação. Embora não consigamos estabelecer um raciocínio semelhante para a área de Literatura.

Para elencar as características dos parâmetros da situação de produção, elaboramos o Quadro 10, a seguir:

Quadro 11 - Contexto de produção dos ensaios de Linguística

	LING01	LING02	LING03	LING04	LET01 <sup>19</sup>
<b>Emissor físico</b>	Clemilton Lopes Pinheiro e Héberton Mendes Cassaino	Eliane Silveira	José William da Silva Netto	Leonardo Dias Avanço	Edwiges Maria Morato
<b>Emissor social</b>	Pesquisadores	Pesquisadora e professora	Pesquisador e professor	Pesquisador e professor	Pesquisadora e professora
<b>Receptor físico</b>	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos	Pelo menos dois pareceristas e leitores diversos
<b>Receptor social</b>	Leitor acadêmico. Pesquisadores da Linguística Textual.	Leitor acadêmico. Pesquisadores de Linguística.	Leitor acadêmico. Pesquisadores da Linguística, especialmente na linha funcionalista.	Leitor acadêmico. Pesquisadores da Linguística e das Humanidades.	Leitor acadêmico. Interessados em Teoria Literária e Materialidade da Literatura.
<b>Lugar físico de produção</b>	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.	Do âmbito pessoal – casa, escritório – ou do âmbito acadêmico – biblioteca, sala individual etc.
<b>Lugar social</b>	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico	Meio acadêmico-científico
<b>Momento da produção</b>	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.	Indefinido – dias, meses ou anos.
<b>Objetivo da interação</b>	Verificar a decisão teórica de pesquisadores acerca da análise de textos plurissemióticos e o alcance desta decisão no âmbito da Linguística Textual	Percorrer alguns manuscritos do trabalho de Saussure e dar destaque a rasura como modo de compreender melhor sua flutuação e, a partir disso, entender o mecanismo da rasura como parte do processo de produção de Saussure.	Expandir o escopo das investigações sobre as Expressões Idiomáticas para as análises de textos multimodais e, em uma esfera pedagógica, instruir investigações e auxiliar os professores de língua.	Trabalhar a desambiguação de sentidos da palavra jogo dentro do campo transdisciplinar das Humanidades Digitais.	Refletir sobre o que tem sido chamado de abordagem sociocognitiva do texto.

Fonte: elaboração própria

<sup>19</sup> O ensaio LET01 foi publicado em uma revista de Letras, mas na seção de Linguística. Por essa razão, compõe o grupo de ensaios de Linguística analisados nesta pesquisa.

Algumas categorias presentes nessa sistematização – receptor físico, lugar físico, lugar social, momento de produção – não se diferem do identificado da Literatura, e sobre elas, portanto, não iremos nos repetir. Interessa-nos pontuar, inicialmente, que o grupo de emissores sociais se configura mais homogêneo em relação aos dos ensaios dessa outra subárea. Em todos os textos, consta a autoria de um professor doutor, não muito distante da realidade da Literatura, porém, sem a questão de uma possível interferência do papel social de escritor literário, confluindo a escrita acadêmica com a escrita literária.

Acerca do papel social do emissor, na grande maioria – LING01, LING02, LING03 e LET01 – recria-se o leitor acadêmico em Linguística, em especial pelo seu caráter meta-analítico, ou seja, em discutir questões relativas ao próprio desenvolvimento e escopo da área de estudo, como comentaremos sobre o conteúdo temático. O LING04, por inserir-se em um campo transdisciplinar, das Humanidades Digitais, mobiliza conhecimentos da Filosofia e da Educação, por exemplo, que viabiliza mais espaço de interesse para leitores de fora da linguística.

No que tange à relação previsão x publicação discutida no início deste capítulo, reforçamos que apenas dois dos cinco periódicos regulamentam em suas Diretrizes para Autores, a publicação de ensaios. Essa margem de 40% poderia levar ao questionamento acerca da possível clandestinidade aqui defendida. Reforçamos que esse teor apresentado se refere não somente ao fato de a revista não prever a publicação do ensaio em suas Diretrizes, mas também de não demonstrar o que se entende como ensaio, haja vista a tão reconhecida instabilidade do gênero, dificultando o possível entendimento acerca de sobre quais parâmetros seu texto será analisado. Esse fator, então, recai especialmente sobre o papel social do emissor pesquisador/doutor, do qual espera-se domínio e entendimento das convenções de escrita acadêmica. Não coincidentemente, quatro dos cinco periódicos exigem a titulação mínima de doutorado, apenas o periódico Domínios da Lingu@gem aceita a publicação de Mestres, Doutores, Professores livre-docência e pós-graduandos.

Nesse sentido, a revista que mais publica ensaios em Linguística, a Linguagem em (Dis)curso é a única em que se apresenta uma definição – ou uma expectativa – do gênero. Ensaio é definido como um “texto contendo discussão de um problema teórico relevante ao campo em que se insere” e permite a mesma extensão dada aos artigos. Essa



definição de fato se materializa no ensaio LING01 e, por isso, podemos dizer que é o único caso em que o ensaio entra nos periódicos com a passagem em mãos.

Nos demais periódicos, embora a D.E.L.T.A indique a publicação de ensaios em suas diretrizes, não há informações acerca do que se entende pelo gênero e, por tal motivo, acreditamos que o processo de escrita e avaliação ainda possa ser nebuloso. E, de maneira majoritária, as revistas Domínio da Linguagem, ALFA e Revista da Anpoll não apresentam nenhuma menção ao gênero nas Diretrizes. Disso, extraímos também a sua travestilidade sob forma de artigo científico já mencionada, tanto em termos de extensão – caracteres, palavras ou laudas – que atende ao estipulado para o gênero aceito, como pela própria oscilação do termo também identificada nesta subárea (o texto LING03 inicia-se definindo-se como “este ensaio” (p.1) e finaliza-se com “[...] objeto deste artigo” (p. 18).

Acerca do objetivo da interação, retomamos o movimento de manter os verbos indicados pelos autores como primeiro indício. Assim como nos ensaios de Literatura, notamos fins analíticos em boa parte deles – verificar, entender, trabalhar, refletir. Talvez o mais diferente seja o de “expandir” o escopo de investigações da área, mas, a partir do conteúdo, percebemos que, para isso, é feito um movimento analítico, com corpus de análise. Vejamos, então, o conteúdo verbal dos textos de Linguística:

**Quadro 12** - Conteúdo verbal dos ensaios de Linguística

Ensaio	Resumo do conteúdo verbal
LING01	Analisa-se como a Linguística Textual aborda textos que combinam elementos verbais e não verbais, denominados plurissemióticos. A partir de uma metanálise de cinco estudos sobre referência nesses textos, observa-se que, embora compartilhem características com textos exclusivamente verbais ou imagéticos, os textos plurissemióticos possuem uma lógica própria de funcionamento. Diante disso, argumenta-se pela necessidade de desenvolver um aparato teórico e metodológico específico para analisar adequadamente essa complexidade textual.
LING02	Analisa-se as rasuras presentes em manuscritos de Saussure, destacando sua importância para a compreensão do processo de elaboração do pensamento do linguísta. Por meio da investigação das diferentes formas de correções e melhorias nos textos, revela-se como essas alterações refletem a complexidade de a evolução das ideias de Saussure, oferecendo contribuições sobre a construção da teoria linguística saussureana.
LING03	Propõe uma articulação teórica entre a compreensão das expressões idiomáticas (EI), sob a perspectiva composicional, e as representações conceituais da Gramática do Design Visual (GDV). A análise de textos multimodais, como charges, quadrinhos e anúncios publicitários, revela que elementos visuais – como a disposição dos personagens, atributos simbólicos e a ativação de conhecimentos prévios – desempenham um papel relevante na interpretação de EI. Destaca-se a importância das representações conceituais na compreensão linguística e sugere-se que essa abordagem

	deve permear o ensino de línguas, visto que proporciona atividades mais contextualizadas para abordar expressões idiomáticas em sala de aula.
<b>LING04</b>	Analisa-se a envolução semântica do termo “jogo” na história, destacando como seu significado se expandiu e diversificou em diferentes contextos culturais e sociais. A análise considera a influência do entretenimento moderno e da ubiquidade dos jogos na sociedade contemporânea, propondo uma reflexão sobre como essas mudanças impactam a compreensão e o uso do vocábulo “jogo” na linguagem pós-moderna.
<b>LET01</b>	Discute-se duas vertentes de compreensão do texto como dispositivo de cognição social: uma que entende os textos como representações do mundo social e outra que os considera elementos ativos na construção da cognição social. Argumenta-se que os textos funcionam como âncoras simbólicas em meio à fluidez das práticas e significados sociais, contribuindo para a estabilização e circulação de saberes. A partir disso, sugere-se que compreender os textos como forma de cognição permite avanços à análise linguística, reforçando sua centralidade nos processos de produção, mediação e manutenção.

Fonte: elaboração própria

Mais acentuadamente, os ensaios em Linguística têm um caráter metateórico. Quatro – LING01, LING02, LING03 E LET01 – dos cinco ensaios refletem sobre questões da própria teoria, seja sobre o tratamento de uma categoria analítica (LING01, LING03), seja pelo enquadramento de uma posição teórica (LET01), seja pelo tratamento com textos teóricos (LING02). Há, expressamente, uma preocupação com questões teóricas. O ensaio LING04, que se difere um pouco dos demais, ainda assim visa discutir uma questão também refletida no campo teórico, mesmo que não seja exclusivamente da Linguística – como o vocábulo jogo vem sendo tratado no pensamento ocidental. Em linhas superficiais, podemos dizer que tais textos não visam uma investigação sobre questões linguísticas, mas sobre questões *de* Linguística.

Outrossim, não significa isso dizer que sejam apenas ponderações. Os ensaios LING01, LING02 e LING03 apresentam análises empíricas, seja uma meta-análise de outros trabalhos (LING01), seja a análise de textos e do fenômeno da rasura (LING02), seja a análise de um *corpus* textual da categoria analítica (LING03). Os textos LING04 e LET01 não possuem análise de corpus, mas mobilizam uma análise de fontes e posicionamentos teóricos, de modo que não se pode denotar claramente a ausência de uma análise empírica.

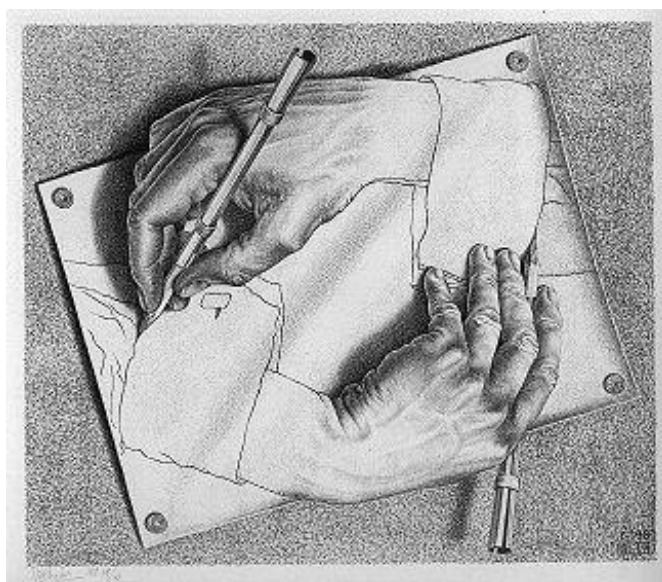
Isso não se distancia do que observamos em Literatura. Nessa subárea, apesar dos ensaios enfocarem também questões de ordem social e identitária, o fazem, predominantemente, analisando a forma como a Literatura, mais especificamente, a Teoria Literária constrói, representa e/ou marginaliza determinados grupos – autores afora dos centros urbanos (LIT01), pessoas negras (LIT02), ameríndios (LIT03) e mulheres

lésbicas (LIT02). Já o ensaio LET02, que trata da função do autor, possui um cunho explicitamente metateórico, visto que aborda uma categoria especificamente teórica – a de autor e autoria.

Ressaltamos essa natureza analítica, pois em nosso levantamento inicial em revistas do grande Colégio de Humanidades, constatamos que, dentre as poucas em que havia definições ou expectativas do gênero, algumas apontavam que o ensaio era um texto de discussões teóricas, mas sem análise empírica. Nesse sentido, diante do conteúdo verbal identificado tanto na subárea de Linguística como na de Literatura, torna-se pertinente questionar essa definição.

Identificou-se, nesta análise, que o ensaio possui, quase sempre, uma análise – de *corpus*, de fontes, de mapas – mas não uma análise centrada especificamente nos seus resultados. Trata-se de um texto analítico que se propõe a (re)pensar teorias, objetos e métodos. Uma análise que inverte a ordem ortodoxa de teoria-análise, realizando o movimento de análise-teoria. Configura-se, portanto, como uma escrita que, dentro da teoria, volta os olhos para a própria teoria. Como mãos que desenham a si mesma, retomando a obra *Drawing Hands*, de M. C. Escher.

**Figura 6 - Drawing Hands**



Fonte: M. C. Escher (1948)

E, em linhas gerais, acreditamos que esse seja um caminho seguro para compreender mais nitidamente a natureza do conteúdo do ensaio acadêmico-científico.

## **6. UM GÊNERO CALEIDOSCÓPICO: A ARQUITETURA INTERNA**

O caleidoscópio é um objeto óptico formado por espelhos que, ao refletirem pequenos fragmentos coloridos, criam imagens variadas e sempre renovadas a cada movimento. Essa caracterização, marcada pela diversidade de formas estabelecidas a partir das diferentes possibilidades de organização, torna possível retomarmos uma metaforização já feita por Pereira, Basílio e Leitão (2017). Dessa maneira, o caleidoscópio simboliza a diversidade de formas que os textos acadêmicos podem assumir, sem perder sua base comum de princípios e recursos que garantem a funcionalidade do texto no meio científico.

No trabalho supracitado (Pereira, Basílio e Leitão (2017), o artigo científico é conceituado como um gênero caleidoscópico ao investiga-lo por meio de uma experiência didática na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, oferecida pela Universidade Federal da Paraíba. Usando como referencial teórico-metodológico o Interacionismo Sociodiscursivo, as autoras analisaram os textos produzidos ao longa referida disciplina e atestaram que o artigo científico apresenta uma natureza multifacetada, exigindo uma ampliação das definições tradicionais desse gênero. Essa abordagem evidencia como as microações de linguagem – determinadas escolhas linguísticas em contextos específicos – têm papel crucial nas estratégias de ensino e na construção desse gênero acadêmico.

Nesta pesquisa, nos apropriamos da tese central do trabalho das autoras, identificando que essa dimensão caleidoscópica também pode ser constatada nos ensaios publicados em periódicos. De tal forma, ao definir o ensaio acadêmico-científico como um gênero caleidoscópico, reconhecemos sua natureza plural, heterogênea e adaptável, capaz de assumir diferentes contornos de acordo com as esferas de atividade, as condições de produção e a cultura disciplinar em que circula. O uso da metáfora justifica-se pela necessidade de compreender esse gênero não como um modelo fixo, mas como um arranjo dinâmico de variantes possíveis, que se organizam em torno de um núcleo comum.

Essa perspectiva permite enxergar o ensaio acadêmico-científico como um gênero que mantém sua identidade – já preliminarmente caracterizada na dimensão do conteúdo temático, ao mesmo tempo em que dialoga com diferentes usos da linguagem e se molda conforme as demandas comunicativas mobilizadas pelo contexto. Neste capítulo, buscamos caracterizar a arquitetura interna dos ensaios analisados e, por qualidade da

exposição, optamos por realizar a análise segmentada por categorias do folhado textual ressaltando a generalização das ocorrências enquanto grupo geral e as particularidades das culturas disciplinares das subáreas.

A apresentação completa desses dados, organizados ao longo deste capítulo, permite o reconhecimento da dimensão caleidoscópica aqui defendida, uma vez que reúne, de forma flexível e articulada, diferentes mecanismos de planificação, sequenciação, textualização e enunciação que se inter-relacionam de formas múltiplas. Essa disposição de recursos – desde a organização argumentativa que combina conexão, coesão e liberdade estilística, até a interação dinâmica entre vozes do autor, personagens teóricos e sociais – cria um espaço discursivo plural e aberto, capaz de acomodar múltiplas perspectivas e modos de expressão, elementos que podem ajudar na caracterização de um gênero de múltiplos contornos.

### **6.1. O plano geral**

Como mencionamos, no plano geral dos textos analisados, conseguimos observar não somente as particularidades do ensaio enquanto gênero, mas também identificamos possíveis traços distintivos do artigo e, principalmente, diferenciações entre os ensaios de Linguística e de Literatura, reflexos da cultura disciplinar (Hyland, 2000).

Em linhas gerais, os ensaios de Literatura (incluindo o ensaio LET02) não possuem uma separação tradicional em seções convencionais dos trabalhos acadêmicos – resumo, introdução, revisão da literatura, metodologia, análise dos resultados e conclusão (cf. Motta-Roth e Hendges, 2010). Na verdade, são poucos os textos em que há segmentação explícita entre as seções e, nos ensaios em que ocorre (LIT01 e LET02), trata-se de uma organização do conteúdo, mas não desempenham relação de elemento textual.

Por exemplo, no ensaio LET02, intitulado, “Impactos da digitalização sobre a função autor e sobre os modos de acesso ao texto literário”, são feitas três seções não numeradas: Transubstanciação do autor em corpo da obra; Impactos do meio digital nos conceitos de obra e de autor; e Arte reproduzível, dispositivos digitais e autoria. Essas seções, como trataremos no tópico dos mecanismos de textualidade, dão progressão temática ao texto, em uma espécie de afunilamento teórico-analítico. Nesse caso,

acreditamos que o resumo, elemento pré-textual, seja considerado suficiente, por parte da autora, para situar o leitor.

Todavia, em nível macrotextual, esse foi o único texto em que não identificamos elementos convencionais da introdução de textos acadêmicos, salvo a contextualização, conforme a definição da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que a define como “parte inicial do artigo, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo” (ABNT 2003, p. 4). Os demais, em maior ou menor grau, mesmo que não segmentem essa seção, apresentam, no início do texto, elementos associados à introdução. Ressaltamos que, em nossas buscas, nenhum periódico de Literatura exige a presença dessa seção no texto, como pode ser encontrado em algumas revistas.

Já o desenvolvimento é muito semelhante em todos os ensaios, embora as formas de planificação sejam diferentes. São semelhantes no sentido de que não sequenciam a exposição em teoria → dados → análise, como é comum observarmos em dissertações, teses e artigos. Na verdade, esses elementos são apresentados simultaneamente, como ilustramos no antepenúltimo parágrafo do texto LIT02, em que um conceito é apresentado, relacionando-o com a análise do *corpus* – contos de Conceição Evaristo.

<b>LIT02</b> - Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure
---

“Também Joel Rufino dos Santos discute as implicações políticas relacionadas à circulação da produção artística (incluindo a literária), e o conceito de cultura como <i>circuito</i> cujo elemento principal é a comunicação (RUFINO DOS SANTOS, 2004, p. 201). Segundo ele, o objeto de arte [...] Assim, a relevância da obra de Conceição Evaristo é tanto estética e formal como cultural e política, pois através dela a autora expõe e comunica a realidade que silencia e aniquila o indivíduo negro e pobre, realidade essa normalmente ignorada pela sociedade hegemônica branca. Por outro lado, encontra-se aí também a expressão de uma alteridade que resiste e afirma-se como sujeito. Sua obra exemplifica, portanto, aquilo que Rita Felski descreve como “[a unique] oneness to pure otherness, that is equipped with momentous political implications” (FELSKI, 2008, p. 5) e corrobora afirmação de Alzira Rufino: “comunicar é politizar” (em LUANA DOS SANTOS, 2010, p. 112).” (Pinto-Bailey, 2021, p. 17, grifo da autora)
---

Nesse momento do texto, Pinto-Bailey (2021) está finalizando o panorama de análise e apresenta conceito e fontes teóricas inéditas na materialidade textual. Nesse sentido, acreditamos ser possível identificar que o desenvolvimento ocorre nesse movimento de exposição simultânea do referencial teórico em diálogo com os dados e as análises.

Alguns, porém, segmentam o texto em seções por delimitação temática, como comentado sobre o LET02. A mesma organização é vista no ensaio LIT01, que divide o ensaio em duas seções, após uma seção inicial não nomeada: *Genealogia do fim do*

*mundo*, em que o autor situa as obras aquém do cânone do Modernismo, situadas geograficamente fora dos centros urbanos e indica a escolha por analisar a obra de Cornélio Pena; e a segunda, *Um outro fim de mundo é possível*, em que a análise do autor é aprofundada em uma só obra. As demais, não fazem nenhuma segmentação e seguem o padrão exemplificado no ensaio LIT02, da relação teoria-dados-análise em simultaneidade.

Acerca da conclusão, todas, implicitamente apresentam um desfecho. Consideramos como desfechos elementos tradicionais da seção, a indicação de verificação de objetivos alcançados, a indicação para trabalhos futuros, o levantamento de dados apresentados e a retomada de questões centrais da pesquisa, conforme define a ABNT: “Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses” (ABNT 2003, p. 4). Sistematizando, então, esses dados, chegamos à seguinte organização geral:

**Quadro 13** - Plano geral Literatura

LIT01	LIT02	LIT03	LIT04	LET02
Título	Título	Título	Título	Título
Título em LE <sup>20</sup>	Título em LE	Título em LE	Identificação do autor	Identificação da autora
Identificação do autor	Identificação da autora	Identificação da autora	Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave
Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave	Título em LE	
Abstract/Resumen + Palavras-chave	Abstract + Palavras-chave	Abstract/Resumen + Palavras-chave	Abstract + Palavras-chave	
Epígrafe			Epígrafes	
Introdução – <b>não titulada</b> (Seção 1 – apresentações das obras, justificativa da escolha + considerações sobre o tema)	Introdução – <b>não marcada em seção</b> (apresentação da obra, contextualização do tema da pesquisa, objetivos)	Introdução – <b>não marcada em seção</b> (contextualização, delimitações teóricas, objetivos)	Introdução – não marcada (contextualização da temática, objetivos)	
Desenvolvimento (Seção 2 – análise da obra em diálogo com as reflexões teóricas)	Desenvolvimento – <b>não marcado por seção(ões)</b> (referencial teórico e análise simultaneamente apresentados, por temáticas/contos)	Desenvolvimento – <b>não marcado por seção(ões)</b> (referencial teórico e análise simultaneamente apresentados)	Desenvolvimento – <b>não marcado por seção(ões)</b> (conceituações e problematizações, análise de obras)	Desenvolvimento – marcado por seção(ões) Seção 1: discussão teórica entre autores e posições Seção 2: teoria-dados-análise

<sup>20</sup> LE: Língua Estrangeira

				Seção 3: teoria-dados-análise
Conclusão – <b>não marcada em seção (dentro da seção 2)</b> (verificação dos objetivos, levantamento dos dados e indicação para trabalhos futuros).	Conclusão – <b>não marcada em seção</b> (retomada de questões de pesquisa e retomada/generalização dos dados)	Conclusão – <b>não marcada em seção</b> (retomada de questões centrais e levantamento dos dados; discussões gerais)	Conclusão – <b>não marcada em seção</b> (reflexões finais e generalizações, retomada de dados e reforço da tese defendida)	Conclusão – <b>não marcada em seção (dentro da seção 3)</b> (reflexões finais, reforço da tese defendida)

Fonte: elaboração própria

Deixamos em grifo as seções não marcadas pelos autores, mas nas quais identificamos traços recorrentes dos elementos desses padrões textuais. Naturalmente, não é possível afirmar que os autores fizeram a escolha conscientes dessas funções, mas pelo papel social de pesquisadores experientes, acreditamos que sim. Entretanto, esse cenário é diferente do observado em Linguística. Para aproximar essa comparação, iremos inverter a ordem de análise dessa subárea e iniciar nossa análise pelo quadro sistemático a seguir:

**Quadro 14** - Plano geral Linguística

LING01	LING02	LING03	LING04	LET01
Título	Título	Título	Título	Título
Título em LE	Título em LE		Título em LE	Título em LE
Identificação dos autores	Identificação da autora	Identificação do autor	Identificação do autor	Identificação da autora
Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave	Resumo + Palavras-chave
Abstract/Resumen + Palavras-chave	Abstract + Palavras-chave		Abstract + Palavras-chave	Abstract + Palavras-chave
	Epígrafe			
Introdução – contextualização, objetivo, método, organização do texto	Introdução – contextualização, objetivos, organização do texto	Introdução – contextualização da pesquisa, referências, objetivos	Introdução – contextualização, justificativa, objetivos, organização do texto	Introdução – contextualização, objetivos, problematização
Desenvolvimento (Seção 2 – problematização de fundamentos teóricos Seção 3 – análise empírica)	Desenvolvimento – marcado em tópicos a partir do tipo de corpus (Tópico i – manuscrito; Tópico ii – análise de poesia; Tópico iii – cartas, etc.)	Desenvolvimento – (Seção 1 – teoria – dados – análise Seção 2 – teoria – dados análise Seção 3 [parcial] – perspectivas para o ensino)	Desenvolvimento – (Seção 1 – teoria – dados – análise; Seção 2 – teoria – dados – análise; Seção 3 – teoria – dados – análise)	Desenvolvimento – Seção 1: teoria – dados – análise Seção 2: teoria-dados-análise Seção 3: resumo/panorama Seção 4: “Algumas implicações”
Conclusão – retomada dos objetivos e dos resultados, reflexões	Conclusão – panorama geral da	Conclusão – <b>não titulada em seção</b> (Seção 3 [parcial] –	Conclusão – retomada dos	Conclusão – retomada das questões e dos objetivos alcançados



finais e indicações de trabalhos futuros	análise e reflexões finais	panorama geral da análise e reflexões finais)	objetivos alcançados em cada seção	
				Agradecimentos

Fonte: elaboração própria

Comparativamente, o Quadro 12 e o Quadro 13 denotam diferenças visíveis. Primeiramente porque todos os ensaios de Linguística possuem seções delimitadas. Exceto a LING03, em que a conclusão veio inserida no capítulo “Perspectivas para o ensino de EI”, não foi necessário nenhum esforço para identificar as partes convencionais do texto acadêmico. Talvez, essa não segmentação (nem mesmo implicitamente) desses movimentos retóricos tradicionais por parte dos textos da literatura ocorra pela aproximação com o ensaio literário, que tradicionalmente, assim como os de Montaigne, não são segmentados.

Acerca da presença de introdução e conclusão nesses ensaios, é interessante observar que alguns periódicos exigem a recomendação marcação dessa seção, como os do LING01, LING02, LING03 e LET01<sup>21</sup>. Tal fator demonstra que o plano geral não apenas sofre influência da cultura disciplinar, como também das condições de produção impostas pelos periódicos.

Muitas semelhanças, porém, são identificadas. Primeiro, somente um ensaio (LING01) apresenta a discussão sobre o referencial teórico antes de apresentar a análise dos dados, os demais apresentam a análise em simultaneidade ao repertório teórico – que, em alguns casos, é o objeto de estudo – como os ensaios de Literatura.

Um dos ensaios de Linguística (LIT02), inclusive, demonstra ainda mais afinidade com os de Literatura, especialmente com o LET02, em que a segmentação é feita por organização das funções temáticas. No caso, o LING02, intitulado Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure, segmenta seu texto, além da introdução e da conclusão, conforme o tipo de documento em que a rasura está sendo analisada, como carta, manuscrito de artigo e análise de poesia. E, nesse texto, o referencial teórico é quase inexistente, se não o constante diálogo com a obra de Allan Poe. Talvez por isso, a autora afirme, ainda na introdução: “A proposta, portanto, nesse ensaio, é suspender, momentaneamente, os limites entre a escrita literária e a científica [...]” (Silveira, 2019, p. 838).

---

<sup>21</sup> Linguagem em (Dis)curso, D.E.L.T.A., Alfa e Revista da Anpoll, respectivamente.

Assim, de modo geral, podemos afirmar que os ensaios em Linguística assumem a forma mais canônica de planificação dos textos acadêmicos. Em parte por reflexos de sua cultura disciplinar, em parte pelas condições de produção – que também não deixam de ser influenciadas pela cultura disciplinar. Já os de Literatura são mais distintos desse padrão e, em uma leitura preliminar, é facilmente identificável sua natureza ensaísta na planificação dos textos, em razão do que acreditamos ser influência da tradição do ensaio literário.

Todos eles, porém, em diálogo com essas outras variantes textuais, conseguem demonstrar um contorno específico e distintivo do gênero em nível macro e microtextual, especialmente no que tange ao desenvolvimento. Por isso, falamos em um gênero caleidoscópico, em que as múltiplas formas de planificação retomam outros padrões textuais conhecidos pelos autores, seja das outras variações de ensaios, seja das outras variações de texto acadêmico, algo semelhante a dimensão caleidoscópica do artigo científico apresentada por Pereira, Basílio e Leitão (2017).

## **6.2. Tipos de discurso**

De acordo com Bronckart (2006b), os tipos de discurso são a categoria mais importante da arquitetura interna. Por um lado, eles se sustentam em operações cognitivas que tornam explícitas as relações entre as informações do texto e contexto do mundo em que ocorre a ação de linguagem. De outro lado, cada tipo de discurso ativa um conjunto específico de elementos linguísticos que se organizam e funcionam conforme as regras de uma determinada língua natural (Bulea Bronckart, 2016).

Nos ensaios analisados, notamos que, em todos os textos, a ordem do EXPOR é a mais predominante. A ordem do NARRAR aparece mais timidamente, geralmente a serviço de elucidar a história de um conceito ou linha de pesquisa ou, nos ensaios da literatura, retomar elementos dos enredos dos *corpora* de análise. Como é o caso do ensaio LIT02, em que a carreira de Conceição Evaristo é narrada na introdução do artigo. Inclusive, a predominância do uso desses tipos de discurso – narração e relato interativo – é quase sempre na seção de introdução/inícios de seções e de conclusão, respectivamente, sendo esse último muito pontual. Como podemos observar nesses fragmentos:

“Percebemos, neste exercício de metanálise, que o mesmo campo conceitual sobre processos de referenciação, desenhando com base no funcionamento da linguagem verbal, é mantido na abordagem dos elementos imagéticos” (Pinheiro e Cassiano, 2023, p. 13) – na seção Considerações finais, retomando os objetivos do ensaio.

**LET02 - Impactos da digitalização sobre a função autor e sobre os modos de acesso ao texto literário**

“No século XIX, a mente ativista e criativa de William Morris movimentou, na Inglaterra, a nascente área do design moderno, com suas propostas para fazer frente às ameaças à qualidade dos objetos estéticos que detectava no regime de produção industrial, já que [...]” (Catrópa, 2023, p. 3) – na primeira seção do texto, em que se retoma a função do autor desde a criação da prensa.

Como é possível observar, no ensaio LING01, o relato interativo serve para que os autores demonstrem o que foi feito ao longo do trabalho, de modo a demonstrar que seus objetivos foram atingidos, mas ainda não é parte majoritária dos ensaios que fazem esse uso. Já no LET02, a narração salienta-se de modo mais particular, assim como nos demais ensaios de Literatura, que retomam não somente enredos literários, mas também sumários de biografias de autores, como visto em LIT01, LIT02, LIT03 e LIT04, mas aparece muito timidamente nos de linguística, quase sempre a serviço de uma retomada pontual a um recorte histórico da teoria.

O eixo do EXPOR, por sua vez, demonstra predominância em todos os ensaios, como o esperado de um texto acadêmico científico. O traço mais destinto, talvez, seja indicar que há pouca disparidade entre a presença do discurso teórico e o discurso interativo. Em nossa análise, esses tipos aparecem quase sempre em comunhão, em um equilíbrio muito preciso na maioria dos artigos. Apesar disso, identificamos que o discurso teórico ainda é o mais predominante em quase todos os artigos, exceto o LIT03, em que a autora se marca explicitamente, ocorrência dos verbos na 1ª pessoa do singular, em quase todos os momentos do texto, como destacamos no excerto a seguir:

**LIT03 - Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços**

“**Tomo** como exemplo Luciany Aparecida e seu Auto-retrato, de Ruth Ducaso e Antonio Peixôtro, um tratado sobre o corpo e a destruição do gênero na base da escolha estética de autoria do livro. Com seu corpo todo desmembrado e fotografado por tios e tias, seu corpo que no fim é um autorretrato cindido, que quer quebrar todas as intrigas geográficas e ser amada por uma mulher renascida de desaguada em pintura clássica. **Aproximo-me** de Ruth Ducaso, assinatura estética de Luciany Aparecida, em seus Contos ordinários de melancolia, **leio** suas palavras de amor e liberdade, **leio** suas palavras que parecem ter sido articuladas por uma língua desconhecida e **Tomo** por exemplo Simone Teodoro [...] **Tomo** por exemplo Cidinha da Silva, que, com sua escrita diligente, presente, fértil [...] **Tomo** por exemplo Tatiana Nascimento, que imagina futuros, imagina cuirlombos, imagina amores de terra e águas e cantigas tão no presente.” (Polesso, 2020, p. 7) – na listagem de escritoras que estão circunscritas no mapa construído pela autora.

Não apenas esse reforço do “tomo como exemplo” ou do “aproximo-me”, ambos com verbos no presente do indicado conjugados na primeira pessoa do singular, mas

também a apresentação de nomes próprios e adjetivos demonstram a predominância do discurso interativo. Nesse caso, reforça ao leitor a responsabilidade por essas escolhas, como se indicasse que se trata de uma seleção pessoal, mas que existem outras possibilidades diante de uma ciência instável e incerta. E, assim, maior parte dos usos dos discursos interativos caminham nesse sentido: indicam uma auto responsabilização por parte dos autores perante o conteúdo temático. Outro uso comum característico desse tipo de discurso, presente em quase todos os ensaios, é o de frases interrogativas.

Acerca desses usos, selecionamos alguns fragmentos a seguir:

<b>LING02</b> – Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure
“[...] Muitos manuscritos podem dar indícios desse trabalho de Saussure. Escolhemos fragmentos de dois manuscritos já pesquisados por nós de maneira mais aprofundada.” (Silveira, 2019, p. 839)
<b>LET01</b> – “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social
“Pretendemos desenvolver uma reflexão justamente sobre essa questão no escopo do presente ensaio. Ao que nos parece, ela não se reduz à mera assunção de uma materialidade (ou regularidade) linguística na constituição da cognição social [...]” (Morato, 2023, p. 2)
<b>LIT01</b> – É o fim do mundo e eu me sinto bem
“Pergunto-me o que pode ser chamado de fronteira. Terra longínqua? Não parece ser fronteira do Brasil. Fronteira entre o que? Entre realidade e sonho? Entre a loucura e a razão? Entre a mina do ouro e o sertão? Essa nebulosidade se estende ao recurso de que o suposto romance ou suposta novela que seria um diário, mas não há datas nos fragmentos curtos, e quem seria o autor?” (Lopes, 2023, p. 137)
<b>LIT02</b> – Escrivência, testemunho e Direitos Humanos em Olhos d'Água de Conceição Evaristo
“Mas o que pode afinal a literatura? Tal pergunta ramifica-se no questionamento sobre o papel e limites do fazer literário e do fazer crítico, e sobre o ponto onde a literatura e a ação social e política podem ou não convergir.” (Pinto-Bailey, 2021, p. 19)

Os dois primeiros fragmentos visam ilustrar esse aspecto predominante do uso do discurso interativo, voltado para indicações ao leitor a respeito da organização do texto e das escolhas de ordem teórico-metodológica da pesquisa, ou, ainda, no estabelecimento de objetivos. Muitas vezes, essas vozes também direcionam o leitor, no uso do imperativo em terceira pessoa, como “vejamos”. Os dois últimos visam ilustrar uma constante nos ensaios de literatura: a formulação de perguntas retóricas ao leitor. Em textos considerados mais próximos do ensaio literário (LIT01, LIT03), inclusive, essa presença é ainda mais acentuada. E aqui definimo-las como retóricas pois, muitas fogem do escopo de respostas de um artigo, como tentamos elucidar nos exemplos, mas cumprem a função de instigar, provocar e – com o perdão da redundância – interagir com o leitor.

Se o LIT03 é marcado com maior predominância do uso de discurso indireto, o LING04 opõe-se a essa expectativa. Neste ensaio, são pouquíssimas as marcas de implicação do autor no conteúdo temático. O uso de frases apassivadas, verbos com ndice

de identificação do sujeito e o recurso da impessoalização por metonímia<sup>22</sup> é mobilizado constantemente para tornar a impessoalidade acentuada e ausentar-se de qualquer subjetividade demarcada. Tal característica não é comumente esperada de um ensaio, mas demonstra que a grande maleabilidade do gênero recai não somente na legitimidade de uma escrita mais subjetiva, mas principalmente na possibilidade de escolha. Observemos, então, o baixo grau de implicação nos últimos parágrafos da seção de introdução desse ensaio:

<b>LING04</b> – Desambiguação do vocábulo jogo a partir de uma análise semântica histórica e o atual contexto de ubiquidade do entretenimento
“Em segundo lugar, a fim de compreender mais especificamente o processo que torna ambígua a palavra jogo, abordam-se a filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein [...] focando a análise dos conceitos de jogos de linguagem e de lógicas sociais de denominação, aplicando-os ao exame lexical do termo jogo. Na terceira parte do ensaio, são analisadas configurações históricas de designação da palavra ludus, entendida como fonte etimológica do vocábulo jogo, buscando-se compreender como uma possível recuperação de sentidos associados à palavra jogo pode estar ligada a significações históricas vinculadas ao vocábulo latino ludus. Assim sendo, são levadas em conta, mormente, as posições de Johan Huizinga e Gilles Brougère, os quais em seus estudos fazem importantes apontamentos acerca de sentidos da expressão ludus.” (Avanço, 2023, p. 3)

Apesar do uso quase exclusivo do discurso teórico nesse ensaio e do discurso interativo no ensaio LIT03, os demais são organizados com um maior equilíbrio entre esses dois tipos.

Em linhas gerais, o tipo de discurso predominante é o discurso teórico, como o observado em parte significativa dos gêneros acadêmicos, como aponta Bronckart (2023). Isso porque, no discurso teórico, há o predomínio da lógica e da abstração, além da organização formal e do descentramento do sujeito, aspectos valorizados no campo científico (Bourdieu, 2007). Em sequência, o discurso interativo também aparece de forma expressiva nos textos, especialmente na organização do texto e da pesquisa, no uso do imperativo, guiando o leitor, e na formulação de perguntas retóricas. Já os tipos da ordem do NARRAR são pouco expressivos na materialidade textual, com raras passagens de retomada de enredos e apresentação de autores, na literatura, ou de um recorte temporal de uma construção teórica.

---

<sup>22</sup> Nos referimos ao uso de expressões como “este artigo analisa [...]” ou “o presente ensaio discute [...]” são formas de evitar a ênfase direta no autor empírico (“eu analiso”, “nós discutimos”) e alinhar-se às convenções de impessoalidade e objetividade características de determinados gêneros acadêmicos.

A presença de extremos, porém, no âmbito dessa categoria (LIT03 e LING04) evidenciam a natureza múltipla e heterogênea desse gênero, constitutiva de um limiar entre muitas pontas. O ensaio e outros gêneros literários, no caso do LIT03, e o artigo e os gêneros científicos, no caso do LING04. Desse diálogo entre pontos aparentemente distantes, materializam-se traços para os que conseguem articulá-los. É assim que se encontram os caleidoscópios.

### 6.3. Sequências textuais

Nos ensaios analisados, como esperado, a sequência dominante é a argumentativa, se relacionando com o que Galvão (2018) define como um gênero de escrita argumentada. Muitos autores, como Hidalgo-Capitán (2012) e Ramírez (2005), entendem que a argumentação é a principal característica de um ensaio, seja ele acadêmico ou não. Entretanto, chama a atenção que essa argumentação se constrói, muitas vezes, em um nível macrotextual e, em nível microtextual, vemos outras sequências serem tão presentes quanto a argumentativa, como é o caso da descritiva e da explicativa.

Em nossa análise, porém, elas estão a serviço de um propósito argumentativo. Essas descrições e explicações, por exemplo, são construídas para a defesa de um posicionamento, de um ponto de vista. Uma das marcas linguísticas que nos direcionam a esse entendimento é a presença constante dos chamados operadores argumentativos, conforme explanaremos ao abordar os mecanismos de textualização. Nesse sentido, podemos dizer que a natureza argumentativa permanece sendo uma constante nos ensaios analisados e um traço característico do gênero.

Para ilustrar essa dimensão, recuperamos o ensaio LIT04, em que há a predominância de sequências descritivas em diversas passagens no texto. Entretanto, ao final, no que consideramos a conclusão do texto, o autor, que raras vezes demonstrou marca de implicação no texto, aponta:

<b>LIT04 – Vozes Ameríndias das Américas: Literatura, Descolonização e Autodeterminação</b>
---

“Nesse processo, <b>argumento</b> , as literaturas ameríndias das Américas problematizam os diversos assuntos que tocam a vida contemporânea dos autóctones mediante a recriação do imaginário ameríndio e contribuem para a retificação da representação dos ameríndios como seres desumanos, selvagens, primitivos e exóticos na história oficial” (Walter, 2021, p. 340, grifo nosso)
--

Podemos perceber, afinal, o motivo da predominância de sequências descritivas: elas funcionam para que o leitor, a partir da apresentação das obras de literárias de autores

ameríndios, construa uma nova descrição daqueles sujeitos, diferente daquelas potencialmente já idealizadas. Trata-se, enfim, do uso de uma sequência como fase de outra. Nesse caso, a sequência descritiva funciona como estabelecimento de suporte argumentativo. Esse “imbricamento” é previsto no quadro de ISD em função da necessidade de descrição para contestação, como aponta Bronckart (2023):

Essas sequências [explicativa e argumentativa] consistem em isolar um elemento do tema tratado (um objeto de discurso) e em apresentá-lo de uma maneira que seja adaptada às características presumidas do destinatário (conhecimentos, atitudes, sentimentos etc.). Voltando aos processos de lógica natural subjacentes a essas duas sequências, pode-se considerar que quando o agente produtor avalia que um objeto de discurso, embora inquestionável a seu ver, é suscetível de ser problemático (difícil de compreender) para o destinatário, ele tende a desenvolver a apresentação das propriedades desse objeto em uma sequência explicativa. E quando o agente produtor avalia que um aspecto do tema que está apresentando é contestável (a seus olhos e/ou aos olhos do destinatário), ele tende a organizar esse objeto de discurso em uma sequência argumentativa. Pode-se admitir, ainda, que o agente produtor pode, às vezes, avaliar que o objeto de discurso é suscetível de ser tanto problemático [difícil de ser explicado] quanto contestável pelo destinatário e, nesse caso produz um segmento que combina sequências explicativas e argumentativas (ver Ebel, 1981). (Bronckart, 2023, p. 213)

Julgamos pertinente, apesar da maior extensão, trazer a voz do teórico para essa temática por considerarmos que esse é um aspecto pouco observado na análise dessa categoria. Nesse trecho, Bronckart (2023) elucida o caráter dialógico das sequências argumentativas e descritivas, visto que o autor empírico se fundamenta em decisões interativas ao adotar um protótipo, adquirido a partir da experiência do intertexto, como recurso de planificação.

Dentro desse espectro, podemos observar maiores predominâncias mediante os reflexos da cultura disciplinar. Na Literatura, o uso da sequência descritiva assume outros contornos como é o caso no LIT01 e no LIT03, já demonstrados aqui:

<b>LIT01 – É o fim do mundo e eu me sinto bem</b>
“Balbucios, sussurros, falas particulares em tom menor atentas aos silêncios e vazios, não tanto dos que têm ou querem poder, lugar e fala, mas do que perderam o poder, o lugar e a fala, antes que desapareçam, diante da normalização da destruição, da sua desapareição. Caminho em direção a vocês. Não procuro um espelho. Seria visto se nos encontrássemos? Talvez, no máximo, num relance de olhos, mais um fantasma nas suas paisagens. Mas continuo a caminhar pelo deserto do real contemporâneo em direção ao mundo em desamparo em que viveram.” (Lopes, 2023, p. 130)
<b>LIT03 – Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços</b>
“Piso essa geografia como quem deseja dominar o espaço. Um pé firme sobre o chão e depois o outro, movimento diligente. E tropeço. Penso que agora deveria estar em pé, no alto de uma montanha, como na pintura do caminhante à espera da dissipação do mar de névoa, mas à distância não posso observar as minúcias da paisagem nem sua humanidade” (Polessio, 2020, p. 1)

Nesse uso das sequências descritas, ambos os autores refletem sobre o processo de criação da pesquisa e do texto. Nesse sentido, essas sequências assumem, de modo geral, a função metalinguística para os autores, que demonstram, com isso, preocupação com que o leitor reconheça suas percepções sobre o ato de escrita. O que parece, à primeira vista, uma motivação individual, é, na verdade, motivado pelo emissor presumido, como esclarece Bronckart (2023): “Ora, a forma coque essa reorganização assume é claramente motivada pelas representações dos destinatários de seu texto, bem como pelo efeito que ele deseja produzir sobre eles.” (p. 212).

Por fim, a sequência narrativa aparece timidamente, sendo mais frequente nos ensaios de Literatura, em virtude da natureza dos objetos de ensino – romances, contos, poemas – e evidenciam o diálogo com o objeto de pesquisa. Acerca do uso do injuntivo, é identificado em baixíssima incidência em ambas as subáreas, geralmente a serviço de uma condução ao leitor nos momentos do texto, como no LING03, em “Observemos a Fig. 1, cuja expressão quebrar o gelo está inserida em textos [...]” (Silva Netto, 2022, p. 2). Nesse sentido, não acreditamos ser essa uma marca relevante para a caracterização do gênero em particular, mas sim uma característica de textos acadêmicos, especialmente aqueles que fazem uso de recursos gráficos como tabelas, quadros, figuras e ilustrações.

#### **6.4. Mecanismos de textualização**

Conscientes de que essa escolha fragiliza, em certa medida, o paralelismo temático previamente adotado para a análise das dimensões da arquitetura interna, optamos por tratar conjuntamente as três categorias dos mecanismos de textualização, assim como o faremos com os mecanismos enunciativos. Tal decisão decorre não apenas de uma preocupação com a brevidade e fluidez da exposição, mas também da constatação de que esses elementos não evidenciaram de maneira suficiente relevantes que justificasse uma análise minuciosa de cada uma dessas categorias. Assim, iremos situar panoramicamente os aspectos mais relevantes para a caracterização do gênero.

Como sabemos, os mecanismos de textualização são divididos em três categorias – a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal. Acerca da primeira e seus mecanismos de atuação no texto, identificamos a presença dos organizadores lógicos, conforme apontado por Bronckart (2023) como padrão de predominância do discurso teórico.



Reconhecemos, porém, que em alguns textos, com o diálogo com outros tipos de discursos, são empregadas marcas de segmentação, geralmente evidenciadas pelo uso do verbo (no discurso interativo ou relato interativo) ou pelos marcadores temporais (na narração), ou dos dois, como no trecho a seguir:

**LIT02 – Escrivência, testemunho e Direitos Humanos em Olhos d'Água de Conceição Evaristo**

“A escritora mineira Conceição Evaristo é uma das vozes de maior destaque e renome crítico na literatura brasileira contemporânea. Poeta, romancista, contista e ensaísta, Evaristo **estreu** na literatura **em 1990**, já aos quarenta e quatro anos, quando publicou seu conhecido poema “Vozes-mulheres” nos Cadernos Negros. **Em 1994 participou** de Enfim nós/ Finally Us [...]. **Em 2003** publica seu primeiro romance [...] **seguindo-se** a ele outro romance, Becos da memória (2006) [...]. O pleno reconhecimento crítico de sua obra acontece **na segunda década deste século: em 2015** recebe o prestigioso prêmio Jabuti [...]; **em 2017** é tema do Projeto Ocupação promovido pelo Itaú Cultural; e **em 2019** é homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Jabuti. Escritora atuante, ativista do movimento negro, Evaristo **tem sido** presença constante em encontros literários e acadêmicos **desde o início** de sua carreira literária, [...]. O elo a unir os dois lados da produção literária de Evaristo – a escrita criativa e a crítica – é sua preocupação com a identidade, a cultura e a ancestralidade dos afro-brasileiros e as experiências de vida deles, em particular as vivências da mulher negra.” (Pinto-Bailey, 2021, p. 9, grifos nossos)

Nesse exemplo, observamos a transição entre discurso teórico – narração – discurso teórico marcada, inicialmente pela alternância entre o tempo verbal do presente para o passado e, por fim, para o presente novamente. Todavia, após “Em 2003” faz-se uso do presente histórico<sup>23</sup>, recaindo sobre os organizadores temporais, como “na segunda metade do século” e “em 2019” para demarcar a presença de outro tipo discursivo. Já com a presença do verbo no presente composto do indicativo, “tem sido” marca o início da gradação para o discurso teórico novamente, culminado no uso do verbo ser no presente do indicativo e na natureza do conteúdo.

Já as estratégias de *balizamento* se mostram múltiplas e recorrentes. Topicalizamos e exemplificamos algumas delas para melhor compreensão:

- a) Marcadores de sequência e conectores de enumeração, servindo para guiar o leitor na descrição do *corpus* ou ao propor um outro eixo de análise:

**LING02 - Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure**

“O tema é, portanto, explicitamente o acento na língua lituana, mas percebe-se, como enfatizam Silveira & Brazão, que “Saussure hesita em relação ao lugar que o estudo do acento ocupa, ele não finaliza a sua frase, mas retoma o tema em seguida ‘o acento não é’, rasura, e **em seguida** é enfático ao dizer que ‘O objeto central das questões de acento não é o acento’.” (op. 314).” (Silveira, 2019, p. 853-854, grifo nosso)

<sup>23</sup> Presente histórico refere-se ao uso de verbos conjugados no presente do indicativo para narrar fatos passados, como se estivessem acontecendo no momento da fala. Esse recurso é usado para conferir mais dinamismo e expressividade ao texto.

- b) Marcadores de explicação, como, “isto é”, “a saber” e “ou seja”, que demonstram uma preocupação com o entendimento do leitor. Por exemplo:

**LIT02** - Escrivência, testemunho e Direitos Humanos em Olhos d'Água de Conceição Evaristo

“Os contos de Olhos d'água podem ser entendidos como literatura testemunhal ao unirem a memória ancestral afro-brasileira a micro-histórias, **isto é**, histórias pessoais cuja perspectiva particular incide sobre a história nacional.” (Pinto-Bailey, 2021, p. 10, grifo nosso)

- c) Marcadores de gerenciamento de vozes: tanto para construção do referencial teórico, como para descrição de elementos do *corpus* e para análise de dados. Também importante para explicitação da tese e do posicionamento dos autores quando presente na seção argumentativa.

**LET01** - “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social

“Pretendemos desenvolver uma reflexão justamente sobre essa questão no escopo do presente ensaio. **Ao que nos parece**, ela não se reduz à mera assunção de uma materialidade (ou regularidade) linguística na constituição da cognição social, mas diz respeito a concepções distintas sobre essa capacidade tipicamente humana de compreender e atuar no mundo de forma conjunta, coordenada e de algum modo reflexiva em torno de objetos e regimes simbólicos de vida em sociedade. **Por esse motivo, defendemos que** a referência metafórica à âncora na conceptualização de texto abarca suas múltiplas características semióticas e (socio)cognitivas. **Como afirma** Koch, a propósito: “os textos não são apenas meios de representação e armazenamento (arquivos) de conhecimento; não são apenas “realizações” linguísticas de conceitos, estruturas e processos cognitivos.” (KOCH, 2002, p. 155, grifos do autor).” (Morato, 2023, p. 2, grifos nossos)

- d) Marcadores de fases da sequência argumentativa – predominante no texto, marcadas no excerto em **vermelho**:

**LING01** – O desafio da plurissemiotividade para a Linguística Textual

“O foco da análise de Santana (2019) não é o encapsulamento em si, mas sua função argumentativa. Neste sentido, não há verticalização da análise para o funcionamento do processo em si. A autora assume a perspectiva de encapsulamento proposta por Comte (2003) e Francis (2003). [...] **No entanto**, se consideramos um detalhe da posição teórica de Santana (2019, p. 39-40), uma questão se apresenta **[premissa]**. A autora parece sugerir que uma expressão encapsuladora é necessariamente verbal: “a expressão encapsuladora resumir uma imagem ao invés de uma porção textual verbal”, “a expressão encapsuladora, ao mesmo tempo, recuperar uma porção verbal em integração com uma imagética”. **Neste caso**, há pressuposto um movimento unilateral do imagético para o verbal: apenas o verbal pode encapsular o imagético e não o contrário. Não vemos dados no texto (novamente considerando sua multidimensionalidade) com base no qual se possa confirmar este pressuposto **[suporte argumentativo]**. **Assim, embora** a análise do encapsulamento pareça que, a princípio, se adequa à expressão não verbal **[contra-argumentação]**, **ainda há** ajustes teóricos a serem feitos. **[conclusão]**” (Pinheiro; Cassiano, 2023, p. 12, grifos nossos)

Esse último aspecto, listado no item *d*, demonstra um dos elementos mais importante para a construção da argumentatividade do texto, uma vez que assegura a planificação dessa sequência. No exemplo do ensaio LING01, pode-se observar esse mecanismo atuar em nível microtextual – um parágrafo – que trata da análise de um trabalho acadêmico, em um exercício de meta-análise. Todavia, em nível macro textual

essa análise compõe um conjunto de três que funcionam como suporte argumentativo para uma tese – de que os pesquisadores ainda enfrentam dificuldades no trabalho com o estudo da referência no texto plurissemiótico. Desse modo, a conexão estabelece essas fases nos múltiplos níveis do texto. No nível dos períodos, o *empacotamento* também está a serviço da construção dessa argumentatividade.

Em relação à organização oracional, a subordinação (encaixamento), é significativamente mais expressiva nos textos do que a coordenação (ligação). Na Literatura, porém, em alguns ensaios com um tom estilístico mais literário, presentifica-se a predominância da ligação, mas de forma isolada a uma fase do texto, geralmente a introdutória e com função estética ou enfática, como vê-se a seguir:

<b>LIT04</b> – Vozes Ameríndias das Américas: Literatura, Descolonização e Autodeterminação
“Genocídios, escravidões, sistema de plantação, subalternizações, resistências, guerras: eis a conturbada história das américas resumida em seis termos” (Walter, 2021, p. 329)
<b>LIT03</b> – Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços
“Lésbicas são compostas de rebeldia. É com essa rebeldia que escrevo. É ela que se entranha no meu gesto. É a rebeldia que esfrega minha caneta numa folha branca, é a rebeldia que faz meus dedos oscilarem no teclado, é a rebeldia que faz minha língua procurar a palavra úmida, a palavra túmida, a palavra viva, a palavra rósea, a palavra minha, a palavra rompida e amorosa.” (Polesso, 2020, p. 11)
<b>LIT01</b> – É o fim do mundo e eu me sinto bem
“Isto será sobre catástrofe, ruína, naufrágio. Isto será sobre o fim, um longo fim, fim de linha, fim de caminho, de esperanças, de utopias. Isto será sobre sobreviventes de uma outra época. Sobreviventes de si mesmo.” (Lopes, 2023, p. 130)

Apresentamos esse exemplo para salientar uma dimensão do gênero e da cultura disciplinar, mas isso não queremos deixar a entender que se trata de um padrão dos ensaios em Literatura. Como falamos anteriormente, essas passagens são pontuais na maioria deles, mas demonstram a maior liberdade estilística que o ensaio permite em comparação a outros gêneros acadêmicos em que essa função estética nem sempre é bem avaliada, a exemplo do que ocorre com o artigo científico.

De modo geral, o que vemos é a construção por *encaixamento* como predominante em ambas as áreas. Destacam-se as orações subordinadas explicativas, para esclarecer e definir conceitos; orações subordinadas adverbiais causais, consecutivas, condicionais e finais, para estabelecer relações lógicas; e orações subordinadas adverbiais temporais para indicar a organização dos eventos. Como ilustrado nos excertos do ensaio LING03:

<b>LING03</b> – Compreensão idiomática mediada com recursos imagéticos o papel das representações conceituais
Or. Sub. Adv. Final:

“A fim de que discorramos acerca da maneira como os processos classificatórios contribuem para a compreensão idiomática, analisemos a Fig. 6, retirada do quadrinho da Turma da Mônica, intitulado Coleções [...]” (Silva Netto, 2022, p. 11)

Or. Sub. Adv. Condicional:

“Caso consiga mobilizar todos esses fatores, o leitor, possivelmente, lançará hipóteses acerca do campo semântico a que a EI em discussão pertence e, quem sabe, perceba a relação paradoxal entre a identidade do portador – avarento – e o valor argumentativo empreendido no anúncio, a saber, compre a revista” (Silva Netto, 2022, p. 16)

Or. Sub. Adv. Consecutiva:

“A EI bater as botas sempre fora preconizada como uma estrutura não composicional, isto é, que seus elementos não denotam qualquer nível de saliência e, conseqüentemente, nenhum sentido é extraído com base na análise de suas partes em isolado.” (Silva Netto, 2022, p. 6)

Nesse sentido, observamos que os recursos são variados, mas predominantemente mobilizados pelo tipo de discurso – discurso teórico – e a sequência argumentativa. Já a *coesão nominal* também é marcada por recursos diversificados, porém, de maneira mais uniforme entre os ensaios. Vemos procedimentos como a reiteração de termos centrais por meio de repetições controladas, de uso de termos genéricos, de paráfrases nominais e de expressões qualificadoras, o que projeta a manutenção do foco temático. Também são observados o uso de determinantes e modificadores, que especificam e delimitam conceitos; o uso de nominalizações, isso é, conceitos apresentados e depois retomados no texto, de modo a densificar a informação<sup>24</sup>; e o uso de expressões referenciais.

Ademais, a coesão verbal, importante para a manutenção da coerência temática do texto (Bronckart, 2023), nos ensaios analisados é marcada, sob o viés da aspectualidade, pela predominância de verbos de estado, em virtude das intenções dos autores em definir, apresentar e conceitualizar. Esse é um bom indicativo dos objetivos da interação dos autores e demonstra essa função metateórica que o ensaio assume. Em segunda instância, vemos a presença de verbos de atividade, sua finalidade, porém, difere-se em relação às subáreas. Na Linguística, vemos esses verbos situados no meta-discurso, no gerenciamento da atividade do autor, como pode ser visto no LET01, a seguir. Já na Literatura, além dessa função, esses verbos retomam também elementos do enredo do corpus, como pode ser visto no LIT04.

**LET01** - Desambiguação do vocábulo jogo a partir de uma análise semântica histórica e o atual contexto de ubiquidade do entretenimento

“Comentando a posição de Henriot, Brougère (1998, p. 18) **declara** que, “através da ideia de jogo, o locutor **parece** manifestar a presença de uma forma essencial que estrutura este ou aquele tipo de conduta ou de situação”. Nesse contexto, o jogo é considerado primeiramente uma atividade que simula e imita

<sup>24</sup> Por exemplo, no texto LIT02 – Escrivência, testemunho e Direitos Humanos em Olhos d'Água de Conceição Evaristo – o conceito de “escrivência” é descrito no início do ensaio e retomado ao longo de todo o texto sem a necessidade de conceituá-lo novamente.

uma parte do mundo fenomênico; posteriormente, entretanto, a lógica de designação **parece** amparar-se em um pensamento segundo o qual o próprio mundo **deveria ser** compreendido a partir da ideia de jogo, de modo que o jogo **passa a ser** considerado um modelo (HENRIOT apud BROUGÈRE, 1998, p. 18). Para Brougère (1998, p. 18), esse processo ocorre a partir de uma crescente indistinção “entre real e simulação, devido ao desenvolvimento das tecnologias informatizadas” (Avanço, 2023, p. 15-16, grifo nosso)

**LIT04 – Vozes Ameríndias das Américas: Literatura, Descolonização e Autodeterminação**

“Omishto, depois de **tentar** ligar os dois mundos ao se distinguir na escola e **passar** tempo com Ama e sozinha na natureza, opta por uma vida tradicional no seio da nação taiga.” (Walter, 2021, p. 335, grifo nosso)

As demais formas verbais dão indicativos de conclusão e de realização, mas seus usos são mais pontuais e pouco significativos para a expressividade do texto. Todavia, eles podem ser observados também nos exemplos anteriores, como os verbos optar e ocorrer (conclusão) e manifestar e distinguir (realização).

Dessa maneira, acreditamos ter apresentado aspectos relevantes dos mecanismos de textualização. Embora muitos elementos citados sejam comuns à escrita acadêmica geral e outros digam respeito à aspecto particular de algum ensaio, acreditamos ter apresentado uma seleção pertinente para alcançar o âmago do nosso objetivo que é caracterizar o gênero ensaio acadêmico-científico.

## 6.5. Mecanismos enunciativos

Os mecanismos enunciativos manifestam o caráter agentivo do autor empírico do texto. Por um lado, desvelam as diversas avaliações do conteúdo temático por meio das modalizações e, por outro, indicam a responsabilidade por tais avaliações, mediante o gerenciamento de vozes. Sobre esse último aspecto, no quadro do ISD, Bronckart (2023) indica ser possível identificar, nos textos, três tipos de vozes: a de personagens, as sociais e a do autor.

Naturalmente, nos ensaios analisados, identificamos a presença desses três usos, que, todavia, não diferem muito do esperado nos demais gêneros acadêmicos. Nesse sentido, as vozes de personagens são quase sempre materializadas no gerenciamento do discurso alheio de outros estudiosos. No caso da Literatura, também é comum a referência aos escritores e aos personagens do enredo das obras analisadas. Interessante, pontuar, porém, dificilmente as vozes de outros pesquisadores vêm segmentada da do autor empírico, haja vista que, diferente de uma monografia e ou de um artigo, por exemplo, os ensaios não possuem uma seção exclusiva para o referencial teórico, predominantemente.

As vozes desses personagens – pesquisadores – são quase sempre intercaladas pelas vozes do autor ou por vozes de outros personagens, a fim de confrontá-las, diante da fase da contra-argumentação da sequência argumentativa, como pode ser visto no exemplo a seguir:

**LET02 - Impactos da digitalização sobre a função autor e sobre os modos de acesso ao texto literário**

“Resumidamente, Foucault (2009) relaciona intrinsecamente a função autor na modernidade com esses três mecanismos que pressionam para que os discursos não sejam distribuídos anonimamente e passem a circular de maneira que não somente se possa responsabilizar alguém por suas possíveis consequências negativas, como também premiar seu sucesso. Chartier (2014a, p. 46) esboça algumas discordâncias quanto à cronologia de Foucault, mas o que nos interessa, para os propósitos deste artigo, é que esse historiador da cultura localiza no início do século XVIII (e não ao seu fim, como fez Foucault) a emergência do conceito de autor proprietário e de propriedade literária, atrelado à moderna noção de copyright, que se aplicaria à obra “presente em todos os lugares, mas que não existe em parte alguma”. Nesse sentido, a passagem do *right in copies* para o *copyright* assinalaria uma desmaterialização do objeto da propriedade literária, na medida em que a criatividade abstrata e a origem do manuscrito passaram a reger toda uma cadeia de decisões relativas à sua circulação e à sua comercialização, e, consequentemente, um conceito de obra ideal pairaria em suas encarnações sobre corpos impressos.” (Catrópa, 2023, p. 2-3).

Podemos ver nitidamente, no trecho acima, a conjunção dessas múltiplas vozes a partir da segmentação dos períodos. No primeiro, introduz-se a visão de Foucault que, em sequência, é contrastada por Chartier. Ao fim, a autora tece uma síntese, apresentando sua voz ainda que de forma velada, pelo uso do verbo no futuro do pretérito (assinalaria).

Interessante pensar, também sobre a voz do autor empírico, a oscilação das conjugações verbais em relação à pessoa dos discursos. Em todos os ensaios, inclusive naqueles em que o autor faz uso do “eu” as autocitações a trabalhos anteriores são feitas sempre com o uso da primeira pessoa do plural ou da terceira pessoa do singular, nesse último assumindo a voz de personagem. Vejamos, por exemplo, usos destintos dessas formas verbais no ensaio LIT01 e o LING 04.

**LIT01 – É o fim do mundo e eu me sinto bem**

“Só **consigo** ver ruínas e cadáveres sem sentido. Resta saber, e esta é **minha** esperança ao escrever esse ensaio, que ele possa dizer algo sobre o presente. Não é inútil dizer, a sensação é que **escrevo** para a **minha** morte.” (Lopes, 2023, p. 130, grifo nosso)

“Tanto um romance como o outro nada têm de nostalgia conservadora ou dimensão antimoderna, mas encarnam um outro olhar moderno que já **tentamos** identificar, marcado pela melancolia, pela anacronia (LOPES, 1999)” (Lopes, 2023, p. 132, grifo nosso)

“Diferente dos discursos contemporâneos que pretendem aproximar estética e política ao conferir visibilidade e empoderamento a sujeitos excluídos social e historicamente, **pretendi** sugerir fins de mundo que emergem de atmosferas melancólicas” (Lopes, 2023, p. 142, grifo nosso)

**LET01 – “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social**

“**Pretendemos** desenvolver uma reflexão justamente sobre essa questão no escopo do presente ensaio. Ao que **nos** parece, ela não se reduz à mera assunção de uma materialidade (ou regularidade) linguística na constituição da cognição social [...]” (Morato, 2023, p. 2, grifo nosso)

“Em relação a esse ponto, tomemos, à guisa de exemplificação, o panorama **esboçado anteriormente por Morato** (2017, p. 398-99) em um texto no qual **procura** entrever a inserção e o desenvolvimento do interesse pela noção de cognição no campo dos estudos textuais.” (Morato, 2023, p. 4, grifo nosso)

Julgamos pertinente apresentar essa análise para evidenciar que, mesmos nos textos mais subjetivos, como o ensaio LIT01, em que o autor marca a primeira pessoa do singular desde o título do ensaio, a influência do meio acadêmico e do *habitus* científico (Bourdieu, 1983) é notável. Isso porque, na Academia, a autocitação não é sempre bem apreciada, haja vista que pode indicar uma percepção de “autopromoção” ou uma construção enviesada. Todavia, como aponta Hyland (2003), “mesmo que a impessoalidade possa ser institucionalmente santificada e a autocitação desaprovada, essas convenções são constantemente transgredidas ao passo que os escritores são pressionados a promover seus argumentos e a si próprios” (p. 6, tradução nossa). Dessa forma, para atender a essa demanda científica, muitas vezes os pesquisadores recorrem a uso de outras formas verbais para citar o próprio texto, como uma estratégia de polidez e preservação da face<sup>25</sup>.

Ademais, as vozes sociais são, no grupo amplo, ocultamente expressas na superfície do texto. Para serem interpretada, portanto, elas demandam um leitor apto a compreender referências da própria área, de modo geral. Ainda no ensaio LET01, podemos ver tal uso:

<b>LIT01 – “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social</b>
“Além de questionarem o caráter idealizado e abstrato de abordagens nativistas, estudiosos afiliados a esse tipo de sociocognitivismo (isto é, que eleva a interação à condição explicativa da linguagem e da nossa vida mental, cf. Morato (2004)) assinalam, entre outras coisas, que as capacidades reflexivas dos indivíduos, assim como a competência relativamente à linguagem dizem respeito a uma dimensão normativa e coletivizada da cognição – <b>e não a faculdades mentais privadas e alocadas no cérebro, inconscientes e infensas a circunstâncias interacionais e socioculturais de uso da linguagem e da vida em sociedade.</b> A perspectiva sociocognitiva invocada pela Linguística Textual (seja no trabalho pioneiro de autores como Koch e Marcuschi, seja no de inúmeros autores afiliados a esse campo de estudos, dentro e fora do Brasil) parece ser modulada por distintos vetores epistemológicos, sejam eles conciliáveis ou não entre si.” (Morato, 2023, p. 3-4)

No trecho grifado acima, vemos uma referência implícita a teoria Gerativista inicialmente postulada por Chomsky (2005) que desenvolve a noção de Faculdade da Linguagem e atribui o fenômeno linguístico a um dispositivo inato, fruto de uma herança biológica. Essa voz social, da linguística gerativista, portanto, só é acionada pelo leitor que reconhece a temática e os estudos basilares da área.

---

<sup>25</sup> Goffman (1980) define *polidez* como estratégias usadas para preservar a *face* – a imagem pública positiva que uma pessoa deseja manter em interação social. A *face* é a valorização social que buscamos proteger para evitar constrangimentos e manter o respeito mútuo durante a comunicação. No âmbito científico, a manutenção dessa imagem é importante para garantir a inserção e permanência nos espaços de produção.

Por outro lado, é importante retomarmos um pouco o conteúdo temático dos ensaios de Literatura. Quase todos os ensaios da área tratam de temáticas relativas à grupos socialmente minorizados e, por isso, mobilizam, naturalmente, as vozes desses grupos sociais – pessoas negras, pessoas indígenas etc.

No texto LIT04, as vozes sociais implícitas manifestam-se como formas discursivas que expressam a crítica dos povos ameríndios diante das estruturas estatais e capitalistas que perpetuam a exclusão, a despossessão e a violência territorial. De acordo com Bronckart (2023), as vozes sociais são construções discursivas que emergem das interações sociais e carregam sentidos produzidos nas relações de poder. A voz que denuncia a limitação da autonomia judicial – “Muitas nações ameríndias são sujeitadas à jurisdição federal, ou seja, elas não têm autonomia judicial ou somente têm de maneira parcial e limitada” (Walter, 2021, p. 332) – evidencia a marginalização institucional que atravessa o discurso oficial. Da mesma forma, a crítica à exploração econômica – “as terras ameríndias continuam sendo alvo de interesses capitalistas, entre eles principalmente os do turismo, da mineração, da indústria agrícola e da indústria madeireira” (Walter, 2021, p. 332) – revela a voz que denuncia a violência ecológica e econômica imposta sobre as comunidades indígenas. Essas vozes sociais, ao problematizarem a continuidade da despossessão e a insuficiência das garantias legais, configuram uma entidade discursiva. Dessa forma, o texto evidencia que a voz social indígena é um agente discursivo que resiste à invisibilização e exige transformações concretas, sendo ela fundamental para a rearticulação identitária e política desses povos.

Em linhas gerais, acerca do emprego das vozes, acreditamos ter esclarecido elementos centrais da análise. Retomamos aqui a caracterização do caleidoscópico. Embora não seja essa o âmago da metáfora, não podemos deixar de tecer relações. Dessa maneira, o conjunto dessas vozes em constante articulação, caracterizam um desenho único.

Além de tais recursos, porém, os mecanismos enunciativos são construídos também pelo uso de modalizações, as quais, de acordo com Oliveira e Pereira (2023), “estão relacionadas às avaliações do conteúdo temático (julgamentos, opiniões, sentimentos) e são materializadas por advérbios, por certos tempos de verbo, ou por construções impessoais” (p. 3). Em nossa análise, observou-se nos ensaios do corpus a predominância de modalizações lógicas, ou seja, aquelas relativas à avaliação dos fatos



como prováveis, possíveis, certos ou incertos. A relevância dessa recorrência enfatiza a gênese do ensaio, ancorada na tentativa, da não pretensão ao controle da verdade. Retomamos, aqui, alguns exemplos dessa modalização no ensaio LING02:

<b>LING02</b> – Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure
--

“Para alguns, os escritores <b>certamente</b> , como Poe, as rasuras são dolorosas, para outros, como os editores, são excrementos do processo, mas de forma geral <b>não é incomum</b> que ela seja tomada como um gesto banal da escrita.” (Silveira, 2019, p. 837, grifo nosso) “A nossa hipótese é que a flutuação da quantidade assim como a natureza das rasuras, <b>tenha</b> relação com elementos como a diversidade de gênero, tema, ou endereçamento do texto o que <b>pode</b> nos dar alguns elementos para pensar a respeito do estatuto das rasuras nos textos de Saussure” (Silveira, 2019, p. 838, grifo nosso).
--

Nesses exemplos, o uso do adjetivo “certamente”, da conjugação verbal no presente do subjuntivo “tenha” e o uso do verbo poder dão indícios de dúvida e possibilidade. Dessa maneira, a autora preserva-se de uma possível contestação a sua análise, não buscando garantir uma única verdade acerca do conteúdo verbal enunciado.

Podemos afirmar, então, que esse é o uso mais recorrente das modalizações nos ensaios. Com ressalvas, alguns ensaios de Literatura, especialmente aqueles já comentados pela sua subjetividade, naturalmente, apresenta maior índices de modalizações apreciativas, usada pelos autores na construção de um posicionamento. Após elas, as modalizações pragmáticas aparecem com menor incidência, relacionando as facetas de responsabilidade aos personagens mobilizados no discurso. Por fim, de modo menos recorrente aparecem as modalizações deônticas, em que os fatos são julgados como socialmente permitidos, proibidos, necessários etc.

## 6.6. Panorama geral

Identificou-se que os ensaios de Literatura tendem a não seguir – explicitamente – a estrutura tradicional dos textos acadêmicos (introdução, referencial teórico, metodologia, resultados etc.). Quando há divisões em seções, elas são temáticas, servindo mais à progressão do conteúdo do que à formalização acadêmica. Isso reflete, possivelmente, a influência da tradição do ensaio literário. Já os ensaios de Linguística seguem mais perto do modelo tradicional do artigo científico e da tese, por exemplo, com seções bem definidas, refletindo não apenas a cultura disciplinar da área, como também algumas exigências dos periódicos. Entretanto, nas duas subáreas é possível perceber o movimento de apresentação da análise articulado ao desenvolvimento da teoria, atendendo ao caráter metateórico dos objetivos da interação.

Quanto aos tipos de discurso, o mais recorrente é o discurso teórico, em conformidade com a característica predominante dos textos acadêmicos, mas também é observada uma grande incidência do discurso interativo – quando o autor assume um posicionamento, explica escolhas ou dialoga com o leitor. A narração, por sua vez, aparece pontualmente, especialmente nos ensaios de Literatura para a apresentação de autores e obras.

Nas sequências textuais, predomina a argumentativa, como esperado no gênero ensaio. Contudo, as sequências descritivas e explicativas são usadas como apoio, ajudando a construir e sustentar os argumentos. No que se refere aos mecanismos de textualização, a conexão é marcada pelo uso de organizadores lógicos e temporais, bem como de marcadores de sequência, explicação e fases argumentativas, além de uma predominância da subordinação (encaixamento) sobre a coordenação. A coesão nominal ocorre por meio da retomada de conceitos, uso de expressões qualificadoras, nominalizações e paráfrases. Já a coesão verbal é caracterizada pela preferência por verbos de estado – associados à definição e conceituação – e, em segundo plano, por verbos de atividade, especialmente na organização do discurso e na retomada de enredos, no caso dos ensaios de Literatura.

Quanto aos mecanismos enunciativos, observou-se uma articulação constante entre as vozes do autor, de personagens e vozes sociais. As vozes de personagens aparecem sobretudo na citação de teóricos e, na Literatura, também de autores e personagens dos textos analisados. As vozes sociais, por sua vez, emergem de contextos específicos e são fundamentais para sustentar os posicionamentos discursivos dos autores.

Por fim, destaca-se o papel das modalizações, majoritariamente de natureza lógica, que revelam avaliações sobre a certeza, possibilidade ou hipótese dos fatos, preservando o caráter não dogmático do ensaio. As modalizações apreciativas aparecem com mais força nos ensaios de Literatura, sobretudo naqueles de tom mais subjetivo, enquanto as pragmáticas e deônticas são menos frequentes, mas ainda presentes para atribuir responsabilidades ou emitir juízos de necessidade, permissão ou proibição.

Notadamente, essa dimensão caleidoscópica se manifesta nos três estratos do folhado textual e demonstra a influência do contexto de produção na materialidade linguístico-discursiva do enunciado. De tal forma, acreditamos que a dimensão clandestina defendida no capítulo anterior é um fator preponderante para a caracterização

do ensaio acadêmico-científico como um gênero multiforme, com contornos maleáveis a depender do propósito comunicativo que abarca.

Além disso, essa dimensão caleidoscópica se relaciona com o diálogo com outros gêneros, numa já mencionada travestilidade. Em nossas buscas na elaboração dessa pesquisa, identificamos, por exemplo, um editorial publicado em revista científico que se autointitula ensaio,<sup>26</sup> bem como algumas teses e dissertações que possuem “um ensaio sobre” no título, fazendo uma referência ao padrão dos textos de Montaigne<sup>27</sup>.

Notadamente, não esgotamos os múltiplos contornos que esse caleidoscópio pode assumir, mas consideramos um recorte representativo para considerar os gêneros que se hibridizam (como o artigo, o editorial e o trabalho de tese, dissertação ou monografia); que são mobilizados no processo de elaboração (projeto de pesquisa, notas bibliográficas, resumo); ou que é acionado a partir da representação subjetiva do intertexto (o ensaio).

### **6.7. Um gênero cognoscível: o Modelo Didático**

Como todo modelo, o MDG apresentado a seguir trata-se de uma generalização. Algumas particularidades que tentamos esmiuçar na análise do corpus não foram aqui contempladas por entendermos fugir do propósito didático que esse dispositivo oferece. Todavia, recomendamos que professores e alunos também realizem análises de exemplares textuais para notar os alcances das dimensões genéricas e subjetivas que o movimento de adoção e adaptação do intertexto (Bronckart, 2003; 2021) confere aos enunciados.

Buscamos, assim, relacionar os níveis de análise do folhado textual proposto por Bronckart (2023) às três categorias das Capacidades de Linguagem propostas por Dolz, Pasquier e Bronckart (2017). De tal relação, estabelecemos dimensões ensináveis do gênero ensaio acadêmico-científico. Reconhecemos que, apesar de nossa análise enfatizar a área de Letras (com suas subáreas Linguística e Literatura) esse MD pode ser utilizado por diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, desde que adaptado para a cultura

---

<sup>26</sup> RAUEN, F. J.; SANTOS, S. L. Estudos pragmáticos contemporâneos: desenvolvimentos no sul do Brasil. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 22, n. 3, p. 347-364, set./dez. 2022.

<sup>27</sup> Por exemplo: VIANNA FILHO, I. X. **Ensaio sobre Direito Penal Tributário**. Tese de Doutorado (Direito). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

disciplinar de cada uma (Hyland, 2000). Por tal razão, a existência do MD não dispensa a leitura da análise dos dados.

Portanto, elaboramos esse Modelo Didático para um contexto de ensino alinhado ao identificado nas condições de produção do gênero. De tal maneira, esse modelo pode ser adaptado e sistematizado em Sequências Didáticas por professores universitários da graduação e da pós-graduação em que estão inseridos. Acreditamos que uma intervenção didática situando tais dimensões ensináveis pode ser eficiente para desenvolver a proficiência no gênero e, em nível amplo, favorecer práticas situadas de letramento acadêmico (Lousada e Dezutter, 2023; Pereira, 2016).

**Quadro 15** - MDG do ensaio acadêmico-científico

Nível de análise textual	Capacidades de Linguagem	Dimensão ensinável
Contexto de produção (emissor, destinatário, objetivo da interação, local social, etc)	Capacidades de ação	Consultar as normas de publicação da revista e/ou verificar se já houve publicações de ensaios, reconhecendo uma possível não legitimação no processo de submissão
		Analisar se o conteúdo temático se relaciona com uma questão teórica/metodológica que merece ser discutida no âmbito da teoria
		Direcionar o texto para pesquisadores da área, ajustando o grau de informatividade necessário para não repetir informações já conhecidas e explicar possíveis conceitos mais específicos
		Assumir a postura de pesquisador crítico, que consegue avaliar uma teoria/área/método ainda que interno a ela
Infraestrutura geral (plano global, tipos de discurso, sequências textuais)	Capacidades discursivas	Planejar o texto em introdução, desenvolvimento e conclusão
		Organizar ou não o texto em seções, de acordo com as convenções do texto acadêmico e/ou com as temáticas a serem agrupadas no texto
		Mobilizar, de forma predominante, o discurso teórico, assegurando uma relativa impessoalidade em momentos em que é necessário, sob o prisma científico, assegurar uma pretensa imparcialidade
		Utilizar, de forma secundária, o discurso interativo, para marcar um posicionamento perante o conteúdo temático exposto, marcar elementos do fazer científico – objetivos, justificativa etc. – e conduzir o leitor no percurso textual
		Delimitar as fases das sequências argumentativas e nível macro e microtextual
		Utilizar outros tipos de sequência – explicativa, descritiva, narrativa – de modo a favorecer o desenvolvimento de fases da sequência argumentativa

Mecanismos de textualização (coesão verbal, coesão nominal, conexão)	Capacidades linguístico-discursivas	Utilizar adequadamente recursos de gerenciamento do discurso alheio, separando a voz do autor da voz de teóricos, escritores, etc.
Mecanismos enunciativos (gerenciamento de vozes e modalizações)		Utilizar conectores que organizem e sequenciem as partes do texto, com função meta discursiva
		Utilizar marcadores de explicação para clarificar conceitos, hipóteses e posicionamentos, como “isto é” ou “ou seja”
		Utilizar marcadores de fases da sequência argumentativa (premissa, argumentos, contra-argumentos, conclusão)
		Estabelecer relações causais, finais, consecutivas, condicionais, etc. entre as ideias, partindo para estruturação em período composto por subordinação
		Fazer uso de verbos <i>dicendi</i> , que ajudam na separação de vozes do discurso e na progressão da coesão verbal
		Utilizar modalizações lógicas de modo a atenuar o grau de assertividade em algumas afirmações, reconhecendo o caráter inacabado da natureza ensaística
		Utilizar modalizações apreciativas para demarcar um posicionamento pessoal e assumir a responsabilidade enunciativa

Fonte: elaboração própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, investigamos os ensaios publicados em periódicos científicos de excelência das áreas de Linguística e de Literatura (Letras), em razão das particularidades do contexto de produção. Consideramos, inicialmente, a necessidade de construção de um repertório analítico sobre esses textos que circulam na Academia ainda de forma pouco conhecida mesmo pelas equipes editoriais das revistas (Ferragni, 2011). Além disso, consideramos a necessidade de pensar caminhos didáticos para a promoção de práticas de letramento acadêmico, em virtude da dificuldade apontada pelos alunos na apreensão do gênero (*Diaz et. al.*, 2020).

Assim, apresentamos, uma Revisão Sistemática da Literatura acerca do ensaio no ambiente acadêmico. Identificamos, inicialmente, que a classificação do ensaio como gênero ainda não é consensual nem mesmo nos estudos sobre escrita acadêmica. Todavia, defendemos que as características estilísticas, estruturais e temáticas apresentam uma relativa estabilidade, conforme a definição de gênero de Bakhtin (2003[1979]). Ressalvamos, porém, que o ensaio produzido no contexto universitário brasileiro possui influências e modos de circulação diferentes daqueles produzidos na tradição anglófona e francófona ocidental, em função da tradução de produção do gênero. Desse reconhecimento, então, emergiu a necessidade de pensar diretrizes didáticas para esse gênero, em virtude da escassez de orientações mais diretivas nos materiais analisados.

Para tal empreendimento investigativo, nos apoiamos nos pressupostos teórico-analíticos do Interacionismo Sociodiscursivo, especialmente no entendimento dos textos como práticas de linguagem situadas que regulam as atividades sociais. Especialmente, fundamentamo-nos no aporte de análise dos parâmetros das condições de produção e do folhado textual (Bronckart, 2023) como ferramenta de análise de textos; bem como nos estudos de ensino de línguas de De Pietro e Schneuwly (2003), ilustrados na obra de Lousada *et. al.* (2023).

Dessa forma, metodologicamente, situado no âmbito da Linguística Aplicada, o trabalho é de natureza qualitativa-interpretativista. Para a coleta de dados, realizamos um levantamento nos vinte e um (21) periódicos Qualis Capes A1 da área de Linguística e Literatura para identificar quais deles publicam ensaios e, se sim, qual a quantidade de

textos publicados entre 1 de janeiro de 2019 e 10 de novembro de 2024. Feita essa quantificação, selecionamos os periódicos de cada área que mais publicam o gênero, sendo quatro (4) de Literatura, quatro (4) de Linguística e dois (2) de Letras. Para selecionar um texto de cada periódico, usávamos um *software* de seleção aleatória entre os textos de cada periódico, estabelecendo dez (10) ensaios analisados à luz de Bronckart (2023; 2006).

Assim, para sumarizar a análise, retomamos nossas questões de pesquisa. A primeira delas, *que parâmetros do contexto de produção caracterizam os ensaios produzidos e publicados na área de Letras?*, foi respondida a partir da tese de que o ensaio é submetido, avaliado e publicado de forma clandestina, no sentido de que esse gênero, majoritariamente, não é previsto nas Diretrizes para Autores dos periódicos em que circula. Além disso, identificamos que apesar do lugar físico e social, dos papéis sociais do escritor e do leitor objetivado comum a boa parte dos textos acadêmicos publicados em periódicos, há singularidades no âmbito do conteúdo. No ensaio, a análise não tem como fim o próprio movimento analítico e suas devidas conclusões, mas objetiva um movimento de análise voltado para a problematização, a reformulação ou a ponderação dentro da própria teoria, como um movimento reflexivo.

A segunda questão de pesquisa, *Quais aspectos predominantes da arquitetura interna dos textos caracterizam o gênero ensaio?*, foi respondida no Capítulo 6 da dissertação. Nele, defendemos que a maior maleabilidade do gênero se encontra no nível da planificação do texto e no grau de implicação ou autonomia do autor empírico no conteúdo narrado e sua singularidade reside significativamente no imbricamento com diversos gêneros que circulam a esfera acadêmica. Assim, o identificado foi que, no plano geral, os ensaios atendem ao padrão introdução-desenvolvimento-conclusão, mas de forma nem sempre explícitas. Nos tipos de discursos, o discurso teórico é o predominante, demonstrando as influências do campo científico, mas é observado também momentos de discurso interativo e relato interativo. Não obstante, observamos que o entrecruzamento com outros gêneros, em especial o artigo científico, molda os contornos que esses textos assumem a depender do objetivo da interação, nesse sentido, defendemos uma dimensão caleidoscópica.

Ainda nos capítulos 5 e 6, respondemos a terceira questão de pesquisa do estudo: *Quais as particularidades e aproximações presentes nos ensaios produzidos nas*

*diferentes subáreas?*. Constatamos que as diferenças da cultura disciplinar residiam tanto no âmbito das condições de produção, quanto na arquitetura interna dos ensaios. Na Literatura, área em que o gênero é mais publicado, a clandestinidade é mais acentuada, haja vista a menor previsão nos periódicos. Contudo, os ensaios de Literatura se aproximam, no âmbito da materialidade linguística-discursiva, de forma muito mais evidente do ensaio “tradicional”, sem segmentações em seções, com maiores marcas de implicação no discurso e um uso sutil de modalizações apreciativas mais evidentes. Já os ensaios de Linguística embora sejam mais legitimados no processo de submissão dos periódicos, apresenta uma planificação muito semelhante à do artigo científico e poucas marcas de implicação no discurso, além do pontual ocorrência de modalizações apreciativas.

A partir dessa análise, em diálogo com os fundamentos da Engenharia Didática e com nosso levantamento bibliográfico, conseguimos responder à questão *quais as dimensões ensináveis dos ensaios? E, dessas características, que modelo didático pode ser proposto para esse gênero?*. Identificamos as regularidades presentes nos ensaios sem perder de vista que parte significativa dessas regularidades é a heterogeneidade. Nesse sentido, no Quadro 15, operacionalizamos as dimensões ensaiáveis de acordo com as Capacidades de Linguagem relacionadas.

Com esse empreendimento investigativo, acreditamos ter alçado o objetivo de caracterizar o gênero ensaio acadêmico-científico publicado nos periódicos Qualis Capes A1 das áreas de Linguística e de Literatura. Dessa maneira, enfatizamos o caráter exploratório da pesquisa não somente em função do relativo desconhecimento acerca do ensaio, mas também da ausência de pesquisas que enfatizem esse contexto de produção. Esperamos, com isso, elucidar possibilidades de trabalho com outras culturas disciplinares, inclusive aquelas além dos domínios das Ciências Humanas.

Também, afora do eixo da pesquisa, almejamos que a realização deste estudo promova uma maior reflexão por parte dos periódicos científicos acerca da aceitação ou não do gênero, bem como dos esclarecimentos acerca do seu processo de avaliação. Além disso, objetivamos ter oferecido contribuições para auxiliar os docentes no processo de didatização dos gêneros e, conseqüentemente, intervir no processo de letramento acadêmico de graduandos e pós-graduandos.



## REFERÊNCIAS

## a. Ensaaios analisados

AVANÇO, L. D. Desambiguação do vocábulo jogo a partir de uma análise semântica histórica e o atual contexto de ubiquidade do entretenimento. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 17, p. e1716, 2023.

CATRÓPA, A. Impactos da digitalização sobre a função autor e sobre os modos de acesso ao texto literário. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 1–12., 2024.

LOPES, D. É o fim do mundo e eu me sinto bem. **ALEA**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 129-144, set./dez. 2023.

MORATO, E. M. “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 54, p. e1901, 2023.

PINHEIRO, C; CASSIANO, H. O desafio da plurissemiotividade para Linguística Textual. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 23, p. 1-14, 2023.

PINTO-BAILEY, C. Escrivência, testemunho e Direitos Humanos em Olhos D’água de Conceição Evaristo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai./ago., 2021.

POLESSO, N. B. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 6, p. 1-14, 2020.

SILVANETTO, J. W. Compreensão idiomática mediada com recursos imagéticos: o papel das representações conceituais. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, 2022.

SILVEIRA, E. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 34, n. 3, 2019.

WALTER, R. Vozes ameríndias das Américas: literatura, descolonização e autodeterminação. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 74, n 1, p. 327-345, jan/abr., 2021.

## b. Exemplares textuais

BRAIT, B. Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade. In: FARACO, A.; CRISTOVÃO TEZZA, G. (Orgs.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

## c. Referências bibliográficas

- ADAM, J-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADORNO, T W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. **Notas de Literatura**. São Paulo: Ática, 1994, p. 167-187.
- ANDERY, M. A. P.; MICHELETTO, N.; SÉRIO, T. M. A descoberta da racionalidade no mundo e no homem: a Grécia Antiga. In: ANDERY, M. A. P. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 9-129.
- ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AGUSTINI, C. L.; BORGES, S. Z. Gênero redação ENEM: a experiência de linguagem em uma escrita institucionalizada. **Letras e Letras**, v. 29, n. 2, 2013.
- AVÍLA, Y. del C. El ensayo académico: algunos apuntes para su estudio. **Sapiens: Revista Universitaria de Investigación**. v. 8, n. 1, jun. 2007. p. 147-159.
- ASSIS, J. A. Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didáticas da escrita na universidade. **Estudos Linguísticos**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 801-815, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/482>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- AUERBACH, E. Introdução: O escritor Montaigne. In: MONTAIGNE, M. de. **Os ensaios**: uma seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BACON, F. **Ensaaios**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BASÍLIO, R.; PEREIRA, R. C.; MENEZES, R. A epistemologia científica que subjaz aos estudos da linguagem no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 32, n. 2, p. 405–425, maio 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/VmXmxgfy4qmBBPfjsPDVzxQ/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- BAZERMAN, C. **Social Forms as Habitats for Actions**. Santa Bárbara: Mimeo, 1994.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1991.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BOTELHO, L. S. **Práticas de Letramentos Acadêmicos na Escrita da Monografia: relações de poder na academia**. 2016. 274f. Tese, (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Juiz de Fora.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sobre as áreas de avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, 1 abr. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASILEIRO, A. M. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024.

BRASILEIRO, A. M.; PIMENTA, V. R. A formação do professor universitário e a apropriação de gêneros do metiér docente. *Alfa*, São Paulo, v. 66, p. 1–26, 2020.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Eulália Leurquin e Fábio Carneiro. 2. ed. Fortaleza: Parole et vie, 2023.

BRONCKART, J-P. **Teorias da linguagem: nova introdução crítica**. Trad. Luzia Bueno, Anna Matia Mattos Guimarães, Eliane Lousada [et. al.] Campinas: Mercado de Letras, 2021.

BRONCKART, J-P. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências: por uma renovação do ensino da produção escrita. *Letras*, [S. l.], n. 40, p. 163–176, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12150>. Acesso em: 5 maio. 2025.

BRONCKART, J-P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

BRONCKART, J-P. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. vol. 4, n. 6, março de 2006a. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othéro.

BRONCKART, J-P. Os gêneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações apropriadoras de desenvolvimento. In: BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006b. p. 121–160.

BULEA BRONCKART, E. Tipos de discurso e interpretação do agir: o potencial de desenvolvimento das figuras de ação. *D.E.L.T.A.*, [S. l.], n. 32, v.1, p. 189- 213, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/gcYdwwxPpZbR3S4qf7T4RKh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 mai. 2025.

BÜHLER, K. **Die Krise der Psychologie**. Jena: Fischer, 1927.

CARLINO, P. **Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Trad. Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: UNESP, 2005.

CLAPARÈDE, É. **Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1905.

COSCARELLI, C.; NOVAIS, A. E. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, [S.l.], v. 45, n. 10. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/8118>. Acesso em: 28 out. 2024.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

D'AGUIAR, R. F. Os ensaios, de Montaigne. In: MONTAIGNE, M. de. **Os ensaios: uma seleção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEWEY, J. *How we think*. Amherst, NY: Prometheus, 1910.

DIAZ, A. *et al.* Modelo didático e escrita acadêmica: um estudo do gênero ensaio. In: ENCONTRO DE PESQUISAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO, 2020, São Paulo. **Caderno de Resumos II EN\_LETRA**. São Paulo: [s. n.], 2020. p. 1. Disponível em: [https://letra.fflch.usp.br/sites/letra.fflch.usp.br/files/inline-files/Caderno%20de%20resumos%20-%20II%20En\\_LETRA.pdf](https://letra.fflch.usp.br/sites/letra.fflch.usp.br/files/inline-files/Caderno%20de%20resumos%20-%20II%20En_LETRA.pdf).

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: \_\_\_\_\_ (org). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B.. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: \_\_\_\_\_ (org). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DURKHEIM, É. **Education et sociologie**. Paris: PUF, 1922.

FERRAGINI, N. **Gênero Ensaio: um estudo teórico e metodológico na formação docente inicial**. 279 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

FERRAGINI, N. **Ensaio acadêmico: da teoria à prática em sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina, 2011.

FIAD, R. S. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 6, p. 23-24, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/18424/13732>.

FIAD, R. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 10, n. 4, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1116>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FISHER, A.; PELANDRÉ, N. Letramento acadêmico e a construção de sentidos nas leituras de um gênero. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 569-599, jul./dez. 2010.

FURLANETTO, M. M. Práticas Discursivas: desafio no ensino de Língua Portuguesa. In: CORREA, D. A.; SALEH, P. B. (Org.). **Práticas de letramento no Ensino: leitura, escrita e discurso**. São Paulo: Parábola Editoria, 2007.

FUZA, Â. **A constituição dos discursos escritos em práticas de letramento acadêmico-científicas**. 2015. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas 2015.

GALVÃO, S. C. A. **Do castelo de Périgord à academia: ensaiando o gênero ensaio na UFRN**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 dez. 2024.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (org). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HILDALGO-CAPITÁN, A. L. **El ensayo académico: una guía para la elaboración de ensayos académicos en ciencias sociales**. Huelva: Universidade de Huelva, Servicio de Publicaciones, 2012.

HYLAND, K. Self-citation and self-reference: credibility and promotion in academic publication. **Journal of the American Society of Information, Science and Technology**, v. 54, n. 3, p. 251-259, 2003.

HYLAND, K. **Disciplinary discourses: social interactions in academic writing**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

IVANIČ, R. **Writing And identity: the discorsal construction of identity in academic writing**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan/jun, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417>

LARROSA, J. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>.

LEA, M.; STRET, B. The “academic literacies” model: theory and applications. **Theory into practice**, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.

LILLIS, T. **The sociolinguistics of writing**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

LILLIS, T. **Student Writing: Access, Regulation, Desire**. London: Routledge, 2001.

LOUSADA, E.; DEZUTTER, O. (orgs.) **O letramento acadêmico: competências específicas para desenvolver em estudantes universitários – La littératie académique: des compétences spécifiques à développer chez les étudiants universitaires**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023.

LOUSADA, E. G. *et. al.* (orgs.). **Gêneros Orais e Ensino de Línguas: propostas de pesquisa e dispositivos didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 10, n. 2, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: Teorias, Métodos, Debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237–259.

MACHADO, I. Controvérsias sobre a cientificidade da linguagem. **Líbero**, [S. l.], v. XI, n. 22, p. 63–74, 2008. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/562>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23–37.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MEAD, G.H. **Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MOTTA-ROTH, D.; BAZERMAN, C.. Ação de letramento, produção textual e estudos de gênero: entrevista com Charles Bazerman. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 452–461, 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.133.15>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. Letramento acadêmico-científico: um modelo didático para leitura e produção textual. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, p. 325-248, 2010.

MOURA NEVES, M. H. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 38, 1994. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959>. Acesso em 28 out. 2024.

Navarro, F. Más allá de la alfabetización académica: las funciones de la escritura en educación superior. *In: ALVES, M. A.; BORTOLUZZI, V. (orgs.). Formação de Professores: Ensino, linguagens e tecnologias*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 13-49.

OLIVEIRA, F. C. **Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do Enem**. 2016. 167f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2016.

OLIVEIRA, H.; PEREIRA, R. C. Texto, gênero textual e tipos de discurso: revisitando conceitos-chave na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 12, p. e02310, 2023. DOI: 10.22297/2316-17952023v12e02310. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4782>. Acesso em: 2 mai. 2025.

PAVIANI, J. O ensaio como gênero textual. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS*, 5., 2009, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2009.

PENA, E. B. **Artigo e Ensaio Científicos: dois gêneros e uma só forma?**, Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2005.

PEREIRA, L.; GRAÇA, L. Da conceptualização do contexto de produção e da sua produtividade na didáctica da escrita. *In: GUIMARÃES, A. M.; MACHADO, A. R.;*

COUTINHO, A. **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 117-190.

PEREIRA, R. C. (org.). **Cultura disciplinar e epistemes**: representações na escrita acadêmica. João Pessoa: Ideia, 2019.

PEREIRA, R. C.; BASÍLIO, R.; LEITÃO, P. D. Artigo científico: um gênero caleidoscópico. **DELTA: Documentação De Estudos Em Lingüística Teórica E Aplicada**, v. 33, n. 3, p. 663–695. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4450374918799652768>

PEREIRA, R. C. **Entre conversas e práticas de TCC**. 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2016.

PEREIRA, R. C.; MEDRADO, B.; REICHMANN, C. L. Tecendo a trama: diálogos por entre fios discursivos. In: \_\_\_\_\_. (orgs.) **Letramentos e práticas formativas**: pesquisas tecidas nas entrelinhas do ISD. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

PIETRO, J.F. de; SCHNEUWLY, B. **Le modèle didactique du genre** : un concept de l'ingénierie didactique. Les cahiers THÉODILE-IRDP Neuchâtel et Université de Genève, n. 3, p. 27-52, jan. 2003.

PRADO, Daniela; MORATO, Rodrigo. A redação do ENEM como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios**, n. 29, p. 205-219, 20 mar. 2017.

REYES, N. *et. al.* Experiences with academic writing: A longitudinal study with diverse students. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 29, n. August - December, p. 159, 2021. DOI: 10.14507/epaa.29.6091. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/6091>. Acesso em: 22 nov. 2024.

REYES, N.; NAVARRO, F.; TOPIA-LANDINO, M. Identity, voice, and agency: Key concepts for an inclusive teaching of writing in the university. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 28, p. 98, 2020. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/4722>. Acesso em: 26 nov. 2024.

RODRIGUES, K. C. M. Ensaio: um gênero em busca de sua caracterização. **Intersecções**, 15 ed., v. 8., n. 1, maio, 2015, p. 157-177.

SANTOS, N. **Ensaio e artigo**: confluências e divergências entre dois gêneros na esfera acadêmica. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SAUSSURE, F. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, n. 11, maio/ago., 1999. p. 5-16.



SILVA, D. J. O ensaio em Montaigne: um estilo em filosofia da educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29, Caxambu, MG, 2006. **Trabalhos GT 17 Filosofia da Educação**. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2273-Int.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SILVEIRA, E. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. D.E.L.T.A. [S.l.], n. 34, v. 3, 2018, p. 835-859.

SILVEIRA, R. C. **Textos do discurso científico**: pesquisa, revisão e ensaio. São Paulo: Terracota, 2012.

SKIRIUS, J. **Este centauro de los géneros**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

SOARES, A. **Gêneros Literários**. 6ª. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

SUMIYA, A. H. **Multimodalidade e ensino-aprendizagem de FLE**: a elaboração e implementação de um dispositivo didático por meio de gêneros multimodais e o desenvolvimento de capacidades de linguagem e multissemióticas. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWEENEY, S. Who wrote this? Essay mills and assessment – Considerations regarding contract cheating and AI in higher education. **The International Journal of Management Education**, [S.l.], v. 21, n. 2, 2023.

TONELLI, J. B. **O desenvolvimento das capacidades de linguagem de estudantes de Letras**: um estudo longitudinal por meio dos gêneros textuais produzidos durante a habilitação em francês. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade**: texto e discurso. São Paulo: Parábola, 2019.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **La vie mentale**. Paris: Editions Sociales, 1938.